



Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Licenciatura em Historia

Liliane Lima da Silva

**Festejos sagrados e diversões profanas: a Queima de Judas
em Pé de Serra - BA (1945 - 1996)**

Conceição do Coité

2013

Liliane Lima da Silva

**Festejos sagrados e diversões profanas: a Queima de Judas
em Pé de Serra - BA (1945 - 1996)**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em História, do Departamento de Educação Campus XIV, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como parte do processo avaliativo para obtenção do grau de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Ms. Kleber Simões

Conceição do Coité

2013

AGRADECIMENTOS

Uma etapa de minha vida acadêmica se finaliza, com a certeza que nada seria possível sem a contribuição e apoio de muitas pessoas que de forma direta ou indireta contribuíram para que esta monografia se realizasse. Portanto, gostaria de agradecer imensamente a todos que colaboraram para o desenlace desta pesquisa.

Em primeiro lugar agradeço a Deus por toda determinação que me deu para realizar este trabalho, sendo ele sempre o meu refúgio nas horas de maior apreensão.

Agradeço aos meus pais Waldeney Santos da Silva e Inês Lima da Silva pelos ensinamentos, minha mãe em especial por todo seu esforço e apoio incondicional em todos os momentos de minha vida, pois sem ela não teria sido possível a realização desse sonho. Meus mais que sinceros agradecimentos ao meu irmão Leoney Lima de Silva por me socorrer e me compreender, nas horas de inquietação.

Sou muito grata a todos os professores que contribuíram com seus conhecimentos para o meu processo de formação, em particular, aos professores Iris Verena e Kleber Simões, orientadores deste trabalho, pelo incentivo, sugestões e também pelas críticas, pois me fizeram ver que tinha mais a oferecer. Muito obrigada pelos ensinamentos para a elaboração e realização desta pesquisa.

Aos meus colegas de curso por me proporcionarem momentos inesquecíveis, em especial, a Luciene Braz, Daiany Carneiro, Nelucia Oliveira e Ironaide Santana por terem compartilhado comigo não só os momentos de alegria, mas também as labutas durante todo o curso. Serei eternamente grata a todas pela amizade e pelo incentivo em todos os momentos. Não posso deixar de citar os nomes de Diene Junqueira e Hyago Braz, pelos momentos maravilhosos passados em suas companhias.

A Saulo, meu noivo, pelo seu amor, por sempre me apoiar, compreendendo minha impaciência em alguns momentos, assim como a minha ausência em outros, além de me ajudar diretamente no processo de pesquisa

ao buscar, junto a mim, as fontes necessárias entre os pé-de-serrenses para a realização deste trabalho.

A minha prima Idaiara Silva, minha irmã do coração, pelo apoio, incentivo e ajuda com as entrevistas.

Muito obrigada a todos os pé-de-serrenses, em especial, a todos os entrevistados que abdicou de certo tempo do seu dia para me revelar o que suas memórias tinham guardado, se mostrando dispostos a contribuir com o que fosse possível.

Por fim, obrigada a todos que mesmo não tendo seus nomes citados contribuíram para a realização desse trabalho. No mais, compreendi que a realização de um sonho pode ser adiado, mas perseverar é uma dádiva. Enfim, é concreta a minha conquista.

RESUMO

As festas, de modo geral, enquanto objetos de estudo nos permitem entender os diversos aspectos de uma sociedade, pois não evidencia apenas instantes de lazer, sociabilidade, mas, tensões, valores, etc. Ao fazer a análise de uma festa, é possível saber a religiosidade, a cultura e a história de um deliberado grupo social. Esta monografia mostrará o festejo da Queima de Judas em Pé de Serra-BA, entre o período de 1945 a 1996, expondo a relação entre sagrado e profano, o sentido da festa para os moradores, e como era sua organização antes e depois da emancipação política. Relata o ritual, apontando sua origem, as peculiaridades e mudanças do rito na localidade, além de expor a maneira como o personagem, Judas é reconhecido pelos cristãos católicos e como estes vivenciam a semana santa. Por último, analisa o papel da família Adorno na evolução e manutenção da tradição, visto que, esta pode ser entendida como uma reinvenção de práticas, ou seja, não há uma sobrevivência de todas as características invioladas pelo tempo, sendo preciso à modificação para que se mantenha uma tradição. Além disso, evidenciamos as transformações e permanências, na Queima de Judas, que foram reveladas durante a pesquisa. Para elucidar estas questões, contamos com registros escritos, visuais, audiovisuais e, o método mais significativo, as narrativas dos participantes e moradores que foram de fundamental importância na tentativa de compreender a singularidade da festa em contraposição a outras.

Palavras-Chave: Festejo, Sagrado, Profano, Pé de Serra.

ABSTRACT

The parties generally, as objects of study allow us to understand the various aspects of a society, as evidenced not only moments of leisure, sociability, but tensions valeres, etc. By performing the analysis of a party, you can learn religiosity, culture and history of a deliberate social group. This monograph shows the celebration of the Burning of Judas in the Pé de Serra - BA, between the period 1945 to 1996, exposing the relationship between sacred and profane, the direction of the party for the residents, and how was your organization before and after emancipation policy. Reports the ritual, pointing its origin, the peculiarities and changes of the rite in the locality, in addition to exposing the way the character, Judas, is recognized by the Catholic Christians and how they experience the holy week. Finally, it analyzes the role of the family in Adorno evolution and maintenance of tradition, since this may be understood as a reinvention of practices, ie, there is no survival characteristics inviolate all the time, and the need for change remains a tradition. Furthermore, we observed the changes and continuities in the Burning of Judas, which were revealed during the search. To elucidate these issues, we have written records, visual, and audiovisual, the most significant narratives of the participants and residents who were of fundamental importance in trying to understand the uniqueness of the party in opposition to the other.

Keywords: Celebration, Sacred, Profane, Pé de Serra.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.	08
1. A FESTA MAIS IMPORTANTE DE UM POVO.	15
1.1. História e festa: comentários bibliográficos.	15
1.2. A relação entre sagrado e profano em uma só festa.	22
1.3. A organização da festa.	26
1.4. O sentido da festa para os pé-de-serrenses.	28
2. A QUEIMA DE JUDAS COMO OBJETO DE ESTUDO.	32
2.1. A origem do rito.	32
2.2. Judas sob o olhar da tradição cristã católica.	34
2.3. A Semana Santa em Pé de Serra-BA: fé e folia.	36
2.4. O ritual da Queima de Judas em Pé de Serra-BA: lavagem, testamento e queima.	41
3. O PAPEL DA FAMÍLIA ADORNO NA EVOLUÇÃO E MANUTENÇÃO DA TRADIÇÃO.	52
3.1. Descendência e chegada a Pé de Serra.	52
3.2. Antonio Pereira Adorno: vida como um cidadão pé-de-serrense.	54
3.3. Permanência e mudanças.	56
3.4. A luta dos Adorno para manter viva uma tradição.	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS.	62
REFERÊNCIAS.	64
LISTA DE FONTES.	67
ANEXO.	69

INTRODUÇÃO

Desde tempos remotos se realizava festas para marcar o início ou término de comemorações importantes, sendo estas, principalmente, de cunho religioso, com a finalidade de adorar as divindades sobrenaturais. O Brasil possui uma lista extensa de festas, muitas implantadas pelos colonizadores, e por isso ficou conhecido no exterior como o país do carnaval (AMARAL, 1998, p. 8). Ou seja, somos vistos como um povo que se utiliza de qualquer motivo para festejar, sendo ele de caráter religioso ou apenas profano.

As festas religiosas contam com a participação de inúmeros fieis, e mesmo com todo avanço tecnológico ainda tem um enorme prestígio na vida cotidiana, principalmente em cidades interioranas do Brasil. Esta religiosidade popular é notada através de procissões, missas, romarias, entre outras, ficando evidente que “em pleno século XXI, o ser humano continua procurando a alternativa da fé para resolver seus problemas, expressar seus sentimentos e ativar a memória coletiva” (PASSOS, 2002, p. 165). Mas, todas estas expressões de fé não excluem os atos profanos em meio à manifestação religiosa, sendo estes muitas vezes uma forma de atrair o público.

Por se tornar cada vez mais explícita a ligação entre sagrado e profano, o clero, em meados do século XIX, passou a pregar que os festejos religiosos, estavam se transformando em ensejos propícios para pecados como violência, embriaguez, lascívia, ao invés de serem manobras de piedade (COUTO, 2004, p. 15). Entretanto, Edilece Couto (2004) nos assegura que este catolicismo puro não era vivido nem mesmo pelos clérigos. Podemos supor, então, que o desejo das autoridades na realidade era acabar com as grandes manifestações populares, fosse elas de cunho profano ou religioso.

A historiadora Martha Abreu (1999), nos revela que o preconceito contra as manifestações culturais populares, fez com que se inventassem vários dispositivos, a fim de evitar certas práticas, justificando-as como perigosas (ABREU, 1999, p. 338-339). Ao buscarmos entranhar no mundo da cultura popular percebemos o quanto é complexa e dinâmica, sendo preciso segundo estudiosos da área, um conviver que permita uma aproximação permanente a recriação e resignificação de representações simbólicas da comunidade local.

Michel de Certeau (1995) parafraseando os folcloristas verifica que o popular estava associado “ao natural, ao verdadeiro, ao ingênuo, ao espontâneo, a infância” (CERTEAU, 1995, p. 63).

O autor sugere a não idealização do povo, sendo que este pode exprimir sua cultura de diversas formas. Em sua concepção o objetivo do historiador deve ser “fazer funcionar um conjunto cultural, fazer com que apareçam suas leis, ouvir seus silêncios, estruturar uma paisagem que não poderia ser um simples reflexo, sob pena de nada ser” (CERTEAU, 1995, p. 79-90). A partir destes posicionamentos compreendemos as festas como mecanismo da cultura popular, capazes de fazer revelações diversas sobre um determinado povo.

Para Rita Amaral (1998) uma festa “é capaz de, conforme o contexto, diluir, cristalizar, celebrar, ironizar, ritualizar ou sacralizar a experiência social particular dos grupos que a realiza” (AMARAL, 1998, p. 8). Pensando em evidenciar as revelações que existem envoltas a trajetória de uma festa, tomamos por base a Queima de Judas que acontece a várias décadas em Pé de Serra-BA, sobrevivendo à modernidade global, claro que sofrendo mudanças junto ao crescimento da cidade. É uma festa extremamente popular e na localidade a qual estamos nos referindo, funciona como uma válvula de escape, possibilitando aos pé-de-serrenses momentos de lazer, diversão, mas também de expressarem seus descontentamentos. Deste modo, Abreu (1999) declara que:

As festas são sempre recriadas e reapropriadas, contendo as paixões, os conflitos, as crenças e as esperanças de seus próprios agentes sociais. Ou seja, através das festas, pode-se conhecer melhor a coletividade e a época em que aconteceram (ABREU, 1999, p. 38).

Porém, não se trata de um trabalho fácil, tendo em vista que as mais significativas revelações estão implícitas, demandando muita investigação. O historiador tem que lidar ainda com a questão do tempo, pois para fazer as análises é preciso lidar com o tempo presente e passado, que na visão de Thompson (1998) são realidades inseparáveis como constitutivas do modo de

viver e festejar do povo. Marc Bloch (2001), por sua vez, critica quem define história como a ciência que estuda o passado, já que o historiador precisa usar o presente para explicar o passado, ou seja, segundo o autor “nunca se explica plenamente um fenômeno histórico fora do estudo do seu momento” (BLOCH, 2001, p. 60).

Eric Hobsbawn (1998) ratifica que não é simples analisar a natureza desse “sentido do passado” na comunidade e encontrar suas transformações e mudanças. Entretanto, define o passado como “uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana” (HOBSEBAWN, 1998, p. 22). Quanto ao presente, na sua visão, o que o legitima e o explica não é, propriamente, o passado como durabilidade ou conjunto de pontos de referencia, mas o passado como um método de tornar-se presente (HOBSEBAWN, 1998, p. 30).

No município de Pé de Serra-BA, localizado a 174.8 km da capital, e a 24.49 km de Riachão do Jacuípe, cidade a qual pertenceu até sua emancipação em 1985¹, percebemos o esforço dos moradores em preservar diferentes práticas, que assinalam sua religiosidade e também sua cultura popular. Os sujeitos que compõem a festa, atuam de maneira diferenciada como organizadores, contribuintes, observadores, mas independente da atuação contribuem para formar uma identidade festiva, em meio a diferentes significados e sentimentos.

Com o propósito de mostrar a identidade cultural do povo pé-de-serrense, analisaremos as mudanças ocorridas na tradicional Queima de Judas, entre o período de 1945 a 1996, um dos mais importantes festejos da localidade. O costume de queimar um boneco no sábado de aleluia representando Judas, o traidor de Jesus Cristo, teria começado 1934 segundo relato de moradores. A partir desta data todos os anos o rito se repete, e mesmo sendo evidentes os elementos profanos muitos acreditam ser uma festa puramente religiosa, embora seja nítida a profanação.

¹ Censo realizado pelo IBGE em 2010. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?bahia/pe-de-serra>>. Acesso em: 10 de março de 2013.

Ao investigar uma tradição tão antiga, acreditamos que seja o caminho para analisar a história local, revelando tensões, crenças, identidade, pois é durante a festa que a grande maioria da população se reúne para participar da manifestação. Este trabalho busca, ainda, compreender o crescimento da participação popular na festa ao serem inseridas inovações, e a importância da família Adorno para a evolução e continuidade desta tradição.

O interesse em pesquisar a “Queima de Judas em Pé de Serra-BA”, surgiu por ela fazer parte de uma vivência cotidiana, pois há alguns anos participo da festa, ouvindo os moradores falar que é uma tradição com mais ou menos 80 anos. A partir do momento que ingressei no curso de história, começaram a surgir diante de mim algumas questões que apenas observando a festa em si, não conseguir obter respostas, dentre elas esta: Qual o sentido dessa festa para os moradores? O que levou uma comunidade a manter viva uma tradição, há décadas? Por que a maior parte de sua população só a reconhece como uma festa religiosa, se os atos profanos são evidentes?

Para desenvolver este trabalho foi preciso recorrer à história oral como principal fonte de pesquisa, sendo esta, segundo J. J. Becker (apud Amado e Ferreira, 2005) extremamente útil para preencher as lacunas da história, para compensar a falta de documentação. Portanto, contar com a memória dos moradores mais antigos da cidade, para descreverem a festa narrada por seus pais quando eram crianças, e depois, desde quando começaram a participar, será indispensável para obter respostas sobre as questões existentes.

Ao buscar conhecer um pouco mais sobre este tipo de fonte, seu desenrolar, aceitação, oposições e a forma como é utilizada, as possibilidades de estudo que surgiram a partir dela são muitas. Na busca do conhecimento sobre o assunto, constata-se que na antiguidade autores já se beneficiavam com este método, mas quanto ao Brasil a história oral passa a ser utilizada a partir de meados do século XX, sendo em 1994, oficializada a Associação Brasileira de História Oral.

Segundo Meihy (1996), “uma das razões que explicam a adesão brasileira às práticas da história oral é a insatisfação reinante nos círculos acadêmicos que não mais se comprazem com os resultados anteriores” (MEIHY, 1996, p. 8). Ou seja, esta passa a ser vista como porta voz dos

injustiçados, além de um recurso para se fazer denúncias, por isso, na concepção de Alberti,

A história oral é hoje um caminho interessante para se conhecer e registrar múltiplas possibilidades que se manifestam e dão sentido a formas de vida e escolhas de diferentes grupos sociais, em todas as camadas da sociedade (ALBERTI, 2006, p. 164).

Antes de ganhar espaço nos meios acadêmicos, este método sofre muitas críticas devido à falta de distanciamento do tempo do pesquisador para o objeto pesquisado, por ter como ferramenta de conhecimento a memória. Porém, mesmo com toda resistência, ganha seu espaço e passa a ser reconhecida como metodologia de pesquisa. Com a utilização da história oral, as minorias passam a ter voz e lacunas começam a ser preenchidas, pois este método “permite adentrar aspectos de polêmicas que foram ocultos” (SEBE apud FENELON, p. 30), sem falar que “pode ser aplicada nas mais diversas áreas do conhecimento”. (ALBERTI, p. 156). Portanto, é possível perceber que a cada dia se fortalece, vencendo a opressão da história positivista, que reconhece como sujeitos da história apenas as grandes personalidades, e como documento unicamente aquele escrito.

José Meihy (2005) e Janaina Amado (2005) apresentam as dificuldades em si trabalhar com este tipo de fonte, mas indicam os caminhos a serem percorridos, ao que se deve ficar atento, qual a melhor forma de chegar às respostas necessárias sem induzir o entrevistado a dizer o que se quer ouvir, dentre outras coisas. Nestas obras aparecem as dificuldades, mas também a importância em se trabalhar com a história oral, já que esta permite a construção de uma nova versão para temas já estudados ou mesmo se escrever uma história até então desconhecida. Na opinião de Queiroz (apud Meihy 2005) “através dos séculos, o relato oral constituirá sempre a maior fonte humana de conservação e difusão de saber, o que equivale a dizer a maior fonte de dados para as ciências em geral”. Thompson (1992) acredita que:

A história oral pode ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação, pode ser barreiras, pode devolver as pessoas que fizeram e

vivenciaram a história do lugar fundamental, mediante suas próprias palavras. Contribui para uma reconstrução mais realista do passado (THOMPSON, 1992, p.22).

Mesmo com todos os benefícios desse método, os autores chamam a atenção do pesquisador para que esteja preparado para enfrentar, se preciso for, à recusa do entrevistado em falar sobre uma determinada questão, e as contradições ao se tratar de um mesmo ponto, como fica evidente nestes dois fragmentos, onde os entrevistados se referem às mudanças do boneco de Judas em Pé de Serra no decorrer dos anos:

(...) quando comecei a carregar só era um Judas, o que saia era o mesmo que queimava... aí por ser perigoso começou a fazer um que queima e um que sai na rua. E hoje tem dois... (Entrevista com Antonio Pedro Carneiro em outubro de 2012).

(...) o que sai é o que tem bomba, continua o mesmo, eles fazia um assim... Fogueteiro andou fazendo uns lá separado e tudo, mas o que anda na rua é o mesmo que queima. Até hoje... O que anda na rua é o mesmo que queima que faz ele com espada, com aquelas bombas... Esse negócio de dois inventaram ai... (Entrevista com Astézio Cedraz de Sales em outubro 2012)

Diante desta evidencia o que se aconselha a fazer é não se envolver pela narrativa de uma única pessoa, muito menos tomá-la como verdade, sem contrapor com outros relatos ou fontes. Para Thompson (1992) o historiador/pesquisador deve esta consciente que uma manifestação histórica não será relatada da mesma maneira por todos os participantes, já que cada um lembra o que lhe foi mais importante, o que provocou seu interesse.

Após várias leituras e reflexões, é possível afirmar que um trabalho não deixa de ser valioso por ser baseado em fontes orais, pois assim como qualquer outra fonte necessita de cuidado e análise. Portanto, é mais que comprovado a eficácia deste método, por ser antigo e possibilitar que todos contribuam com seu conhecimento, independente do status social. Lembrando que este método foi adotado para dar vez e voz aqueles que tinham o acesso a educação negada, pois “ao que mais eles podiam recorrer se não a transmissão oral, com sua pesada carga de costumes” (THOMPSON, 1998, p. 15). Ou seja, esta era a única opção para manter viva sua tradição, crenças, costumes, já que a leitura era restrita a poucos. A escolha dos entrevistados foi

baseada no envolvimento e no tempo que já participam da festa, sendo pessoas com idades entre 40 e 78 anos.

Este trabalho está estruturado em três capítulos. No primeiro capítulo, mostraremos o festejar como objeto de estudo da historiografia, evidenciando as inúmeras revelações feitas por esta manifestação da cultura popular. Além disso, será possível acompanhar a organização da festa em estudo, a fim de revelar se havia hierarquização entre os participantes, e revelar seus aspectos sagrados e profanos, compreendendo que estes elementos se completam em tal ambiente festivo. E, para finalizar o capítulo revelaremos o sentido da festa, a Queima de Judas, para a comunidade que a mantém viva a mais ou menos oito décadas.

O segundo capítulo evidenciará a provável origem do rito da queima de Judas, como o personagem Judas é visto pelos católicos, e as dúvidas que pairam sobre o verdadeiro papel desempenhado por ele se de vilão ou herói. Também, mostraremos como os pé-de-serrenses se comportam durante esta semana santa, sendo visível a interação entre fé e folia. Por fim, revelaremos o ritual como acontece em Pé de Serra, que se divide em três etapas: lavagem, leitura do testamento e queima, apresentando as muitas revelações encontradas em todo desenrolar da comemoração.

No último capítulo discorreremos sobre a importância da família Adorno que tem o nome associado à festa desde 1945, quando o primeiro membro desta família confeccionou o Judas, permanecendo até os dias de hoje como os responsáveis por fazer o boneco e os fogos. Ao traçar uma pequena biografia de Antonio Pereira Adorno, primeiro Adorno a habitar em Pé de Serra, vemos a possibilidade de perceber o perfil social de uma comunidade. Além disso, será exposta a luta desta família para manter viva uma tradição passada de geração para geração, e para isso buscam fazer inovações, mudanças, a fim de atrair um maior público a cada ano, e serem reconhecidos por tal feito.

1. A FESTA MAIS IMPORTANTE DE UM POVO

1.1. História e festa: comentários bibliográficos

No Brasil existem milhares de festas, e muitas destas festividades foram trazidas por europeus e resignificadas, sendo a maior parte de cunho religioso. Bakhtin (2008) nos assegura que toda festa tem uma ligação com a religiosidade, visto que, até “mesmo o carnaval, que não coincidia com nenhum fato da história sagrada realizava-se nos últimos dias que precediam a grande quaresma” (BAKHTIN, 2008, p. 7). As festas religiosas, por sua vez, possibilitam a análise da fé e vivências de um povo, delimitadas por um tempo e pela identidade coletiva, e era nessas festas que se expressava a religiosidade popular. Lembrando que, Mauro Passos (2002) salienta que apenas nos três primeiros séculos de colonização imperou o catolicismo tradicional, e foi a partir dele que surgiu o catolicismo popular.

A religiosidade popular se deu porque os indivíduos recebiam os ensinamentos cristãos, professados pela igreja católica, mas incluía outras práticas religiosas, conceituando a religião popular, conforme folcloristas, como “um conjunto de sobrevivências pagãs, superstições e gestos mágicos, imbricados com traços de cristianismo” (COUTO, 2004, p. 41). Mas, ao apresentarem estas contribuições diversificadas, colaborou para modelar a nossa cultura brasileira.

Edilece Couto (2004), em sua pesquisa, procura problematizar as transformações ocorridas nas festas religiosas estudadas, mostrando a tentativa de reforma e moralização dos costumes no sertão baiano, durante o século XIX. Sendo que, a reforma pretendida não era apenas no espaço físico, mas nos hábitos da população, desejando “impedir a mendicância, os cultos místicos ou religiosos não católicos e as diversas formas de manifestações lúdicas populares” (COUTO, 2004, p. 36). Toda sociedade baiana, independente de status sociais, almejava o melhoramento estético de Salvador, porém quando se tratava da mudança de costumes havia uma persistência pela tradição.

Naquela época as autoridades católicas desejavam mudar a religiosidade dos leigos, acreditando que para isso era preciso purificar as festas de santos, pois estas estavam impregnadas de elementos profanos. E, os devotos baianos transitavam, sem nenhum sentimento de culpa, entre os rituais católicos e os afro-brasileiros, desagradando o clero. Segundo João José Reis (1991) as irmandades até o período imperial foram importantíssimas na difusão do catolicismo popular. Entretanto, conforme nos fala Couto (2004), assim como a cultura, a religiosidade popular foi descoberta tarde pelo historiador, visto que outras áreas já se utilizavam desta há muito tempo.

As festas sempre tiveram importância na tradição e cultura dos povos, fossem elas religiosas ou não, mas por muito tempo foram ignoradas pelos historiadores que viam apenas “as comemorações cívicas ou as datas consideradas significativas para a história da nação” (ALBUQUERQUE JR, 2011, p. 134) como merecedoras de alguma menção. Ficando a cargo de folcloristas a função de expor as manifestações festivas, vista como expressões dos costumes e do espírito nacional.

Mas, na década de 1970 a historiografia começa a utilizar a temática festa, isso porque historiadores ligados a nova história cultural decidiram se penetrar em outros saberes (VAINFAS, 1997). A partir da historiografia os festejos ganham visibilidade e espaços antes tidos como lugar de badernas, são vistos como possibilitadores de conhecer e fazer descobertas sobre as vivências cotidianas de uma comunidade. Ou seja, ao se apelar para uma festa como objeto de estudo o historiador visualiza diversas possibilidades de estudo, por esta ser carregada de representações e significados, além disso, segundo Roger Chartier (1990) permite vermos uma coisa ausente.

A história social e cultural fez com que se ampliasse a noção de fontes, tornando inúmeros os objetos de pesquisa e permitindo se analisar práticas de povos reconhecidos como marginais pela história oficial. Com a nova história cultural, historiadores começam a dar ênfase às manifestações das massas até então anônimas. Na visão de Chartier (1990), “a história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 16-17).

Como nos afirma Marc Bloch (2001) “o objeto da história é, por natureza, o homem” (BLOCH, 2001, p. 54), portanto, o historiador busca descobrir respostas através de suas vivências, e através do ambiente festivo pode-se encontrar muitas revelações. Para Martha Abreu (1999), as festas de modo geral são um “atraente caminho para se conhecer uma coletividade, suas identidades, valores e tensões, através das atitudes, dos comportamentos, dos gestos e do imaginário presentes em suas celebrações” (ABREU, 1999, p. 38). Já Mikhail Bakhtin (2008) faz o seguinte juízo sobre as festas de um modo geral:

As festividades (qualquer que seja o seu tipo) são uma forma primordial, marcante, da civilização humana. Não é preciso considerá-las nem explicá-las como um produto das condições e finalidades práticas do trabalho coletivo nem, interpretação mais vulgar ainda, da necessidade biológica (fisiológica) de descanso periódico. As festividades tiveram sempre um conteúdo essencial, um sentido profundo, exprimiram sempre uma concepção do mundo (BAKHTIN, 2008, p. 7).

Muitos autores atribuem a importância da temática festa ao fato de ser um acontecimento vivido coletivamente, sendo possível durante os festejos, encontrar pessoas diversas, independente das diferenças sociais e étnicas. Todos ocupam um mesmo espaço seja para brincar, comemorar, festejar algo, ou até mesmo para protestar. Nas festas se encontra o local perfeito para encontro e comunicação entre diferentes segmentos sociais, como ressalta Abreu (1999), “as pessoas que as freqüentavam, apesar de suas diferenças e possíveis conflitos, tinham a oportunidade de compartilhar e intercambiar risos, movimentos, ritmos e danças variadas” (ABREU, 1999, p. 159-160). Rita Amaral (1998), assim se refere ao papel desempenhado por uma festa:

A festa não só é um fenômeno social, como constitui simultaneamente, um fundamento de comunicação, uma das expressões mais completas e “perfeitas” das utopias humanas de igualdade, liberdade e fraternidade (AMARAL, 1998, p. 22).

Lavezzo (2003) é outro que também se pronuncia quanto à importância das festas na vida de uma sociedade ao dizer que,

[...] podemos conceber que a festa pode ser momento de encontro, reconciliação, harmonização, permitindo que sejam reforçados os laços de solidariedade e sociabilidade entre os homens (LAVEZZO, 2003, p. 23).

Como vimos, as festas populares têm o papel de aproximar e de reforçar a solidariedade, podendo ser consideradas como tradutoras da cultura popular, pois os que praticam revelam seus costumes, ao transformarem e recriarem o espaço no qual vivem, além de comunicar a seu grupo social. Porém, na visão de Roberto da Matta (1990), durante os festejos o mundo hierárquico no qual vivemos oferece mais aberturas do que aquela que realmente podemos entrar, sendo as festas profanas mais propícias para a confusão das regras de hierarquia (MATTA, 1990, p. 96).

A maioria das obras bibliográficas que usam os folguedos como objeto de estudo acarreta semelhantes compreensões sobre os divertimentos, pois miram o olhar nos diálogos sociais e nas identidades múltiplas. Isso fica claro nas palavras de Maria Clementina Cunha (2001), quando proferi que:

Ao escrever, todos olhamos para as festas em busca dos sujeitos, das tensões, da constituição de relações privilegiadas e das formas pelas quais, nestas ocasiões privilegiadas em que se costuma encenar um risonho congraçamento, processa-se um diálogo social tenso e intenso. Persequimos também as identidades múltiplas e cambiantes que se estabelecem entre os seus participantes e procuramos focar nossas lentes no detalhe, na especificidade e naquilo que é capaz de diferenciar uma festa da outra e dissociar um festeiro do outro em uma mesma celebração (CUNHA, 2001, p. 47).

Para Del Priori (2000), que foca seu estudo na noção de mentalidades, procurando saber o significado do festejar para diferentes grupos sociais no Brasil durante o período colonial, as festas seriam momentos para expressar o descontentamento e também buscar opções para a ordem, mesmo que na maioria das vezes estas “utopias” fossem expressas como sátiras ou brincadeiras inofensivas.

É no mínimo curioso, ou talvez muito significativo como alega Albuquerque Júnior (2011), que “uma das primeiras obras de historiadores contemporâneos no Brasil a ter no título a palavra festa tratava de morte, dos rituais e significados para os diversos grupos sociais” (ALBUQUERQUE JR,

2011, p. 140). Reis (1991), em *A Morte é uma Festa*, evidencia a revolta das camadas populares de Salvador, sendo contrária a proibição dos enterros dentro das igrejas e ao monopólio destes, por empresas privadas. A revolta foi visualizada, pelo historiador, como o espaço para se observar as diferenças do significado da morte e sepultamento para a elite reformadora e para os populares. Estes divergiam sobre como devia ser feitos estes rituais, pois os grupos dominantes não acreditavam que a morte tinha um caráter festivo, diferente dos populares.

Em seu livro *O Império do Divino: Festas Religiosas e Cultura Popular no Rio de Janeiro*, Martha Abreu (1999), discute a festa do Divino no século XIX para compreender a história do Rio de Janeiro naquela época, e “embora em sua introdução admita o caráter pouco preciso da noção de cultura popular, dela faz uso durante toda obra” (ALBUQUERQUE JR, 2011, p. 141), mostrando as alterações sofridas pela festa naquele século. No decorrer de sua descrição da festa, a autora, aponta os conflitos, tensões e até mesmo as alianças, mostrando as significações que os diferentes agentes lhes atribuíam.

Martha Abreu (1999) dá ênfase ao conceito de cultura popular, afirmando que:

Reforça a perspectiva de existência de diferentes significados sociais em torno das manifestações culturais coletivas, como as festas religiosas, principalmente por ocasião de análises que coloquem em foco embates entre valores/comportamentos e políticas de controle. Cultura popular não é um conjunto fixo de práticas ou textos, nem um conceito definido aplicável a qualquer período histórico (ABREU, 1999, p. 28).

Quando se fala em cultura popular de imediato nos recordamos das práticas culturais ligadas à classe oprimida, dominada, mas também evoca o conhecimento produzido ou participado pelo povo. Esta cultura, segundo Thompson (1998), se reveste de costume e sofre influências externas, assumindo sua forma “em oposição aos limites e controles impostos pelos governantes” (THOMPSON, 1998, p. 17). Para Brito (2013) “as festas populares traduzem a cultura popular [...] é algo criado pelo povo de cada lugar, é uma herança que o grupo social transmite a seus membros por meio da aprendizagem e da convivência” (BRITO, 2013, p. 18).

Levando em conta o trabalho de Laraia (2004), sobre cultura, constatamos que os antropólogos descreviam os costumes culturais dos indivíduos, no tempo ao qual estavam inseridos, compreendendo a formação de uma sociedade que vai muito além da abordagem feita pela história oficial. Portanto, acreditavam que o homem é o produto resultante do meio cultural em que foi socializado, e que cada cultura segue caminhos diversos de acordo aos diferentes eventos históricos que enfrentou (LARAIA, 2004, p. 36). O autor se manifesta da seguinte maneira:

Ele é herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam. A manifestação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. Estas não são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade (LARAIA, 2004, p. 45).

Ao se falar em cultura nomes de autores como Roger Chartier, Mikhail Bakhtin e Peter Burke se tornam referências, sendo trivial a toda a observação sobre o risco de definir o conceito de cultura popular. No entanto, distinguem-se sobre as perspectivas e declarações sobre o que seria a cultura popular. Os autores que se utilizam do conceito “cultura”, confessam ser complexo o seu manuseio, sendo necessário um conviver que possibilite uma aproximação a permanente recriação e resignificação dos símbolos da comunidade estudada. Já dizia Thompson (1998):

Não podemos esquecer que “cultura” é um termo emaranhado, que, ao reunir tantas atividades e atributos em um só feixe, pode na verdade confundir ou ocultar distinções que precisam ser feitas. Será necessário desfazer o feixe e examinar com mais cuidado os seus componentes: ritos, modos simbólicos, os atributos culturais da hegemonia, a transmissão do costume de geração para geração e o desenvolvimento do costume sob formas historicamente específicas das relações sociais e de trabalho (THOMPSON, 1998, p. 22).

Burke (2010), por exemplo, vê cultura como “um sistema de significados, atitudes e valores compartilhados, e as formas simbólicas (apresentações) nas quais elas se expressam ou se incorporam” (BURKE, 2010, p. 22), e quanto à cultura popular interpreta de forma negativa, por não ser uma cultura elitizada. Já Bakhtin (2008), a partir da obra de Rabelais, preocupa-se em distinguir os

mundos culturais, acreditando ele que a “cultura popular da Idade Média distingue-se da cultura “oficial” da época por três grandes manifestações: os ritos e espetáculos (carnaval), as obras cômicas verbais e o vocabulário grosseiro” (KUSCHNIR, 1993, p. 78).

Ginzburg (1989), ao inspirar-se em Bakhtin, recomenda o conceito de circularidade cultural, defendendo a existência de uma influência recíproca entre as classes dominantes e as subalternas. E, lembra ao historiador sobre a importância da investigação e do lidar com a relatividade, antes que se faça qualquer conclusão. Após analisar as obras, dos dois autores, concordamos com o posicionamento de Kuschnir (1993), quando conclui que “em Ginzburg a cultura popular parece ter sabor da intuição indiciária, da adrenalina das histórias de Sherlock Holmes”, enquanto, “para Bakhtin, é da cultura popular que se apreende uma sabedoria especial, uma ética de múltiplas possibilidades” (KUSCHNIR, 1993, p. 87).

Podemos atribuir à grande importância da cultura popular ao fato de conservar por várias gerações fatos históricos que marcaram a existência de um determinado povo. Isso na maior parte da vezes, sem contar com nada escrito, pois é passada de geração para geração por meio da oralidade, se encaixando neste quadro a Queima de Judas que é uma prática popular que a séculos se mantém entranhada nas comemorações brasileiras, e a mais ou menos 80 anos em Pé de Serra-BA.

Os estudos aos quais recorreremos para a construção deste trabalho são muito importantes no âmbito da historiografia brasileira, pois tornam as festas, um acontecimento lúdico, grandes reveladoras dos fatos de uma sociedade, ao analisar a sua história. Portanto, podemos concluir, assim como os estudiosos, que cultura e festa mostram as pessoas envolvidas como “agentes da sua própria história”, e ao evidenciar suas artes culturais divulga sua tradição e conhecimento, sendo uma relevante maneira dos sujeitos deixarem suas contribuições e registros na sociedade.

1.2. A relação entre sagrado e profano em uma só festa

Não existe uma única classificação que diferencie estes dois elementos – o sagrado e o profano –, encontramos várias formas de interpretação, variando de acordo a cada religião e cultura (...). Percebemos uma relação, ou seja, uma junção entre folia e religião desde as tradições cristãs da Idade Média (CARNEIRO, 2010, p. 27).

Esta citação evidencia o que muitos religiosos insistem em negar, que sagrado e profano estão interligados nas festas religiosas. Como nos mostra a pesquisa de Edilece Couto (2004), quando nos diz que apesar do clero, almejar separar o sagrado do profano, os historiadores da igreja no Brasil “afirmam que o catolicismo puro não é vivido nem mesmo pelo clero” (COUTO, 2004, p.47).

Martha Abreu (1999) evidencia as práticas religiosas marcadas por manifestações profanas, no século XIX, mostrando o desagrado por parte de autoridades civis e religiosas com as festas por confundirem as “sagradas com as profanas, tanto nas comemorações externas como nas que eram realizadas dentro das igrejas” (ABREU, 1999, p. 34). Pois, as pomposas missas da época, contavam com músicas mundanas, procissões, dentre outras, e ainda “eram partes importantes as danças, coretos, fogos de artifício e barracas de comidas e bebidas” (ABREU, 1999, p. 34).

Por ser uma manifestação popular em que se fazia uma mistura entre devoção religiosa e diversões profanas, a festa do Divino no Campo de Santana era a que prometia mais que todas (ABREU, 1999, p. 65). Esta mescla entre sagrado e profano, também era percebida em Pé de Serra-BA que durante suas festas religiosas, segundo a senhora Ivone², costumava organizar coretos (ver figura 1) para cantar dentro da igreja, procissões, e não dispensavam os fogos de artifício nem as barracas na praça da igreja.

² Entrevista realizada com Ivone Pereira Adorno em março de 2013.



Figura 1: Coreto se apresentando na igreja, 1984³.

Em Pé de Serra, as pessoas não se dirigiam a uma festa religiosa apenas para partilhar de um ritual ou comemorar um santo, mas tinham interesses múltiplos que iam desde a fé, diversão, ao namoro. Isto se faz presente na Queima de Judas, momento no qual os jovens aproveitavam para flertar, pois é um dos, se não o maior, evento social em que reúne mais participantes, oportunidade de conhecer gente nova e até mesmo encontrar seus conterrâneos.

A ligação da igreja com a Queima de Judas é confirmada ao constatar que a comissão organizadora da festa da igreja era a mesma responsável pela do Judas, e isso só veio a mudar após sua emancipação política. Assim nos confirma o senhor Rildo Oliveira Rios:

(...) o presidente da festa no caso de agosto era quem organizava a lavagem do Juda. (...) A festa estava diretamente ligada a igreja...Então, quem organizava a festa do Judas era o presidente da festa do padroeiro do Bom Jesus (...), depois que Pé de Serra emancipou, tiveram algumas mudanças, aí quem organiza a festa do Judas hoje é a prefeitura (Entrevista realizada com Rildo Oliveira Rios em setembro de 2013).

³ Encontrada em acervo pessoal da família Adorno.

Em geral, as manifestações festivas são divididas em dois grupos as religiosas e as profanas, porém sabemos que isto não é possível porque uma completa a outra (AMARAL, 1998, p. 28). No entanto, independente de como sejam classificadas, as festas em si são uma forma de lazer rica em “criatividade, convivialidade e comunhão comunitária” (BUENO, 2008, p. 51), ou seja, independente de qual seja, cria um espaço essencial para fortalecer e nutrir a rede das relações sociais.

Em Pé de Serra não é diferente, e durante a semana santa o sagrado e o profano estão de mãos dadas, pois durante as comemorações as pessoas aproveitam para cometer vários excessos. No sábado de aleluia o profano se torna muito mais explícito que o sagrado, já que todas as atenções estão voltadas para a Queima de Judas, sendo os festejos em torno deste personagem iniciados à tarde com a lavagem, onde as pessoas dançavam embalados pelas marchinhas carnavalescas e consomem em excesso bebidas alcoólicas. Ficando evidente ao observarmos a fala de dois moradores, ao serem indagados sobre a distribuição de bebida na lavagem.

Distribuía...toda vida...o lito de pitu (risos)...Eu mesmo era mestra pra toda hora que tava na rua, pegava uma garrafa, o povo bebendo e eu me dá aí (risos)... Não era pouquinho não era muito (risos), hoje não que eu sou hipertensa, não posso mais beber. Mais antigamente era um pau d'água arruinado (risos)...Eu tanto dançava. Tanto pulava como bebia (Entrevista realizada com Ivone Pereira Adorno em março de 2013).

Vigi é bebida, é bebida que deixa todo mundo bêbado (risos)... Quem ta no meio e bota no copo (risos)... É uma fusaca boa da porra (Entrevista realizada com Astézio Cedraz Sales em outubro de 2012).

Portanto, é possível perceber que o consumo de álcool era intenso, havendo uma distância entre teoria, o aconselhado pelos religiosos católicos, e a prática dos fiéis católicos. Mas, todos os excessos se levarmos em consideração as palavras Freud (apud Lavezzo, 2003) é permitido, pois “os homens não se entregam aos excessos para que sejam felizes por uma ordem recebida”, mas “o excesso está na própria natureza de toda a festa, o humor festivo é provocado pela liberdade de fazer o que de outro modo é proibido”

(LAVEZZO, 2003, p. 12), por isso a necessidade tão grande das sociedades em fazer festas.

O trabalho de Mircea Eliade (2001), procura mostrar as diferenças entre o sagrado e o profano, mas também como eles se encontram nas manifestações religiosas. Sendo que, o tempo aparece diferenciado para sagrado e não-sagrado, pois o homem religioso vive em duas espécies de tempo, sendo este “reversível e recuperável”, enquanto, para o não-religioso o tempo é contínuo. Na opinião da autora, as festas religiosas servem para manter viva nos homens a sacralidade dos modelos que se iniciou e mesmo “o homem que optou por uma vida profana não consegue abolir completamente o comportamento religioso” (ELIADE, 2001, p. 27). A vida religiosa, portanto, tem muito haver com o momento histórico e a cultura de um determinado povo.

Em Pé de Serra, percebemos que junto às manifestações religiosas os pé-de-serrenses introduziam elementos tidos como profanos, como dança, música, encenação de peças teatrais e comida. Ou seja, a Semana Santa na localidade encontra-se repleta de atos profanos, porém, parte significativa dos moradores a veem apenas como religiosa. E, entre os entrevistados não encontramos nenhum que mostrasse aversão as inovações acrescentadas com o tempo, nem contra as atividades consideradas profanas.

O festejar para os povos são momentos de brincadeira, descontração, onde o comportamento é dominado pela liberdade decorrente da suspensão temporária das regras hierárquicas. As festas, independente de serem religiosas ou não são capazes de unir o povo, que se mostram interessados pela mesma coisa, a diversão. Além disso, as festas permitem uma espécie de neutralização de posições, como afirma Da Matta (1990) ao se referir as festas religiosas, como é possível ver no fragmento a seguir:

As festas religiosas, por colocarem lado a lado e num mesmo momento o povo e as autoridades, os santos e os pecadores, os homens sadios e os doentes, atualizam em seu discurso uma sistemática neutralização de posições, grupos e categorias sociais, exercendo uma espécie de Pax Catholica (DA MATTA, 1990, p. 58).

As comemorações são reconhecidas por ser um ambiente no qual é possível encontrar pessoas de todos os segmentos sociais, diferentes etnias,

crenças. Mas, mesmo sendo visível esse encontro entre diferentes, sabemos que em meio a essa vivência ocorre uma diferenciação, um tipo de hierarquia, ou seja, embora estejam todos juntos a posição ocupada por cada um é variável de acordo a cada pessoa, a sua representação naquela sociedade.

Na festa da Queima de Judas, por exemplo, percebemos que embora todos estejam ocupando o mesmo espaço, independente de suas diferenças, a uma hierarquia, pois a família Adorno que é responsável pela produção do boneco e dos fogos a mais de seis décadas tinha o poder de escolher quem seria o carregador do boneco, além de serem reconhecidos em toda cidade. A família Rios, também se destaca na festa por ser autores dos testamentos, mesmo que contando com a ajuda de outros moradores, e mesmo que um membro tenha assumido a desmotivação em fazê-los não demonstra vontade de encarregar outra família a função de fazer os testamentos.

Enfim, ao realizar diversas leituras sobre o tema, chegamos à compreensão que independente de qual seja, as festas apresentam conflitos, possibilita a integração social, proporciona diversão e mantém viva a identidade, a cultura de um povo.

1.3. A organização da festa

A festa é para o historiador uma manifestação reveladora não apenas por mostrar os momentos de comemoração de uma localidade, mas por apresentar as vivências cotidianas proferidas através de sua realização e organização. Como evidencia Abreu (1999) uma festa pode ser entendida como uma forma de acompanhar as manifestações culturais dos populares, além de sua transformação na história, sendo espaços de construção da identidade do sujeito, visto que não é isolada, estando ligada a sua vida (ABREU, 1999, p. 383). Agora, vejamos o que a organização da festa em estudo tem a nos revelar.

O festejo da semana santa em Pé de Serra, tendo como atração a Queima de Judas, ocorre desde 1934 quando alguns moradores tiveram a idéia

de fazer um boneco para representar Judas, o personagem mais odiado entre os cristãos, e ser malhado e queimado no sábado de aleluia. O boneco era feito de madeira e pano velho, com poucas bombas, sendo aceso manualmente na noite do sábado por volta de 00:00h sempre depois do término da missa⁴.

Com o tempo houve conseqüentemente o crescimento do povoado, pertencente à cidade de Riachão do Jacuípe-BA, e da população, e junto a isso ocorrem melhorias na confecção do boneco, que a partir de 1945, passa a ter uma outra roupagem. Neste ano os idealizadores da festa, pensando em incrementá-la, vão até a cidade de Tanquinho - BA, em busca de uma família de fogueteiros famosos na região, que fazia o Judas daquela cidade com muito esplendor, contando com lavagem do Judas pelas principais ruas, testamento, show pirotécnico, e a queima do boneco em praça pública.

A partir de 1945, ano escolhido para começarmos a fazer a análise da festa, é quando pela primeira vez, dois fogueteiros da família Adorno vão a Pé de Serra, e fazem uma produção nunca antes vista pelos moradores, semelhante à de Tanquinho, deixando os moradores felizes, encantados com o espetáculo que presenciaram. Mas, para que esta festa contasse com mais adereços, um grupo de moradores se uniam em busca de patrocínio dos demais habitantes, fossem eles simples trabalhadores rurais, comerciantes ou fazendeiros, todos eram incitados a contribuir para que a festa fosse realizada com sucesso.

Inexistem relatos sobre contarem com o apoio financeiro da prefeitura do município ao qual pertenciam durante todos os anos que se manteve como povoado. Isso fica claro na fala dos entrevistados ao afirmarem que para cobrir os gastos feitos se utilizava a arrecadação de doações diversas, desde bezerro, carneiros, litros de bebidas alcoólicas a outras coisas de menor valor, sendo estas exportas na mesa do leilão, e em meio a brincadeiras as pessoas iam arrematando e ofertando aos amigos presentes que ao receber, sentiam-se na obrigação de arrematar outra prenda e oferecer para o mesmo ou para outro amigo. Esta comissão organizadora era a mesma responsável pela festa da

⁴ Parágrafo baseado nas entrevistas de Astézio Cedraz Sales e Rildo Oliveira Rios, gravadas respectivamente em outubro de 2012 e setembro de 2013.

igreja, confirmando a ligação direta da igreja com a festa, cabendo-lhes a responsabilidade de administrar todo o dinheiro arrecadado com as doações e custear todos os gastos.

Isto, só mudou a partir de 1985 com a emancipação política de Pé de Serra cabendo, então, a prefeitura os gastos. Porém, além desses que cuidavam da parte financeira, havia pessoas que estavam ligadas a organização da festa diretamente, sendo uma delas o senhor Antonio Adorno, que segundo sua filha, Ivone Adorno, era quem escolhia o carregador do Judas e convocava as pessoas para saírem mascarados⁵. Um pequeno grupo, também, se encarregava de fazer o testamento a ser lido antes da queima, e outros se encarregavam de confeccionar as máscaras usadas durante a lavagem do Judas.

Um fato curioso que percebemos é a ausência na fala dos entrevistados, sobre mulheres participando ativamente dos preparativos da festa. Provavelmente, estas ficavam encarregadas da parte que acontecia dentro da igreja, como a arrumação do templo, pois não a nenhum relato de moradoras participando da construção do Judas, confecção dos testamentos e de sua leitura, nem da confecção das máscaras.

Fica evidente que muitos eram os envolvidos com o evento e por isso tantos anos depois a tradição se mantém ativa, sendo perceptíveis muitas mudanças, no entanto, o coletivismo em prol da festa é visto em todos os anos nos quais esta foi estudada.

1.4. O sentido da festa para os pé-de-serrenses

Para os pé-de-serrenses a Queima de Judas é uma festa muito importante, pois unia toda a comunidade, sendo compreendida como uma festa democrática, reunindo pessoas de diferentes idades, crenças, classe social e étnica. E, no entendimento de Albuquerque Junior (2011) as festas podem ser consideradas como eventos significativos, justamente porque proporcionam a recuperação da própria participação dos agentes populares na vida social. A

⁵ Pessoas caracterizadas com máscaras de monstros.

comunidade, por sua vez, participava do evento de várias formas, como organizadores, doadores de prendas ou como participantes, admiradores mesmo.

Através de um festejo como este podemos conhecer o contexto social da época em que se pratica, os possíveis conflitos, os movimentos culturais, a religiosidade. Na localidade a maior parte da população acreditava que a festa era religiosa, atribuindo isso ao fato de ocorrer na semana santa e com o intuito de castigar o traidor de Jesus Cristo, além disso, seus organizadores por muito tempo eram os mesmos responsáveis pelas festas da igreja.

Os moradores também lhe atribuem importância por ser atrativa, conseguindo reunir um significativo número de visitantes, sendo que este cresceu a partir das inovações que foram sendo instaladas após a emancipação política em 1985. O senhor Rildo, lembra que os visitantes começavam a chegar a partir da sexta-feira para subir a serra, e que o maior fluxo de gente aquecia o comércio, fazendo os comerciantes criarem expectativas de lucros maiores na época. Pois, o aumento no consumo se dava pelos visitantes e pelos próprios moradores que compravam mais alimentos a espera dos parentes e amigos que moravam fora, além de produtos imperecíveis.

É importante frisar que “a festa dos turistas não é a mesma dos habitantes, que vêem nela os sentidos profundos por dominarem um código que o turista não alcança, por jamais ter vivido ali” (AMARAL, 1998, p. 81). Entre os moradores, a quem reconheça o valor da festa, por esta permitir que aja a reunião de pessoas diferentes em um mesmo ambiente. Além de manter viva a história da família Adorno, que luta pela sua permanência, e por representar um bem imaterial daquele povo, fazendo parte de suas manifestações culturais. O senhor Rildo, assim discorre sobre a importância da festa:

[...] é a melhor festa do município de Pé de Serra. Porque é uma festa democrática que envolve rico, pobre, branco, preto, gordo, magro [...]. O primeiro ponto na minha humilde visão é de você manter a história das manifestações artísticas e culturais de um povo. É você manter a história da família dos Adorno, de Antonio Fogueteiro, porque eles tem...talvez não seja nada material, mas é um bem imaterial, é um

bem que talvez que daqui a 500 mil anos alguém vá lembrar (Entrevista realizada com Rildo Oliveira Rios em setembro de 2013).

Esta festa representa muito para os pé-de-serrenses que se orgulham de manterem esta tradição a mais ou menos oito décadas, instaurando inovações que a tornou conhecida em várias cidades baianas e até mesmo em outros estados brasileiros. A notabilidade desta festa, principalmente a partir de meados de 1990, fez com que o número de turistas crescesse, deixando os moradores envaidecidos. Este importante bem imaterial os levou a não desejarem o fim dessa tradição, e este desejo fez os Adorno prosseguirem o trabalho do pai, após sua morte, assim como, a família Rios continuou a fazer os testamentos. O desejo pela permanência desta festa, independente de crenças, foi registrado em todos os depoimentos, como podem ser observado.

[...] eu acredito e quero que essa festa não se acabe nunca, porque é uma festa de muitos anos, uma festa muito forte e...agora, assim, essas pessoas ta em transformação. A tecnologia ta aí, as coisas estão mudando, mas assim, enquanto tiver a lavagem, essas manifestações, as crianças pequenas vão ver, vão crescer vendo, vão perceber a importância. Porque eu percebo que no dia da lavagem do Juda é gente, é criança, é velho, é todo mundo...então, se as autoridades, se a comunidade quiser essa festa não acaba nunca (Entrevista com Rildo Oliveira Rios em setembro de 2013).

[...] eu acho que os meus tataranetos ainda vão alcançar isso. Se depender de mim não acaba tão cedo não, e eu quero que daqui a mil anos ainda esteja fazendo ainda (Entrevista com Laurêncio Pereira Adorno em setembro de 2013).

[...] acredito que não vai acabar nunca não, eu acredito que não vai acabar [...] vai permanecer, é uma tradição que todo mundo vai chegando a idade, uns vai morrendo outro vão embora, aqueles mais velho vai ampliando e os novo continua e todo mundo junto (Entrevista com Astezio Cedraz Sales em outubro de 2012).

Acho que vai. Acho não. Vai (Entrevista com Ivone P. Adorno em março de 2013).

Rapaz eu acredito que não acaba. Não acaba porque esta tradição é muita gente interessada por ela, então todo mundo trabalha pra ajudar a não acabar (Entrevista com Antonio Pedro Carneiro em outubro de 2012).

Em todos os depoimentos, como foi possível ver, os moradores expressão o anseio pela permanencia da manifestação, reconhecendo como um bem da cultura pé-se-serrense, uma tradição passada a gerações. Havendo

quem deseje a criação de uma lei municipal com a finalidade de não permitir o desaparecimento da festa, enquanto outro expõe o desejo de que haja o incentivo para que as crianças percebam o seu prestígio, pois com este reconhecimento iriam desejarem sua permanência.

2. A QUEIMA DE JUDAS COMO OBJETO DE ESTUDO

2.1. A origem do rito

Para conhecer um pouco mais sobre o ritual que envolve a Queima de Judas, que acontece a tantos anos em Pé de Serra, foi preciso recorrer aos estudos de folcloristas, embora, para desespero do historiador, estes não se importem em fazer análise, registrar datas com precisão sobre as manifestações. Mas, são eles que estão enfrentando as lacunas tanto na historiografia como na hagiografia, apresentando trabalhos cuja discussão gira em torno do personagem histórico Judas Iscariotes, mostrando o significado de crenças e a importância desta para os povos que as praticam.

Da Matta (1990) explica que os ritos são momentos peculiares construídos pela sociedade que a prática, podendo ser considerados como um modo de frisar os aspectos do mundo diário. No entanto, segundo o autor,

(...) os rituais não devem ser tomados como momentos essencialmente diferentes que formam e informam a chamada rotina da vida diária. (...) o estudo dos rituais não seria um modo de procurar as essências de um momento especial e qualitativamente diferente, mas uma maneira de estudar como elementos triviais do mundo social podem ser deslocados e, assim transformados em símbolos que, em certos contextos, permitem engendrar um momento especial ou extraordinário (DA MATTA, 1990, p. 63).

As primeiras manifestações de queimar ou malhar o Judas, que se tem notícia, surgiram em Portugal, porém, segundo Riolando Azzi (apud Mendes) não se sabe quando este ritual passou a fazer parte da semana santa, existindo referência apenas de “fins do século XVIII em que esse ritual era celebrado na véspera de São Pedro, portanto no ciclo junino” (MENDES, (s/d), p. 24-25).

O folclorista Luiz Câmara Cascudo (apud Mendes) informa que a tradição de se fazer um boneco de Judas nos festejos da páscoa surgiu na Península Ibérica e chega ao Brasil no período colonial. Segundo ele os

bonecos eram feitos de pano ou palha, e pendurados em galho da árvore ou poste de iluminação pública até o momento em que seria rasgado e queimado no final do sábado de aleluia em meio a gritos. Para Cascudo, Judas era uma personificação do mal e o ritual teria se originado no paganismo, “com os cultos agrários e as festas da colheita, ocasiões nas quais era queimado um boneco representando uma divindade da vegetação. Através do fogo, haveria uma renovação da vida vegetal e a garantia de boas colheitas” (MENDES, (s/d), p. 26).

Ernesto Oliveira (apud Mendes) folclorista que tratou da queima do Judas em Portugal defende a mesma idéia de origem de Cascudo. Este afirma que o ritual era apenas um divertimento, fazendo parte dos festejos populares, além disso, Judas não representava o apóstolo Iscariotes, e justifica sua afirmação ao fato do boneco receber diferentes denominações a depender do país, já que existiam países europeus de diversas tradições religiosas.

Ático Vilas-Boas Mota (1981) é outro folclorista que desenvolveu um trabalho falando sobre a Queima de Judas, utilizando como método para obter informações a distribuição de questionários para diversas entidades, objetivando esclarecer questões referentes à queima do Judas em três regiões brasileiras (Centro-Oeste, Norte e Nordeste). A partir de sua coleta de informações fica claro que o rito acontecia no sábado de aleluia independente da região, o que mudava era a forma como era chamado, e em pouca coisa o material utilizado para confeccionar o boneco, entretanto, era comum se aproveitar roupas e acessórios doados pelos participantes.

Mota defende a idéia que a queima do Judas é uma transfiguração cultural de práticas já existente como a inquisição portuguesa. Ainda segundo o autor, o boneco do Judas não representa Iscariotes, mas sim “personalidades públicas, moradores locais e políticos, ou seja, todo aquele que possa ser identificado como alguém pouco querido dentro da comunidade” (MENDES, (s/d), p. 28). E atribui a este fato a construção de um testamento do Judas, presente na Queima do Judas em Pé de Serra, a ser lido antes da sua queima.

2.2. Judas sob o olhar da tradição cristã católica

Ora os nomes dos doze apóstolos são estes: O primeiro é Simão, chamado Pedro, e André, seu irmão; Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão; Felipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus, o publicano; Tiago, filho de Alfeu, e Lebeu apelidado Tadeu; Simão Cananita, e Judas Iscariotes, aquele que o traiu (Mateus 10: 2- 4).

Como fica claro na passagem bíblica, Judas Iscariotes foi um dos doze apóstolos, que acompanhava Jesus em tudo, recebendo seus ensinamentos e confiança, pois era quem ficava responsável por todo o dinheiro arrecadado, e mesmo assim teria o traído. É esta suposta traição que fundamenta todo ódio dos católicos por Judas, surgindo daí, possivelmente, a idéia de criarem uma festa na qual este sofreria seu castigo por ter traído Jesus, sendo a semana santa a época propícia, pois é nela que se comemora a morte e ressurreição de Jesus Cristo.

Para se falar de Judas o que temos como referência é o Novo Testamento, porém, segundo Vitor Gagliardo (2011) há muita contradição, “é onde as informações menos se encaixam” (GAGLIARDO, 2011, p. 7). Pois, enquanto algumas passagens indicam que Jesus morreu devido à traição de Judas que o entregou para as autoridades romanas, outras trazem que foi por uma iniciativa de Deus que o entregou para salvar a todos nós.

As contradições continuam segundo o autor, quanto o ato de traição de Judas, pois nos evangelhos de Marcos e Mateus ele aparece tomando a iniciativa de entregar Jesus aos sacerdotes, sendo que no primeiro não aparece o motivo pelo qual o entregou, e no segundo fica claro o valor que receberia pela traição.

Judas Iscariotes, um dos doze, foi ter com os principais dos sacerdotes para lho entregar. E eles, ouvindo-o, folgaram, e prometeram dar-lhe dinheiro e buscava como entregaria em ocasião oportuna (Mc 14:10-11).

Então um dos doze, chamado Judas Iscariotes, foi ter com os príncipes dos sacerdotes, e disse: Que me quereis dar, e eu vo-lo entregarei? E eles lhe pegaram trinta moedas de prata, e desde então buscava oportunidade para o entregar (Mt 26:14-16).

Enquanto em Marcos e Mateus, Judas é quem toma a iniciativa de entregar Jesus, nos evangelhos de Lucas e João este aparece sendo usado pelo demônio para trair seu mestre como fica evidente nos fragmentos a seguir:

Entrou, porém, Satanás em Judas, que tinha por sobrenome Iscariotes, o qual era do número dos doze. E foi, e falou com os principais dos sacerdotes, e com os capitães, de como lho entregaria. Os quais alegraram, e convieram em lho dar dinheiro. E ele concordou, e buscava oportunidade para lho entregar sem alvoroço (Lc 22: 3-6).

E, após o bocado, entrou nele [Judas] Satanás. Disse, pois Jesus: O que fazes, fá-lo depressa (Jo 13: 27).

Estas incertezas sobre Judas, os estudiosos esperavam responder com a descoberta de seu evangelho que foi publicado em 2006, mas não foi bem o que aconteceu, pois o documento trouxe mais dúvidas para os historiadores. Para Gagliardo (2011) o documento, “trazia uma revelação bombástica: em vez de traidor, Judas emergiu como um herói. Um verdadeiro discípulo fiel que entrega Jesus aos sacerdotes a pedido do próprio Messias”. (GAGLIARDO, 2011, p. 10).

A afirmação causa confusão, afinal, Judas foi um traidor, ladrão como nos fala o novo testamento, ou foi um herói como traz o seu evangelho? No evangelho fica claro que Judas sabia o que estava fazendo, e em um determinado momento Judas narra uma visão que teve para Jesus, na qual era apedrejado pelos apóstolos, dizendo: “na visão eu me vi sendo apedrejado pelos doze discípulos, que estavam perseguindo-me severamente”⁶.

Na verdade o evangelho de Judas causou muita polêmica quando foi publicado, pois alguns historiadores discordaram dos que fizeram a tradução do documento, que muitas vezes apresentava lacunas entre uma palavra e outra, apontando erros quanto à tradução e interpretação. Apesar de ser uma importante fonte para se pensar este personagem tão odiado, o evangelho não traz nenhuma informação histórica sobre Judas. Ou seja, “o único fato concreto

⁶ Retirado de: **O evangelho de Judas.** Disponível em: <<http://www.fra.org.br/artigos/O%20EVANGELHO%JUDAS.pdf>>. Acesso em: 20 de outubro de 2012.

hoje é que ainda não há informações sobre o nascimento, o motivo da suposta traição e qual o fim levou Judas”. (GAGLIARDO, 2011, p. 18).

2.3. A Semana Santa em Pé de Serra: fé e folia

A semana santa é uma festa móvel muito importante para os católicos, pois se relembra todos os passos e sofrimentos de Jesus, então, procura-se instigar seus sentimentos mais puros e bondosos, mostrando todo o sofrimento do Senhor que foi traído por um dos seus próprios apóstolos. Segundo Andréia Mendes (s/d), levando em consideração a obra de Azevedo (2002), “não existe nenhum registro de celebração da Páscoa na época dos apóstolos de Jesus Cristo” (MENDES, (s/d), p. 15). Porém, surge entre os cristãos a necessidade de se criar uma data para celebrar a vida e a morte Jesus.

Em Pé de Serra assim como em diversos lugares o período da semana santa é muito importante, e as pessoas acreditam ser preciso castigar aquele que traiu Jesus por umas míseras moedas. E a forma utilizada pela comunidade para punir Judas, foi representar a sua queima em praça pública no sábado de aleluia, sendo esta prática acompanhada por um número cada vez maior de pessoas, e considerada pelos pé-de-serrenses como uma das mais importantes festas da localidade.

A cidade de Pé de Serra, seguindo a tradição cristã católica, desenvolve todo um ritual, que se mantém por toda a semana, mas especialmente a partir da quarta-feira de cinzas quando os católicos deixam de comer carne vermelha em respeito ao sangue que Jesus derramou na cruz. Neste dia, provavelmente, havia a representação da santa ceia, quando moradores “faziam mais ou menos uma interpretação do que tinha na via sacra”⁷ como pode ser visualizado na imagem abaixo de meados da década 1980.

⁷ Entrevista realizada com Rildo Oliveira Rios em setembro de 2013.



Figura 2: Moradores encenando a via sacra⁸.

Na quinta-feira, católicos participavam de mais um encontro na igreja matriz e se preparavam para o dia seguinte quando muitos iniciariam a sexta-feira santa subindo em procissão em uma das serras que existe na localidade, como pode ser observado, na figura 3, em 1960. O costume de subir a serra, segundo os entrevistados existe bem antes da existência da Queima de Judas, assim como a reunião das famílias na sexta para o almoço.

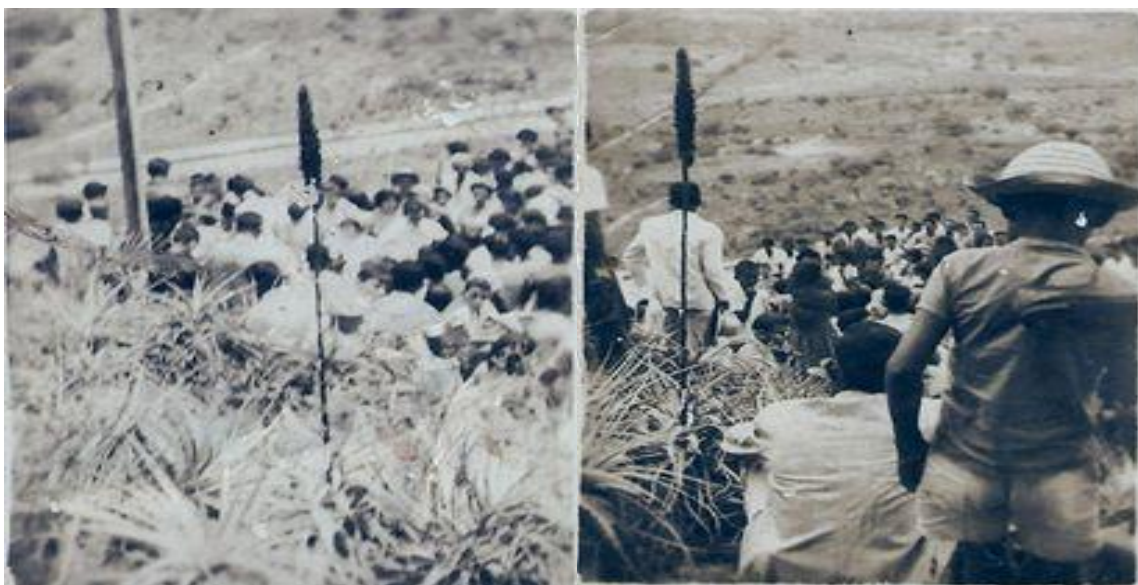


Figura 3: Missa realizada em cima da serra em 1960⁹.

⁸ Acervo pessoal de Anita Garibalde Ramos Carneiro.

Como é possível observar na imagem, apesar de não ser perceptível a dimensão da serra, havia um significativo número de participantes e a altura elevada ao analisarmos a forma inclinada como as pessoas estavam posicionadas, além da extensa área percebida abaixo delas. Isto fica ainda mais nítido se comparada à imagem abaixo de 1981.



Figura 4: Subida e vista de cima da serra¹⁰.

Uma moradora justifica a subida da serra na sexta-feira com as seguintes palavras, “já tem na bíblia mesmo, negócio de...toda sexta-feira da paixão tem que ir na serra” (entrevista com Ivone P. Adorno), portanto, acreditamos que seja a crença de pessoas como esta que permitem a visualização de práticas profanas apenas como parte da festa religiosa. Alguns, mesmo quando mostram ter consciência que a festa não é puramente religiosa, não demonstram um interesse verídico que esta se acabe ou que mude sua data. Há quem confirme o interesse da autoridade religiosa católica da comunidade que se acabasse ou pelo menos mudasse a data, como fica visível na citação abaixo.

(...) o padre disse que não era para fazer mais a queima de Judas...foi padre Elio ou Severino que disse que era para acabar com esse negocio de Judas (...),que aquilo ali era uma coisa que não devia ser naquele dia....de sábado da paixão...que não era pra ter

⁹ Acervo pessoal de Anita Garibalde Ramos Carneiro.

¹⁰ Acervo pessoal de Anita Garibalde Ramos Carneiro.

aquilo ali, não era uma coisa que Jesus deixou (Entrevista com o senhor Antonio Pedro Carneiro).

Entretanto, o desejo do padre não teve êxito, evidenciando a vontade da maioria. Ou seja, percebemos que a semana santa em Pé de Serra se realiza entre a fé e a folia, pois ao mesmo tempo em que rezam, pagam penitência, se privam do consumo de carne vermelha durante três dias, dentre outras coisas, cometem vários delitos recriminados pela igreja católica. O primeiro deles é o excessivo consumo de bebida alcoólica, que começa a ser feito desde a sexta quando as famílias se reúnem para o almoço e este só aumenta durante o sábado com a festa em torno da Queima de Judas.

Este lado profano das comemorações durante a semana santa, fez com que a cada ano o número de turistas aumentasse na cidade de 1985 a 1996, porém percebemos que a devoção dos moradores foi diminuindo. Isso fica claro nos depoimento de alguns moradores, a senhora Ivone Pereira Adorno relembra como era as comemorações para o padroeiro da localidade, Bom Jesus, tendo uma duração maior de dias, além de ser mais . Enquanto, o senhor Rildo relembra da quantidade de cruzeiros que havia em Pé de Serra, pois segundo este “em cada estrada tinha um cruzeiro, isso acabou”. As imagens abaixo, da década de 1960 de certa forma confirmam as lembranças dos depoentes.



Figura 5: Festa de Bom Jesus em 1960¹¹.



Figura 6: Igreja Matriz e cruzeiro, 1961¹².

A primeira imagem mostra os moradores reunidos para festejar o padroeiro local, sendo possível vermos que estão do lado de fora do templo, pois a parte interna tinha desabado. No entanto, o desabamento não foi

¹¹ Acervo pessoal da família Adorno.

¹² Acervo pessoal de Anita Garibaldi Ramos Carneiro.

suficiente para impedir os fiéis de celebrar o padroeiro, assim como o provável empenho em reconstruí-la, já que no ano seguinte como vimos na outra imagem a igreja já se encontra restabelecida, contando, inclusive com um cruzeiro à frente.

2.4. O ritual da Queima de Judas em Pé de Serra-BA: lavagem, testamento e queima

Para que o leitor conheça como ocorria a festa em torno da queima de Judas em Pé de Serra, será feita a descrição da mesma, sendo que esta é dividida em três partes: lavagem, testamento e queima do Judas. As fontes apontam que desde 1945, as comemorações começavam com a lavagem do Judas por volta das 16:00h do sábado de aleluia, percorrendo as principais vielas do povoado. Na verdade, a lavagem nada mais era que um aglomerado de pessoas que saiam pelas vielas atrás de um boneco feito de madeira, papelão, com peruca, roupa colorida e fogos de artifício, transportado sobre a cabeça de um homem por todo o percurso.

Dentre os participantes se encontrava um grupo de mascarados, conhecidos como: “as caretas”. Sendo este formado por homens que se vestiam de mulher, e escondiam o rosto por trás de uma máscara confeccionada artesanalmente na maioria das vezes pelo próprio portador. A utilização de máscaras durante diferentes festejos é muito antiga, e são mencionados por vários historiadores ao fazerem a análise de festas. Couto (2004) nos revela que no século XIX, se usava máscaras em cortejos cívicos e religiosos, porém leis eclesiásticas proibiam este costume, a única exceção para usá-las em festa religiosa era no sábado de aleluia. Outras autoridades também desejavam o não uso do disfarce, pois considerava como trajes desonestos ao omitirem o rosto.

Na localidade em estudo, não foi encontrado nem uma narrativa que mencionasse o desagrado de autoridades locais ou de participantes, a fim de eliminar a utilização de máscaras. Segundo os entrevistados, os únicos que não se agradavam muito com as máscaras eram as crianças, como se recorda

o senhor Antonio, as caretas causavam muito medo entre as crianças que se expressavam através do choro ou fugindo.

(...) eu tomei uma carreira eu tava com uns 6...7 ano pra 8, o finado Dionisio mesmo meu primo pegou e me deu uma lapiada (...). Eles correram atrás de mim...eu derrubei uma barraca lá no mercado mergulhei por baixo da barraca, joguei lá no chão e eles vinha pra me bater (...) os meninos lapo, lapo me dando chicotada e na carreira que eu vinha mergulhei nas pernas das mulher e me piquei lá pra dentro de casa, aí mãe tomou a porta “se respeite seus muleque discarado, vocês ta batendo o menino idiota... e vocês fica judiano meu fio cambada do que é ruim”. (Entrevista com Antonio Pedro Carneiro em outubro de 2012)

Ao analisar as falas dos entrevistados ao falarem da lavagem e ao serem interrogadas sobre a existência de brigas, as respostas foram unânimes ao afirmar que não havia brigas, no significado estrito da palavra, existindo no máximo desentendimentos verbais. Mas, pela citação acima percebemos o incomodo da mãe ao assistir seu filho, uma criança, correndo assustado ao ser perseguido por mascarados, além disso, a fala de um dos entrevistados revela que saindo mascarado era possível fazer “toda bramura com os outros e ninguém te conhece”¹³. Esta frase nos leva a acreditar que o sentimento de impunidade por não serem reconhecidos, incentivava os mascarados cometerem delitos que de cara limpa não fariam.

Na obra de Wlamyra Ribeiro de Albuquerque (1999), os mascarados aparecem como o bando anunciador e “faziam parte das festas populares religiosas e profanas no século passado” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 1999, p. 53). Porém, chegou a ser proibido em tempo republicano, provavelmente porque, como expressa a autora, “o uso de máscaras garantia um certo anonimato na festa, proporcionando tanto “o disfarce” quanto “o desejo de imitar, de macaquear”, na interpretação de Jacques Heers deste costume próprio das ocasiões festivas” (ALBUQUERQUE, 1999, p. 55).

Já Maria Clementina Cunha (2001), a partir do carnaval carioca em fins do século XIX e início do XX, nos mostra como os mascarados eram tratados a depender de seu status social, pois a utilização de máscaras requintadas em bailes da alta sociedade era visto com bons olhos, enquanto, a utilização de

¹³ Entrevista realizada com Antonio Pedro Carneiro em outubro de 2012.

máscaras grotescas por populares era repreendida pelas autoridades que considerava seu uso perigoso. Assim nos revela Cunha:

Lido positivamente e praticado pelos freqüentadores dos salões mais seletos da cidade [...] o ocultamento da identidade atrás de máscaras e vozes de falsete parecia aqui bem longe da imagem ameaçadora e agressiva. Impressão muito diferente da provocada por aqueles que portavam suas “grosseiras” máscaras de papelão ou de arame (CUNHA, 2001, p.33).

Os mascarados que participavam do carnaval, usava o bordão “Você me conhece?”, indagando os passantes sobre sua identidade oculta, sendo que “muitas vezes era apenas uma introdução a um verdadeiro festival de chulas, troças, insultos” (CUNHA, 2001, p. 26), e usado até mesmo para praticar uma vingança. Isto não se distânciava muito do que ocorria em Pé de Serra, porém os pé-de-serrenses utilizavam o bordão “Careta cadê a freta?”, sendo este lançado contra os mascarados, a fim de provocá-los. Diante de tantos indícios, fica muito difícil acreditarmos que em meio a uma festa, como a Queima de Judas, regada por bebida alcoólica e com mascarados chicoteando pessoas não houvesse brigas com maior seriedade.

A lavagem era um cortejo composto por pessoas diversas, configurando o caráter popular, todos em busca de diversão, sendo animados pelo som de marchinhas de carnaval tocadas pela filarmônica local, Lira 6 de Agosto, a charanga. Esta banda surgiu a partir da necessidade que se tinha de músicos na localidade, já que até então os músicos a se apresentarem eram de outras localidades. Segundo relatos, a filarmônica foi fundada em 1924 tendo como maestros os senhores Otaviano Carneiro Rios e Alexandre Cana Brasil que era o maestro da filarmônica de Riachão do Jacuípe, sede a qual o povoado pertencia na época, e se dirigia a Pé de Serra para ensinar os interessados em aprender a tocar algum instrumento.

Os componentes da charanga saíam à frente do Judas e durante toda a tarde tocavam, animando os participantes. Na imagem a seguir será possível observar os integrantes da filarmônica em 1971, quando se apresentaram antes da entrega da bandeira da festa para um novo presidente.



Figura 7: Filarmônica Lira 6 de Agosto, 1971¹⁴.

Nesta imagem, além de ser possível ver a maneira como os músicos se apresentavam todos fardados muito diferentes, do que vemos em imagem de 1996, quando os músicos se apresentam sem nenhuma distinção das outras pessoas, a não ser pelos instrumentos. Na imagem acima, também vemos o espaço físico da localidade na época, com casas bem simples, sem pavimentação, e participantes na maioria homens e algumas crianças.

Um personagem importante que não pode ser esquecido na lavagem é o carregador do Judas, que percorre as ruas com o boneco sobre a cabeça, algumas pessoas ocuparam o cargo de 1945 a 1996, mas um merece destaque, pois até 1996 foram aproximadamente 20 anos como carregador. O senhor Antonio Pedro Carneiro conta que começou a ocupar tal função a convite do senhor Antonio Adorno e, desde então, não ficou nenhum ano sem participar. Mesmo quando havia um grande perigo de explosão em meio ao povo, pois o Judas que saía pelas ruas era o mesmo a ser queimado, estando suscetível a pegar fogo, afinal havia fumantes e soltadores de fogos entre os participantes. Assim nos relata o senhor Antonio:

(...) o mesmo que saía era o mesmo que queimava então com esse negócio que eu falei do cara soltando fogos de junto do fórum foi

¹⁴ Acervo pessoal de Anita Garibalde Ramos Carneiro.

quando o finado Dionisio, meu primo, falou pra fazer outro mais ele disse que não fazia, “não Dionisio eu não vou fazer”, aí Zica, “não Antonio você vai fazer o Juda ou então o menino não vai sair, que eu sou o lado do meu primo que isso é o maior perigo” como era perigo mesmo, aí já tinha uma porção de ano, aí depois ele concordou em fazer os dois (Entrevista com Antonio Pedro Carneiro em outubro de 2012).

Além do perigo relatado, o senhor Antonio também nos revela que depois da morte de Antonio Adorno o boneco ficou mais pesado, mas afirma que enquanto agüentar vai permanecer carregando o Judas. Ao anoitecer se encerrava o cortejo na praça principal, e os participantes se dispersavam, retornando a praça após o fim da missa para ouvirem a leitura do testamento e assistir a Queima de Judas. O testamento era elaborado em forma de cordel por um grupo de moradores, que “ficavam madrugada, faltando um mês, quinze dias”¹⁵ fazendo antes do dia da festa.

Nos testamentos havia simbolicamente e com muito humor a distribuição dos bens, do suposto traidor, entre os moradores, e este devia ser mantido em segredo até a hora de sua leitura. Esta por sua vez, demorava de 30min a 1h dependendo do conteúdo e de seu leitor, este na maioria das vezes era um dos que ajudava na construção. No verso a seguir, como se recorda o senhor Astezio, é possível ver este caráter humorístico:

Eu quase me esquecia
Do amigo Valdemar
Agora me lembrei
Não posso desprezar
Não sei que sorte é a tua
Porque todo lodo da rua
Só voa pra te pegar¹⁶.

Ao nos depararmos com este lado burlesco da festa, nos recordamos da cultura cômica popular tratada por Bakhtin (2008), que expõe o riso como pertencente a todos e não algo individual, sendo este “ambivalente: alegre e cheio de alvoroço, mas ao mesmo tempo burlador e sarcástico, nega e afirma, amortalha e ressuscita simultaneamente” (BAKHTIN, 2008, p. 10). O autor não

¹⁵ Entrevista realizada com Rildo Oliveira Rios em setembro de 2013.

¹⁶ Entrevista realizada com Astezio Cedraz Sales em outubro de 2012.

vê o riso como uma ridicularização pura, vendo nele uma concepção de mundo, exprimindo verdade sobre o homem, a história, sendo “um ponto de vista particular e universal sobre o mundo” (BAKHTIN, 2008, p. 57). Bakhtin (2008) nos revela que testamentos paródicos teriam sido encontrados, nos séculos VII e VIII (BAKHTIN, 2008, p. 74).

Alguns estudiosos, segundo ele, consideram o riso apenas como algo de segundo plano, não havendo relação com os sérios problemas tratados por Rabelais, podendo o riso ser considerado como uma forma de ganhar a popularidade entre as massas ou simplesmente servir de máscara protetora. No entanto, não é isso que percebemos nos testamentos de Pé de Serra, pois estes não se resumiam apenas em chacotas com os nomes dos moradores, mas também mostravam os problemas pelos quais o povo estava passando. Vejamos as revelações expressas em alguns versos do testamento de 1993:

Luiz Miranda mudou
Esta sumido coitado
Milto Bandeira me disse
Que foi de vender fiado
O teu freguês é artista
É bem Toinho dentista
Que é velhaco estudado.

Miinho de Piroquinha
Parece que já enricou
Esta fazendo edifício
O diabo que falou

Tu larga de ser treteiro
Que em terra de maloqueiro
Filho de prefeito é doutor.

E o Leo do mercadinho
Parece esta caindo
As pratileiras vazias
Mercadoria sumindo
Vou te dá uma viagem
Pra tu largar de bestage
E vai roubar seu Raulindo (...).

No comercio de petróleo
Zé de Abdias é piada
Vende só o que não presta
A gasolina trambicada.
Alixandre me falou
Que seu carro inguiçou
Isso é uma palhaçada (...).

Vou fazer o meu quarteto
 De quatro vereador
 Hidefonso e Galego
 Meromba que é doutor
 O chefe é Zé de Durval
 Que serve pra alisar pau
 Pra virar trabalhador.

(...) Hidefonso e Piroquinha
 É uma coisa isquisita
 Piroquinha é preguiçoso
 Hidefonso um parasita
 Agora vão trabalhar
 Fazer colégio ensinar
 Lá pela Peda Bonita (...) ¹⁷.

Como é possível observar, nestes versos encontramos problemas pessoais, econômicos como vendas através do crediário, o que ocasiona uma provável falência, e mais, revela a aquisição de imóvel por um cidadão enquanto o pai ocupava o cargo de prefeito, sugerindo a possibilidade da utilização do dinheiro público para a tal construção. Também, percebemos o desabafo de quem se sente lesado ao consumir um produto de má qualidade como se fosse bom, os nomes de alguns vereadores em gestão, e a ausência de trabalho por parte de prefeito e vereador, havendo a sugestão da necessidade de trabalhos voltados para a educação.

Há testamentos que além de mostrarem os problemas pelos quais o povo estava passando, faziam críticas à política local, chamando a atenção da população para o que estava acontecendo. Um exemplo disso pode ser observado nos fragmentos do testamento a seguir, de 1994.

Dos bens que eu possuía
 Eu perdi mais da metade
 Por causa da dura seca
 Que veio com crueldade
 Por isso, só ficou pouco
 Aquele que não for louco
 Vai ver que tudo é verdade.

Esta seca em Pé de Serra
 Fez a gente admirar
 Veio arroz, milho e feijão
 E farinha para dá,

¹⁷ Retirado do DVD, Queima de Judas de Pé de Serra-BA, do ano de 1993.

Mas os donos do mistério
Levaram pro cemitério
E foram negociar.

Arrombei a minha porta
Pra pegar o que é meu
Vieram pra entregar,
Teve gente que correu
O povo foi que falou
Que aquele que tomou
Foi quem primeiro comeu.

Teve gente que pegou
A parte que era sua
Dero tapa em quem levava
Tomaram no meio da rua
Desfizeram dos inucentes,
Porém os inteligente
Levaram a parte sua.

Isso, eu posso afirmar
Teve um bom coração
Entregou os eleitores
E receberam feijão
Parece até palhaçada,
Quando foi de madrugada
Fizeram a divisão.

Botaram os porta panela
Pra pegar com quem roubou
Não acharam o verdadeiro
Que foi alguém que ordenou
Por isso estou aqui
Com a vara no tubi,
No lugar de quem mandou.

O feijão que eu peguei,
Eu fui negociar
Vendi dois ou três sacos
A quem podia comprar.
Vendi tudo e não fui mal,
Curtir um bom carnaval
Em prena beira do mar.

O milho era dos pobres,
Mas nunca foi despachado,
Teve gente que engordou
Jegue, burro, porco e gado
Por isso, eu digo sou bom
Tem porca de batom
Que engordei de milho dado¹⁸.

Os fragmentos acima evidenciam um problema comum na região nordestina, a seca, e que afetava diretamente a economia local, sendo um

¹⁸ Arquivo pessoal de Rildo Oliveira Rios.

possível motivo para a emigração de muitos pé-de-serrenses. Isto, levando em consideração os números do IBGE (2010)¹⁹ que mostram a queda populacional do município, pois em 1991 a cidade possuía 17. 048, entanto em 1996 apenas 12. 727. Este testamento revela ainda, um problema nada incomum no Brasil ao expor o desrespeito dos gestores municipais para com o povo, pois em vez de distribuírem os alimentos enviados para amenizar o sofrimento causado pela seca, preferem se apoderar dos donativos em benefício próprio.

O povo ao se sentir lesado se mostra indignado, vai tomar o que era seu por direito, sofrendo repressão, no entanto, é notório que a poucos coube o lucro e enquanto esses farreavam, o povo sofria com a dolorosa seca. Entretanto, ao perceberem as críticas, os beneficiados procuraram impedir que o testamento fosse ouvido pelos espectadores, como se recorda o senhor Rildo Oliveira Rios:

(...) na noite da leitura desse testamento o filho do ex-prefeito, que já morreu, quando ele percebeu o contexto do testamento, que a gente tava falando dessa questão, ele começou a criar problemas no carro de som pras pessoas não entenderem a mensagem que a gente tava querendo passar (Entrevista com Rildo Oliveira Rios em setembro de 2013).

Em cada testamento os elaboradores buscavam, além de zombar de seus conterrâneos, chamarem a atenção da comunidade para erros presentes no cotidiano da localidade, e também se utilizava desse recurso para denunciar algo, como fica evidente nos seguintes versos do testamento de 1996:

Bê de Antônio não cresceu
 Mais é um menino danado
 Vou deixar pra você
 Um negocio levantado
 E se tu tiver prejuízo
 Você chama Zé Presídio
 Que só anda entalado (...)

Cuidado com as estradas
 Pra não dar confusão

¹⁹ Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?bahia|pe-de-serra>>. Acesso em: 10 de março de 2013.

Tem muito animal solto
 Na estrada do Buracão
 E para não se atrapalhar
 Pode até perguntar
 Ao povo todo da região (...)

Chegou o meu momento
 Vou queimar até morrer
 E quem traiu a nossa gente
 Também vai se entristecer
 Pois ninguém engana o povão
 E na hora da eleição
 A justiça vai se fazer (...) ²⁰.

Estes versos revelam não só a zombaria feita a um morador, mas principalmente se denuncia o descaso de donos e das autoridades locais ao permitirem que animais fiquem soltos pelas estradas pondo em risco a vida daqueles que transitam por elas. Além disso, alertam os políticos para que não tentem fazer o povo de idiota, pois se estão no poder é graças à vontade do povo, e só permaneceram se estes assim desejarem.

Muitas são as revelações contidas em cada testamento sobre o cotidiano da comunidade durante o ano inteiro. Mas, pelo que percebemos nos depoimentos dos entrevistados, estes podem ter sido uns dos últimos testamentos de qualidade, pois esta teria decrescido muito com o passar dos anos, sendo considerados por alguns em tempos atuais como imorais.

Na visão bakhtiniana, a atitude diante do riso pode mudar radicalmente, e foi isto que aconteceu com o testamento de Judas em Pé de Serra, pois antigamente eram reconhecidos como engraçados, “verdadeiras obras primas”, mas com os anos declinam ao ponto de serem taxados de “porcarias”²¹.

Após a leitura do testamento, se soltava alguns fogos de artifício, e enfim, a tão esperada queima de Judas. Só lembrando que para o espetáculo fosse feito e agradasse a todos, o responsável pela confecção dos fogos e do Judas começava a trabalhar muito tempo antes do dia da festa. O espetáculo da queima do boneco começava quando colocavam fogo no avião e esse deslizava pelo arame, esticado da frente da igreja ao meio da praça, que o levava ao encontro do Judas lhe botando fogo, e a partir de então as bombas

²⁰ Arquivo pessoal de Rildo Oliveira Rios.

²¹ Entrevistas realizadas com os senhores Astezio Cedraz de Sales e Rildo Oliveira Rios respectivamente em outubro de 2012 e setembro de 2013.

iam estourando, começando de baixo para cima em meio aos gritos do público que vibrava a cada estouro. Veja a imagem a seguir de 1996.



Figura 8: Avião voltando após acender o Judas e o Judas pegando fogo²².

A imagem evidencia o perigo ao quais os espectadores, inclusive crianças, se expunham para ver de perto a queima do Judas e nem mesmo as faíscas de fogo lhes faziam recuar. Por fim, a última e mais forte bomba a que ficava na cabeça do boneco explodia acabando com o personagem mais odiado entre os católicos, encerrando a festa neste momento pelo menos até 1984 quando Pé de Serra ainda era um povoado. Mas, com sua emancipação política em 1985 a festa ganha mais um atrativo, certamente não de imediato, contando com atrações musicais após a queima, atraindo cada vez mais a participação de visitantes.

Diferente do que afirma Mota (1981), ao descrever este tipo de festa em algumas regiões brasileiras, quando expõe que o boneco do Judas representava personalidades públicas, políticos, moradores locais que não eram bem quistos pela comunidade. Em nosso local de estudo, os moradores afirmam que não era feito para representar ninguém, mas que as pessoas costumam fazer analogia.

²² Arquivo pessoal da família Adorno.

3. O PAPEL DA FAMÍLIA ADORNO NA EVOLUÇÃO E MANUTENÇÃO DA TRADIÇÃO

3.1. Descendência e chegada a Pé de Serra

Falar desta família no presente trabalho é obrigatório, pois todas as memórias lhe atribuem o fato do Judas ter se tornado uma tradição em Pé de Serra e também por ter o perpetuado por gerações, sendo de autoria desta família a construção do boneco de Judas, e de todos os tipos de fogos desde 1945.

A família Adorno descende de italianos, e ao fazermos uma pequena investigação descobrimos que os primeiros descendentes dos Adorno a habitar o nosso país vieram fugidos de Gênova, devido a uma disputa com outra família. Estas vinham disputando há dois séculos o poder local, entretanto, seus adversários conseguiram fortes aliados, fazendo com que os Adorno tivesse que abandonar sua cidade natal. Juliana Neves (2008) evidencia em seu trabalho que alguns membros desta família emigraram para Portugal, outros decidiram velejar para novas terras, sendo encontrados cinco irmãos entre os tripulantes da expedição comandada por Martim Afonso de Souza, enviada para a colônia brasileira no início do século XVI.

O sobrenome Adorno torna-se conhecido na Bahia, embora os irmãos não tenham sido direcionados para a capitania da Bahia de início, como fica evidente nas palavras de Antônio Loreiro de Souza (apud Neves), ao falar que “entre os que formavam a expedição de Martim Afonso de Sousa, estava um fidalgo de nome Paulo Dias Adôrno. Martim Afonso, aqui chegado a 13 de março de 1531, depois [foi], para São Vicente. Adôrno, porém, fincou, e se instalou como morador”. (NEVES, 2008, p.18)

Paulo Dias Adorno, no entanto, tempos depois chega à Bahia como fugitivo, pesando sobre ele a acusação de ter cometido homicídio em São Vicente, afirmação esta encontrada segundo Neves em mais de uma fonte de pesquisa. E, é na Bahia que este homem constrói sua história, tendo seu nome vinculado a grandes conquistas, inclusive como um dos responsáveis pela

exploração do sertão baiano. Assim, escreve Loreiro (apud Neves) sobre Paulo Adorno e suas conquistas em terra baiana:

Adorno, que “era homem de posses”, pouco tempo depois de chegado na Bahia recebeu terras no Recôncavo, onde fundaria uma fazenda e um engenho. Buscou exatamente, aquelas que ficavam à margem esquerda do Paraguaçu, onde poderiam, sem dificuldades de entrada e saída, aportar muitas embarcações (NEVES, 2008, p. 19-20).

Este homem casa-se com uma das filhas de Caramuru, conseguindo, a partir de então, estabelecer aliança não só com o grande sesmeiro, mas também com grupos indígenas, o que, era importante para seu projeto colonial. Portanto, os Adorno na Bahia se fizeram conhecidos e respeitados, sendo um de seus descendentes considerado “o principal representante dessa família na defesa do território baiano” (NEVES, 2008, p. 31), ao lutar na guerra contra os holandeses.

Séculos se passaram, e os descendentes daqueles primeiros Adorno vindos da Itália se espalharam por toda Bahia, e também por outros estados brasileiros, agora não mais como desbravadores de terras, mas como cidadãos comuns com profissões diversas. No entanto, os Adorno que nos interessa são os que fizeram sua história em Pé de Serra-BA, como grandes fogueteiros, incrementando e lutando para manter viva a tradição de queimar o Judas no sábado de aleluia.

O primeiro membro desta família a residir em Pé de Serra, foi Antonio Pereira Adorno, natural de Tanquinho - BA, vindo à localidade na companhia do pai Genuario Adorno, para fazer os fogos em épocas de festas. Após a realização do primeiro espetáculo pirotécnico realizado pelos Adorno, e sabendo que estes faziam o Judas em sua cidade natal, houve a encomenda para que fizessem o tal Judas para ser queimado no povoado. Então, em 1945 houve a primeira queima de Judas realizada pela família, recebendo muitos elogios por parte dos moradores, e não demorou muito para que Antonio Adorno, conhecido como Antonio Fogueteiro, passasse a morar no povoado, sendo o responsável por confeccionar o Judas e produzir fogos para as festas religiosas.

Segundo a obra local, “História do Judas”²³, Antonio Adorno teria passado a residir em Pé de Serra dois anos após a primeira ida a comunidade, ou seja, em 1947 e lá constitui família e permanece até sua morte. Ficando evidente a contribuição desta família tanto no processo de inovação como foi possível observar no capítulo anterior ao falarmos do ritual da queima de Judas, pois fizeram com que a simples queima de um boneco sem nem um glamour ganhasse ares de festa, quanto no processo de permanência ao constatarmos que houve a preocupação de Antonio Adorno em ensinar os filhos o ofício pensando na perpetuação da tradição.

3.2. Antonio Pereira Adorno: vida como um cidadão pé-de-serrense

Antonio Pereira Adorno nasceu em Tanquinho – BA, em 1924. O nome deste homem está associado diretamente a festa da Queima de Judas, por ter sido o criador do modelo do boneco como é até os dias atuais, embora não tenha nascido em Pé de Serra é considerado como um ilustre cidadão pé-de-serrense pela sua representatividade na festa. Antonio Adorno, ou Antonio Fogueteiro como era chamado, quando se muda para Pé de Serra era um jovem com mais ou menos 21 anos, sem recursos financeiros, morou de favor por algum tempo até conseguir ter condição de pagar o aluguel de um pequeno cômodo, como relembra o senhor Astezio:

Toi ficou por ai morou lá em casa junto com a gente e não foi um dia só não, foi anos eu e ele todos dois quase da mesma idade [...] depois saiu alugou uma casinha (Entrevista com Astezio Cedraz de Sales em outubro de 2012).

Após alguns anos residindo na localidade decidiu construir família, casando-se com Cleonice Carneiro da Silva com quem teve doze filhos, sendo cinco mulheres e sete homens. Aos homens ensinou a fazer o Judas e os

²³ Texto escrito por Conceição Adorno, pé-de-serrense, neta de Antonio Pereira Adorno, em 2006.

fogos de artifício a serem queimados na noite, porém, as mulheres não foram instruídas para o ofício da mesma forma que os irmãos, sendo suas contribuições irrelevantes, certamente por ter sido Antonio um homem criado levando em conta os estereótipos de que mulheres não deveriam praticar trabalhos braçais e perigosos.

Antonio Adorno ficou conhecido nas cidades vizinhas pelo seu ofício de fogueteiro, mas esta profissão não era suficiente para sustentar mulher e doze filhos, pois seu trabalho só era requisitado em época de festa. Por isso, ao longo de sua vida recorre a outros meios de sobrevivência, tornando-se dono de uma padaria, farmácia e músico. A profissão de farmacêutico o tornou muito importante para aquele povo que antes de sua emancipação não contavam com o atendimento médico, sendo os seus conhecimentos de medicina, embora não possuísse nem uma formação, responsáveis por ajudar pessoas com diferentes males. Pelo depoimento a seguir, notamos que a profissão de farmacêutico lhe rendeu reconhecimento e ajudou muita gente necessitada.

[...] era o médico daqui...aqui antigamente não tinha médico não, o médico era ele...fazia parto...é...tinha a farmácia [...]. O pessoal chamava de madrugada pra ele ir fazer parto, pra ir atender...tinha gente desenganado dos médicos desse mundo a fora e vinha, ele passava o remédio e a pessoa ficava curada...pois é minha filha, eu sei que ele era o médico daqui e badalado mesmo...o pessoal...todo mundo só procurava ele aqui (Entrevista com Ivone Pereira Adorno em março de 2013).

Segundo sua filha, Ivone Pereira Adorno, o amor daquele homem pela festa da Queima de Judas era muito grande, pois permaneceu participando da confecção do boneco, enquanto pode. Mesmo estando doente ele ia auxiliar os filhos na produção do Judas e dos fogos, deixando explícito seu desejo pela permanência da festa, e só deixou de participar no ano de sua morte. Assim nos revela ela:

Ele deixou de fazer depois que ele adoeceu mesmo que ele ficou...que não agüentava mais sair da cama. Mais antes dele, dele...enquanto ele agüentou que chegava a época de fazer o Judas, ele ia lá pra casinha [...] Ele ia pra lá e ficava sentado, ensinando os meninos como era que fazia. [...] Acho que faltando um ano pra ele

morrer, ele já não ensinou mais que ele não agüentava mais levantar da cama. (Entrevista com Ivone Pereira Adorno em março de 2013)

A filha emocionada, ainda relembra que no ano de sua morte por ele não esta em condição de participar da festa, o desfile nesse ano fez uma parada em sua porta, e Antonio Adorno então se despediu do Judas.

Eu me lembro que o último Judas...[...] ele levantou apuço e chegou na janela e ficou de lá olhando e chorando, chorando e dizendo assim: “é o último Judas na vida que eu to vendo...foi o último Judas que eu olhei...que eu sei que para o ano eu não tô mais vivo” (Entrevista com Ivone Adorno em março de 2013).

O trabalho de Antonio Adorno tornou-se conhecido nas cidades circunvizinhas, atraindo visitantes e também convites para a realização da queima de Judas em outros locais. Em uma conversa gravada em 1992, entre Antonio Adorno e um amigo da família, é possível constatar isso nas palavras do próprio Antonio:

O padre de Pintadas é italiano, e no ano trasado teve bandera da Itália. Ele disse: “Puxa vem pra Brasili pra vê avião andar de ré” (risos). Pois, na Itália não tem, mais no Brasil tem²⁴.

Em 1993 Antonio Pereira Adorno morre, e sua família opta por fazer seu sepultamento em Pé de Serra, pois foi na localidade que passou maior parte de sua vida e foi onde contribuiu no âmbito social. Com o falecimento de Antonio, os filhos assumem a labuta do pai que por sua vez deixa para estes um legado de conhecimento sobre fogos de artifício.

3.3. Permanências e mudanças

Por sabermos que esta é uma festa existente a muitas décadas, já pressupõe-se que algumas mudanças foram ocorrendo ao longo desses anos,

²⁴ Dialogo encontrado em vídeo do ano de 1992, arquivo pessoal da família Adorno.

enquanto outras permaneceram. As mudanças são reconhecidas pelos moradores que ao mesmo tempo em que as reconhece como algo ruim, afetando a originalidade da festa, as vê como algo benéfico por que atrai um número maior de participantes, gerando mais lucro para a cidade. Na citação abaixo é possível analisar a fala de um morador que ao mesmo tempo em que crítica certas mudanças, as entende como um modo de fortalecimento.

Já muitos ficou criticando porque a festa do Juda tomou um contexto mais comercial, questão de bandas, qual era a atração. Antigamente não tinha isso muito, a atração era o Juda...a atração era o Juda não tinha...o que trazia o turista pra qui era vê a queima do Judas. Então, essa mudança que tira todo brilho do Judas, do testamento, da lavagem. [...] as mudanças veio pra melhorar a festa e fortalecer (Entrevista com Rildo Oliveira Rios em setembro de 2013).

No decorrer da fala dos entrevistados as mudanças vão aparecendo, e ao analisarmos percebemos que na maior parte da festa houve alterações, sendo estas recebidas de bom grado pelos moradores. A começar pelo boneco que antigamente era confeccionado apenas um e com o tempo passou a ser feito dois, as máscaras que deixam de serem confeccionadas pelos seus usuários, passando a serem compradas, ou seja, substituem-se as artesanais pelas sintéticas. Como evidencia os fragmentos abaixo:

[...] era confeccionadas pelos próprios caretas, pelas próprias pessoas que iam sair de careta pegava aquele papelão pintava, faziam aquelas pinturas bonitas, pintava de carvão, colocava sisal...a influencia do sisal em nossa região, o cabelo era de sisal, o cinto do sisal (Entrevista com Rildo Oliveira Rios em setembro de 2013).

As caretas antigamente, por exemplo: a gente saia de, de...eram só de papelão, não existia as máscaras, hoje em dia é de máscara é...a quantidade também [...] mudou as caretas totalmente do que era antigamente (Entrevista com Laurêncio Pereira Adorno em setembro de 2013).

As mudanças continuam perceptíveis como, por exemplo, a desvinculação ativa da igreja na festa, pois, enquanto Pé de Serra era povoado a igreja estava ligada diretamente a parte profana da semana santa. Porém, segundo Rildo, com a dúvida que surge sobre o verdadeiro papel desempenhado por Judas se de traidor ou herói, as autoridades católicas deixam de se envolver, passando a ser obrigação da prefeitura municipal.

Estas afirmações foram feitas levando em consideração as palavras do entrevistado Rildo Oliveira Rios aos nos afirmar que,

[...] sempre tem essa questão do Judas, né? Que na igreja, trata o Judas como um vilão, mas com essa mudança dos tempos que hoje Judas já não é visto mais como um vilão, existe varias teorias que Judas apenas cumpriu o que estava escrito, determinado, né? Segundo as escrituras. Então, acabou a igreja se afastou um pouco dessa festa. É uma festa que esta no calendário municipal e não religioso [...] Não mudou no calendário, mais ela parou de participar, de se envolver na festa. (Entrevista com Rildo Oliveira Rios em setembro de 2013)

No entanto, constatamos que essa festa estava sob responsabilidade da prefeitura local desde a declaração de sua emancipação política em 1985, enquanto, as dúvidas em torno de Judas, ao levarmos em consideração o trabalho de Gagliardo (2011), cresceram com a descoberta e a publicação de seu evangelho em 2006. Ou seja, podemos chegar à conclusão que a desunião entre a parte sagrada e profana de forma direta na festa não se deveu ao fato da incerteza sobre a ação de Judas.

Também, procurou-se inovar nos fogos como confirma Laurêncio Adorno ao dizer que “vai inventando outros fogos diferentes pra evoluir, pra não ficar só, estacionado no tempo”²⁵. Isso demonstra que as evoluções eram vistas com bons olhos pelos pé-de-serrenses, pois durante o final de semana em que ocorria a Queima do Judas, era certa a presença de um número bem maior de pessoas na comunidade, isso, porque independente do turismo, os conterrâneos que moravam em outras cidades vinham passar a semana santa com a família. Este fato por si já ocasionava o aumento nos lucros do comercio, pois eram consumidos mais alimentos, bebidas, etc.

Com o crescimento surgiram os patrocinadores que ajudavam financeiramente em troca da divulgação de seu estabelecimento comercial. A Queima de Judas, portanto, se tornou uma festa capaz de atrair o turismo, e com isso os moradores se orgulhavam do crescimento e participação dos turistas, vendo nisso o reconhecimento, a valorização de suas praticas, gerando mais esforços para realizar uma festa cada ano mais bonita. Portanto,

²⁵ Entrevista realizada com Laurêncio Pereira Adorno em setembro de 2013.

a festa deixa de ser voltada para a tradição, particularista, passando a ser mais voltada para fora.

Mesmo com todas as mudanças ocorridas os moradores insistem em afirmar que inexistiam brigas, mesmo com o crescimento da festa. Esta ocultação nos leva a crer que durante a festa eles procuravam deixar de lado as divergências políticas, pessoais, certamente porque não queriam mostrar para os visitantes os conflitos enfrentados pela comunidade em seu dia a dia. Embora, fizessem diversas revelações no decorrer do testamento, mas este não era entendido pelos que eram de fora, que não conheciam a realidade da comunidade.

Em meio a toda evolução, os mais influentes e os organizadores mantiveram a época da realização da festa e sua ocorrência em três etapas: lavagem, leitura do testamento e a queima de Judas.

3.4. A luta dos Adorno para manter viva uma tradição

Em 1945 a família Adorno começa sua história em Pé de Serra, sendo Antonio Adorno o criador do modelo do boneco de Judas que se perpetua até os dias atuais. A partir daquele ano a queima de Judas não mais deixou de ser realizada, mesmo quando não tinham muitos recursos. E os gastos não eram irrelevantes, pois segundo o próprio Antonio Adorno, em 1992, até o momento que contabilizou já teria gasto “nove centos e noventa e cinco, de mão de obra”²⁶, mas lembra que tinha outros gastos que ainda não tinham sido calculados.

O ofício de fogueteiro era uma tradição passada a várias gerações na família Adorno, e os ensinamentos desse ofício para os filhos por Antonio Adorno sugerem o seu desejo de perpetuar uma tradição de família. Este revela que aprendeu a trabalhar com fogos muito cedo, mas isso não foi diferente para seus filhos, e é o desejo de Laurêncio Adorno, filho de Antonio,

²⁶ Dialogo de Antonio Adorno com um amigo da família encontrado em vídeo do ano de 1992, arquivo pessoal da família Adorno.

ensinar ao herdeiro a profissão de fogueteiro. Vejam os depoimentos a seguir que evidencia o já falado.

[...] ali foi um ABC que eu conheci na vida...ali é o ABC...tão aprendendo a soletrar, mais as peças principais não, ta guardada” (diálogo de Antonio Adorno com um amigo da família, vídeo do ano de 1992).

É herança né, vem de pai para filho, meu pai trabalhava com isso, fazendo uns “fogozinhos”, desde criança e a gente foi gostando do sonho e a gente continuou dando continuidade ao trabalho. [...] desde criança que a gente foi aprendendo aos poucos, até hoje eu ainda estou aprendendo [...] eu nasci os dentes fazendo isso [Risos]. (Entrevista com Laurêncio Pereira Adorno em setembro de 2013).

Em sua fala Antonio, além de revelar quando aprendeu a labutar com fogos, assegura que seus filhos até aquele momento ainda eram aprendizes não sendo capazes de fazer as peças principais. Talvez esta omissão dos ensinamentos na íntegra, como sugere sua fala, seja o motivo da afirmação de sua filha: “O Judas que pai fazia, né Luciene? Nunca deu defeito...agora o que Culero faz hoje em dia, é bom também, mas as vezes não deixa de falhar alguma coisa, né?”²⁷. Só lembrando que embora ela se refira ao presente, seu irmão Laurêncio, vulgo Culero, auxiliava seu pai desde pequeno, e a partir de 1993 passa a fazer toda a confecção junto a outros irmãos.

Para aquela família a festa representava algo a mais, por terem seus sobrenomes envoltos diretamente na festa, sem falar que era uma forma de manter uma tradição local que ganhou força e se perpetuou graças ao progenitor da família. E, ao investigarmos sobre a representatividade da festa para os Adorno, percebemos que atribuem grande importância não só por sustentar uma tradição local, mas por manter viva nas memórias, o nome de Antonio Pereira Adorno. Como insinuem seus filhos:

Representa manter uma tradição né, que aqui nem cidade não existia, é a tradição que, Pé de Serra se mantém [...] por que até hoje é a queima do Judas, a atração principal [...] a única tradição que se mantém em Pé de Serra mesmo viva, assim, que cada ano que passa está evoluindo e não está diminuindo é a queima de Judas.

²⁷ Entrevista realizada com Ivone Pereira Adorno em março de 2013.

Então eu me sinto orgulhoso, me sinto feliz, em dar essa contribuição para a minha cidade e pretendo né, meu filho, gente da nossa família manter essa tradição (Entrevista com Laurêncio Pereira Adorno em setembro de 2013).

Uma tradição que meu pai quem começou a fazer esse Judas, então a gente acha muito importante aqui...ele adorava fazer [...] ele fazia mesmo porque ele amava, ele amava mesmo, ele gostava, ele adorava fazer o Judas [...] ele gostava mesmo de fazer com dinheiro ou sem dinheiro, pouco ou muito ele fazia (Entrevista com Ivone Pereira Adorno em março de 2013).

As últimas palavras proferidas pelos depoentes deixa bem evidente a luta dos Adorno para que se mantivesse uma tradição, enfrentando a escassez de dinheiro e demonstrando o anseio pela sua manutenção pelas novas gerações. Além disso, Laurêncio Adorno afirma que enquanto estiver aguentando, ou um filho seu não assumir a responsabilidade, vai permanecer fazendo, e se dependesse de seu desejo esta continuaria existindo por mais um mil anos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As festas, de modo geral, revelam para o investigador que não são recursos para o distanciamento da realidade, sendo capazes de estabelecer a mediação entre utopia e ação transformadora. Através da festa se conhece os costumes e valores apanhados na vida cotidiana, conflitos, vivências coletivas e individuais entre aqueles que pertencem a um mesmo grupo social. Mostrando o homem, enquanto sujeito capaz de criar, resignificar, se apropriar de um evento e o tornar referência de suas manifestações culturais.

A Queima de Judas nos possibilitou verificar o que já havia sido observado por muitos estudiosos, que uma festa é uma temática pertinente para se estudar um povo, se obter revelações, pois por meio de sua produção é que se percebe, dentre outras coisas, a sua visão de mundo. Esta festa possibilita o enlace entre os diferentes sujeitos, a fim de preservarem as ações coletivas passadas a gerações. Além disso, permitiu que os indivíduos expressem suas insatisfações sobre fatos diversos ocorridos na localidade.

Por meio das fontes usadas, conseguimos fazer descobertas excelentes, a começar pelas imagens encontradas que nos permitiu visualizar a comunidade em diferentes épocas, além de comprovar as memórias dos moradores. O texto escrito por uma pé-de-serrense, embora não contasse com nenhuma análise, permitiu observar, entre outras, a preocupação dos moradores em perpetuar uma manifestação. Os testamentos revelaram a capacidade de um povo expor seus problemas através do riso. E, através das narrações dos entrevistados foi possível percebermos a representatividade que a festa tem para cada um, considerando que em suas memórias estavam guardado o que os marcou e consideravam importantes.

Esta festa nos consentiu visualizar os interesses múltiplos envolvidos nela, e ainda compreender como sagrado e profano se interligavam em prol de uma diversão coletiva, permitindo que todos participassem independente de idade, classe socioeconômica, cor ou crença, sendo assim, podemos considerá-la como uma festa heterogenia. Sendo que, cada povo que a realiza a torna singular, ao ser marcada pela identidade dos que a criam. Por isso,

consideramos a Queima de Judas em Pé de Serra única, pois os significados atribuídos a ela pelos seus habitantes são diferentes para os praticantes da mesma manifestação em outros locais.

Ao chegarmos ao fim deste trabalho, concluímos que poderia adquirir uma dimensão muito maior, recorrendo a outras fontes, além de surgirem brechas para investigar a fundo questões que ficaram de fora, como a não participação ativa das mulheres na festa. Assim como, uma pesquisa sobre o posicionamento dos clérigos locais diante da estreita relação entre sagrado e profano em uma só festa, e como explicariam a participação da igreja na organização de tal festa durante anos. Enfim, explorar esta festa nos fez ver o quanto pode ser proveitoso e revelador, apesar das dificuldades, se trabalhar com um tema por muito tempo negligenciado pela historiografia.

REFERÊNCIAS

ABREU, Martha. **O Império do Divino: festas religiosas e Cultura Popular no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999.

ABREU, Martha. Mello Morais Filho: festas, tradições populares e identidade nacional. In: CHALHOUN, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanizi (org.). **Fontes Históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Festas para que te quero: por uma historiografia do festejar**. Disponível em: <www.pem.assis.unesp.br>. Acesso em: 22 de novembro de 2012.

ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de. **Algazarra nas ruas: comemorações da Independência na Bahia (1889-1923)**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.

ALMEIDA, João Ferreira de. **A Bíblia Sagrada**. 7ª. ed. São Paulo: Sociedade bíblica do Brasil, 2008.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). **Usos e abusos da história oral**. 7. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à Brasileira: Significados do festejar, no país que “não é sério”**. Tese apresentada para obtenção do grau de Doutorado em Antropologia. Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. A história, os homens e o tempo. In: _____. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo, Hucitec, 1987.

BUENO, Marielys Siqueira. **Lazer, festa e festejar**. Disponível em: www.uesc.br. Acesso em: 08 de julho de 2012.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**: Europa 1500 – 1800, tradução Denise Bottman - São Paulo Companhia das Letras, 2010.

CARNEIRO, Kécia Dayana da Silva. **Devoção e festa no sertão baiano**: Juazeirinho, 1930 – 2008. Monografia apresentada para obtenção do grau de Graduação em Licenciatura em História. Universidade do Estado da Bahia. Conceição do Coité, 2010.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

COUTO, Edilece Souza. **Tempo de festas**: homenagens a Santa Bárbara, N. S. da Conceição e Sant'Ana em Salvador (1860 – 1940). Assis, SP: UNESP, 2004.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Ecos da folia**: uma história do carnaval carioca entre 1880 e 1920. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

DEL PRIORE, Mary Lucy. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano** – A essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GAGLIARDO, Vitor Orlando. **Um retrato de Judas**: uma nova interpretação do Evangelho de Judas. Disponível em: <www.revistajesushistorico.ifcs.ufrj.br> Acesso em 06 de novembro de 2012.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HOBBSAWN, Eric J. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

KUSCHNIR, Karina. **Bakhtin, Ginzburg e a Cultura Popular**. Disponível em: <www.revistas.usp.br>. Acesso em: 08 de outubro de 2013.

LARIAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 17. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2004.

LAVEZZO, Catarina de Queiroz. **"As festas do império"**: A organização da cidade para os dias festivos. Disponível em: www.ichs.ufop.br. Acesso em 20 de julho de 2012.

MATTA, Roberto da. **Carnavais, malandros e heróis**. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MEIHY, J. C. S. B. (Org.), **(Re) Introduzindo a História Oral no Brasil**. São Paulo: Xamã/USP, 1996.

MENDES, Andreia Regina Moura. **A malhação do Judas**: Rito e identidade. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt/pag>. Acesso em: 23 de março de 2012.

MOTA, Ático Vilas-Boas da. **Queimação do Judas**: catarismo, inquisição e judeus no folclore brasileiro. Rio de Janeiro: MECSEAC- Funarte: Instituto do folclore, 1981.

NEVES, Juliana Brainer Barroso. **Colonização e resistência no Paraguaçu – Bahia, 1530 – 1678**. Dissertação apresentada para obtenção do grau de mestra em História. Universidade Federal da Bahia. Salvador: UFBA, 2008.

PASSOS, Mauro. **A festa na vida**: significados e imagens. (organizador) Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, Vários autores.

REIS, João José. **A Morte é uma Festa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado - História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.

VAINFAS, Ronaldo. História das Mentalidades e História Cultural. In: C.F. Cardosos e R. Vainfas (org.). **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

LISTA DE FONTES UTILIZADAS

Fontes Escritas:

ADORNO, Conceição. **História do Judas**. Pé de Serra, 2006.

RIOS, Rildo Oliveira. **Testamento do Judas**. Pé de Serra, 1994.

RIOS, Rildo Oliveira. **Testamento do Judas**. Pé de Serra, 1996.

Fontes orais:

1. Entrevista com Antonio Pedro Carneiro, 73 anos em 16 de outubro de 2012. Duração: 1:12:36. Carregador do Judas.
2. Entrevista com Astézio Cedraz de Sales, 78 anos em 16 de outubro de 2012. Duração: 26:28 min. Participante da festa.
3. Entrevista com Rildo Oliveira Rios, 41 anos em 25 de setembro de 2013. Duração: 42:32 min. Construtor de testamento.
4. Entrevista com Ivone Pereira Adorno, 64 anos em 15 de março de 2013. Duração: 43:53 . Filha de Antonio Fogueteiro e participante da festa.
5. Entrevista com Laurêncio Pereira Adorno, 40 anos, 16 de setembro de 2013. Duração: 31:46 min. Filho de Antonio Fogueteiro e responsável pela confecção do boneco de Judas.

Audiovisuais:

Queima de Judas de Pé de Serra, DVD de 1993.

Queima de Judas de Pé de Serra, DVD de 1994.

Queima de Judas de Pé de Serra, DVD de 1995.

Bons tempos, DVD com diálogo de Antonio Adorno.

Visuais:

Fotos: Acervo particular da família Adorno.

Acervo particular de Anita Garibaldi.

ANEXO 01: Entrevista com Rildo Oliveira Rios

- Qual o seu nome completo?
- Rildo Oliveira Rios.
- Quantos anos o senhor tem?
- 41 anos
- Sempre morou aqui em Pé de Serra?
- É, passei um tempo no estado de São Paulo...seis anos.
- Qual a sua profissão?
- Eu sou professor e atualmente trabalho na prefeitura municipal.
- A queima de Judas é uma festa que as pessoas dizem que ocorre a muitos anos aqui em Pé de Serra. Você saberia dizer a quanto tempo existe essa festa aqui em Pé de Serra?
- Bom, em relação à história, a data efetiva e verdadeira de quando tem é...essa festa, a gente não sabe ao certo, mas suponhamos que aproximadamente uns 100 anos já acontece essa festa aqui no município.
- Quem teve a idéia de fazer a festa? Você sabe?
- Pelos, pelos historiadores do município, meu pai, outras pessoas, eu cresci sabendo que foi o finado Antonio Fogueteiro que teve a primeira idéia do Judas ser como é hoje, mas antes dele existia outra forma, né? De queima do Judas ou de castigo do Judas alguma coisa assim, mas ninguém tem documentos, relatos verdadeiros pra provar isso, né?
- Pela história que você ouviu como era esse Judas antes da existência da família Adorno?
- Meu pai conta que tinha antes do finado Antonio Fogueteiro...que o Judas era malhado, né? Era malhado, as pessoas batiam no Judas, depois com o tempo começaram a colocar fogos de artifício no Judas, mas não como é hoje com a beleza que é hoje, né? Mas eles colocavam fogos assim e acendiam manualmente e...Ele contava isso.
- Você sabe dizer quem foi essa primeira pessoa a fazer esse Judas?
- Olha, eu não sei. Meu pai conta que ele participava da confecção, assim, ajudava...juntava...porque o finado Antonio não morava aqui ainda, né?

Então as pessoas juntavam, né? E, e faziam esse Judas pra, pra no sábado de aleluia no caso malhar e queimar o Judas. Mas a pessoa eu não tenho certeza de quem foi não.

- Então quando o senhor era criança ainda, o modelo do Judas já era o que existe até hoje?
- Já, já...nossa era uma festa esperada, assim, o ano inteiro como é até hoje...porque a gente criança já começava desde o sábado cedo com as caretas, e todo mundo ia pra sede da charanga, ia pra trás da farmácia do finado Antonio que ali saia...que o Judas chegava ali primeiro, dali ia pra sede e...crescia, a gente tudo...todo pédeserrense cresceu vendo isso, né?
- E de que era feito esse Judas?
- Aparentemente a gente via a roupa bonita, né? Se a gente chegasse perto a gente via papelão, peruca, né? É...o tecido da roupa e a gente tinha noção que ali...a gente teve sempre noção de uma coisa que o Juda que faz, que desfila pelas ruas com a charanga e com a lavagem é um Juda e o que vai queimar é outro Juda...a gente tinha essa noção, né? Que provavelmente deve ser mais leve, não tem bomba por dentro é só mesmo pra mostrar, e tem outro Juda que é o verdadeiro que é queimado a noite, depois do testamento.
- O senhor se recorda se esse Judas já representou alguém da sociedade pé-de-serrense?
- Assim, as pessoas faziam analogia, né? Parece fulano, parece sicrano, mas nunca disse assim esse Judas é em homenagem a tal pessoa...vai parecer com fulano. As pessoas olhavam e falavam parece com num sei quem...parece uma autoridade, né? Mas nada efetivo assim?
- Por exemplo, político...
- Isso, sempre fazia essa analogia.
- Mas nunca foi oficialmente divulgado que ali esta representando?
- Não, não...divulgado não. A família do finado Antonio mesmo eu nunca ouvir dizer que eles tinham esse objetivo.
- Quem participava dessa festa?

- Bom! Começava...o Juda, o Juda começava com a elaboração do testamento, porque o testamento ele é feito antes, né? da queima do Juda. O Juda também acho que começa fazer dois ou três meses antes...começa fazer todo planejamento, né? E a gente sabe que a família do finado Antonio, grande ilustre pé-de-serrense, foi quem confeccionava o Juda como ele é hoje, aí tinha a participação da charanga e...o testamento e envolve toda a comunidade.
- O testamento sempre existiu desde que o Judas começou a ser feito aqui?
- Olhe! Eu não sei lhe falar. Até onde eu sei o testamento sempre fez parte do contexto e da cultura da história do Judas, né? Até onde eu sei, porque antes que meu pai fazia o testamento, antes dele meu avô fazia outras pessoas...a família do finado Pepedo, o finado Moises Carneiro Rios, seu Zeis , o irmão dele seu Bazu, meu tio Aluizio Oliveira Rios, tio Luis...sempre essas pessoas é, é...era assim quem vai fazer o testamento é fulano, que o testamento é feito em cordel e tem um contexto engraçado, né? Engraçado! Dentro da história, o Juda começa a deixar seus bens, que supostamente também não existe. Ele faz aquela trova pra digamos animar a galera, pra depois ter efetivamente a queima do Judas.
- Quem fazia os testamentos?
- O testamento, é...quando eu cresci era Moises Carneiro Rios, conhecido como Zeis, Aluisio Oliveira Rios que é meu tio, Antonio Oliveira Rios, aí tinha Raimundo de Pepedo, é...o pessoal da família de Pepedo que fazia, seu Bazu que eu não sei certo o nome. É...Andre da Peda Bonita, finado Andre da Peda Bonita também, ele participou fazendo testamento.
- Era elaborado por todos eles ou cada um era responsável por uma parte?
- Não. Quando eu era pequeno meu pai me levava pra vê, eu aprendi vendo, né? Eles logo dizia não diga nada a ninguém, eles se reuniam a noite três a quatro pessoas pra elaborar os versos, no contexto né? Contava a história, meu pai conta que uma vez teve um jegue aqui no

município, um jegue brabo, e esse jegue faz o maior alvoroço aqui no município e eles pegaram o tema desse jegue jogaram dentro do testamento foi uma coisa. Foi um dos melhores testamentos que aconteceu aqui em Pé de Serra, pena que nós não sabemos aonde foi parar, né? Provavelmente seria uma obra, uma literatura muito importante.

- O senhor tem algum testamento dos antigos guardado?
- Eu tenho alguns testamentos da década de...eu acredito que tem da década de oitenta que foi quando eu comecei a fazer, a elaborar alguns versos e as vezes eles me davam pra eu datilografar na época ou...eu ainda tenho um caderno com versos manuscritos ainda. Na oficina do meu pai, lá ele ainda deve ter da década de setenta, mas assim, aqui comigo eu não tenho, mais eu posso conseguir.
- E esses testamentos falavam sobre o que?
- Olhe! O testamento falava...deixava as coisas pra pessoa e tinha um contexto bem, como eu falei, de humor, e as vezes também tinha um senso crítico relacionado a político, eu lembro que um ano o político pegou um feijão...feijão era pra vim pros pobres, o político pegou o feijão e prendeu...feijão e milho, prendeu numa propriedade sua (telefone tocou e não atendeu) e acabou que esse milho...os político pegava esse feijão e esse milho, isso em uma época de seca eu lembro, eu era adolescente, eles pegaram esse milho, trancavam num clube e davam a quem eles queriam. Então, disse que pegava o milho deu a animal, dava a galinha, dava a porco e deixava o povo passando necessidade. Então nós pegamos este contexto e fizemos, né, essa...um...criticando a ação dos políticos, eu lembro que na noite da leitura desse testamento o filho do ex-prefeito, que já morreu, quando ele percebeu o contexto do testamento que a gente tava falando dessa questão, ele começou a criar problemas no carro de som pras pessoas não entenderem a mensagem que a gente tava querendo passar. Essa questão da política de coronelismo aqui no nosso nordeste...mas depois no outro dia muita gente me chamava pra eu lê o testamento em bares, em locais e o objetivo dele não foi alcançado, né?

- Ao longo do tempo você acha que o testamento melhorou?
- Rapaz, eu acredito assim, como nós estamos num mundo globalizado, tecnologia da informação, comunicação as pessoas ficaram muito materialistas, o imaterial não ta tendo o mesmo valor que tinha a certo tempo atrás. Eu mesmo adoro literatura de cordel, eu, eu gosto muito...eu percebo que eu não tenho muito estímulo pra fazer mais o testamento, porque as pessoas não entendem o contexto, as vezes você faz uma brincadeira com alguém já diz que vai procurar um advogado porque pegou pesado...é...porque não era pra falar aquilo, alguém tem um apelido você fala, mas antes de ler eu digo que aquilo é uma brincadeira, que existe a mais...a cem anos e já peço desculpa antecipadamente, mas tem gente que não entende, então isso acaba tirando o brilho, né? E, as pessoas também não valorizam, ficam criticando, então a gente só faz mesmo pra não perder...perder a cultura, né? Pra não perder o, assim, a história porque o Judas sem o testamento acredito que vai ficar faltando uma peça importante, né?
- Mas em termo de qualidade?
- Ah! Eu acho que os de antigamente eram melhores, eu...eu tenho essa consciência porque eu não me dedico...as vezes a gente pega o testamento faltando dois dias pro Judas e a gente não se reuni mais...meu primo também faz, que é conhecido como Cota, faz alguns versos me manda eu dou uma revisada porque ele pega muito pesado em alguns versos e eu não gosto de colocar, porque o pessoal já critica se você colocar um humor muito pesado, aí a critica vem mais ainda. Então, eu dou uma filtrada, mas a gente vai levando, né? Ta mantendo a história.
- Então, o senhor começa a fazer o testamento hoje em dia dois dias antes?
- Dois dias...dois dias...acho que por isso que não sai bom, porque essa correria do dia a dia, trabalhando muito cansado não se dedica, mais se dedicar, pegar mês antes, ver os fatos do município, as pessoas que não querem que coloque o nome...que pede não coloque meu nome no testamento. Já há gente que faz questão, que acham o máximo ter seu

nome lá lido no testamento, mas eu acredito que se a gente organizasse, assim, pegasse informações...reunisse uma galera de cinco pessoas saia mais bem feito. Eu já sento, assim, faltando dois dias, um dia antes, assim, começo a redigir assim, sai cinqüenta, sessenta versos.

- E antigamente demorava quanto tempo?
- Ah! Meu pai me conta que eles ficavam madrugada, faltando um mês, quinze dias, um mês já começavam, né, a fazer, eram umas obras primas, né? Versos com a métrica, porque a literatura de cordel tem a métrica, né? Não é fazer...você não pode fazer uma frase com cinco palavras e querer rimar com outra com duas palavras. Então tem que ter a métrica...então por isso que não é qualquer pessoa que faz.
- Em relação ao tempo, quanto tempo durava a leitura?
- Olha! Eu já vi testamento aqui durar uma hora. Eu já vi testamento durar uma hora e as pessoas gostarem, aplaudirem, darem risada, porque eram mais de cem versos...eu já vi testamento com mais de cem versos e hoje em dia a gente faz no máximo sessenta...cinqüenta, sessenta. Já muitos ficou criticando porque a festa do Juda tomou um contexto mais comercial, questão de bandas, qual era a atração. Antigamente não tinha isso muito, a atração era o Juda...a atração era o Juda não tinha...o que trazia o turista pra qui era vê a queima do Judas. Então, essa mudança que tira todo brilho do Juda, do testamento, da lavagem que eu já vi alguns comentários...disse que a lavagem, você sabe bem disso, é puxado pela charanga, é histórica, e tem alguns filhos de político, neto de político que já tentaram tirar a charanga pra botar trio elétrico. Aí você analisa: o que é que ta acontecendo? Essa transformação e eu assim...se eu fosse alguém da política e alguém falasse isso eu mandava apagar da possibilidade...deletar a idéia...isso não existe a história folclórica, cultural, você mudar dessa maneira... acho que por isso que enfraquece a festa.
- E o povo sempre esperou a leitura do testamento?
- Sempre esperou. Tinha gente que perdia tudo menos o Judas, o testamento, né? Era aquela expectativa...será que vai falar o meu

nome? Vai falar o que de fulano? Mais...assim, essa festa do Juda na minha visão é a melhor festa do município de Pé de Serra. Porque é uma festa democrática que envolve rico, pobre, branco, preto, gordo magro, gente de Pé de Serra, gente até de outros países já veio pra ver a festa. Inclusive esse ano, o pessoal do...da TV da câmara dos deputados, da radio da TV...eles conseguiram através do blog aqui de Pé de Serra descobrir essa festa e aí acompanharam os vídeos lá no youtube, que nós colocamos alguns vídeos e aí resolveu, achou a festa tão interessante que fez uma entrevista comigo pra radio câmara, né? Passou lá na radio câmara e eu conversei com eles...da televisão da TV câmara vim fazer uma reportagem...eles falaram pra gente mandar o material pra lá que tem a possibilidade deles virem fazer um trabalho de filmagem da nossa festa.

- Quem era o leitor do testamento?
- Olhe! Eu vi muito ler o testamento de Pé de Serra é...meu tio Luis, André da Pedra Bonita, meu pai já leu, Antonio Funga já leu alguns, Lulu...eu acho que os meninos aqui Nilton, Cesar, Judair já leu o testamento também...eu, hoje atualmente...quem ler sou eu, apesar de não gostar muito, mais eu leio porque pra lê também tem que ter técnica, né? Você não pode botar uma pessoal que não sabe o que é cordel pra lê. Se não ele vai...vai ficar menos atrativo ainda, mais eu...talvez...é que o meu pai ele ta com problema de Alzheimer, se não a gente ia fazer...você ia conversar com ele e ele ia lhe dizer muita coisa, assim, de mais antigamente, né? Mas acredito que essas pessoas que você vai entrevistar eles...eles sabem quem lia antes da minha existência.
- Como eram escolhidos esses leitores?
- Na verdade a pessoa que tinha mais a métrica, né? Pra ler, fazer a rima no tempo e tornar o testamento engraçado também, pelo jeito de ler...tornar o testamento engraçado, ter a pausa, ter tudo certinho. É...tem que ter essa característica pra não ficar nem muito rápido, nem muito devagar também.
- Quem organizava o testamento era quem escolhia quem lia? Ou existia alguma influencia externa?

- Na verdade já existia. Porque quando tinha o ano anterior falava assim oh: “poxa fulano leu o testamento ficou bom”, aí aquela conversa corria na rua, aí já sabia no ano que vem era fulano de tal pra ler o testamento. As vezes a pessoa não queria, aí já mandava outra, né?
- Existiam brigas durante a festa?
- É isso que eu te digo...é por isso que eu acho a melhor festa de Pé de Serra. Eu, assim, não tenho conhecimento de briga na lavagem do Judas, que é a festa que aglomera mais pessoas, né? Eu acho uma festa de paz, uma festa...de povo, uma festa...as vezes tem um desentendimento, uma careta mexeu com um...o cara mexeu com a careta, a careta foi lá...as vezes...pegou, correu atrás...qualquer coisa, mais é um desentendimento verbal. Nunca vi nada serio, assim, de briga mesmo, nada serio.
- Em relação a filarmônica como foi que ela surgiu junto com a festa do Judas?
- Oh! A filarmônica foi fundada em 1924...é...mais antes disso outras bandas de outros municípios vinham tocar aqui e acredita-se que quem fazia a festa, essa lavagem do Judas era essa banda, inclusive tinham...falavam os barbeiros, né? Antigamente o povo chamava de barbeiros, esses músicos independentes, né? Que tinham os músicos da elite, clássicos, né? Então, quando os outros músicos populares se reuniram, então criaram esse termo os barbeiros que veio de Portugal e meu pai conta que eram esses barbeiros de um povoado perto de Conceição do Coité ou Feira de Santana, alguma coisa nesse sentido, que vinha pra qui tanto pra festa do Juda quanto pra festa do padroeiro e coisa e tal. E, aí quando as pessoas de Pé de Serra, inclusive seu Otavio Carneiro Rios, conhecido como seu Tavinho, ele viu essa necessidade daqui ter a banda...de ter uma filarmônica pra não precisar...aí em 1924...antes disso ele começou a organizar e 1924 a filarmônica já, já foi fundada, né? E eu acho que já tocou na festa do padroeiro, a partir disso não veio mais banda de fora.
- O senhor faz idéia mais ou menos de quando foi que aconteceu a junção?

- Da filarmônica com o Judas?
- Sim.
- Rapaz eu não tenho certeza, mais eu acredito que na década de 20, se ela fundou em 1924, eu acredito que nessa década de 20 pra 30...já começou a filarmônica fazer parte da festa, né?...diretamente porque nós temos fotos bem antigas da filarmônica já...não tocando a lavagem do Juda, mais que...da filarmônica. Então acredita-se que...que já no próximo ano talvez...a gente não tem relatos verdadeiros, mais a gente supõe, né? Que logo, logo...as musicas que são tocadas na lavagem do Juda são musicas especificas pra lavagem, que é chamado sambas de lavagem, né? São musicas em ritmo de samba quente, rápido que é pra as pessoas dançarem, é pra ser uma festa bem animada, né?
- Desde quando o senhor participa da festa?
- Olhe! Desde criança, desde que comecei tipo...criança...andar, com 5, 6 anos, meu pai fazia parte, tocava, aí eu tinha que apenas acompanhar, né? Quando a gente se entende, começou a andar e sair sozinho com 7, 8 que eu acompanho essa festa. Sempre fui apaixonado pela festa do Juda.
- De que maneira o senhor participava?
- Eu, eu participava acompanhando, dançando...tinha muito medo das caretas, né? Porque aqui o pessoal pra mexer com as caretas, tem até um...um ditado, né? Careta cadê a freta? Aí já é um insulto a careta, que são pessoas mascaradas vestidas de careta. É uma festa muito interessante e eu sempre acompanhei. Aí quando foi na década de 80 eu entrei na musa, comecei a tocar, aí já comecei a participar diretamente...tanto da festa, né? E do testamento também que eu comecei a aprender, a escrever.
- Fazendo uma comparação da festa antigamente com a atualidade, o senhor acha que melhorou ou piorou?
- Olhe! Eu acredito que a festa ela, ela melhorou em relação ao fluxo de turistas, a festa hoje tem uma visibilidade muito grande, porque é uma festa...pela questão dessa transformação de colocar a festa dançante, uma banda famosa acaba também atraindo...os turistas. Eu acredito

hoje que nesse fator de movimentação de pessoas na cidade a festa hoje é melhor, certo? Mais por exemplo, eu vou lhe dá um exemplo, este ano nós estávamos tocando na lavagem e os imbecis, que eu chamo de imbecis, estavam com os paredões ligados. Eu acho isso uma falta de respeito porque tudo tem seu tempo e o seu lugar...e nesse ponto que antigamente não tinha isso, a festa era a charanga tocando, o Juda nas ruas, o povo brincando sem essas...essas interferências externas, né? De pessoas que não tem noção do que é...do que aquela festa representa pra um povo, então, isso me irrita, mas em relação também a essa questão...é muita gente, eu acho Pé de Serra, você provavelmente deve vim pra qui, é muitas pessoas de cidades circunvizinhas vem, porque é uma festa estendida que começa logo na sexta-feira, que é um feriado que tem a subida do monte e tudo. Então, tem grande movimentação de pessoas, aquece o comercio, a economia, então, nessa parte eu acho que a festa melhorou bastante. Agora essa interferência...dessas novas modas de musica, paredões, carro de som isso é a parte negativa da festa.

- Diante disso que o senhor falou qual a importância da festa aqui pra Pé de Serra?
- Ah! O primeiro ponto na minha humilde visão é de você manter a história das manifestações artísticas e culturais de um povo. É você manter a história da família dos Adorno, de Antonio Fogueteiro, porque eles tem, talvez não seja nada material, mas é um bem imaterial, é um bem que talvez que daqui a 500 mil anos alguém vá lembrar, então essa parte imaterial é muito importante, tanto da confecção do Juda quanto da lavagem...quanto do testamento, quanto da festa como um todo. É uma festa...eu elogio muito a festa do Juda de Pé de Serra que é a melhor festa do nosso município.
- Então só ressaltando, quais as principais mudanças que o senhor destacaria ao longo dos anos dessa festa?
- A mudança foi essa...é...começaram a inserir as bandas de nomes pra se tornar...é...uma festa não só cultural, mas uma festa dançante, por exemplo, inventaram uma tal pascuareta que seria uma micareta com a

páscoa. Isso foi inventado acho que na década de 90, nada contra, mais, assim, você tem que inventar uma coisa dessa mais sem sair do seu contexto cultural, né? Do povo, porque teve festa aqui no caso na páscoa...a pascuareta no caso com trio elétrico, tinha a lavagem e depois da lavagem saia o trio elétrico com camisetas, disse que eram vendidas com bandas famosas tocando, ou seja, só tinha acesso as pessoas que tinham...da classe media em diante que tinham condições de comprar. Então, o povo, o povo que representa...o nosso povo ficava de fora dessa parte, mais hoje em dia não é mais feita assim, a festa é feita na praça com a atração paga pelo município e todo mundo tem acesso. Acho que isso veio pra ajudar também a festa...essa mudança, o ponto negativo é essa...essa parte que teve de querer cobrar pra se participar da festa, mais acabou e eu acho que as mudanças veio pra melhorar a festa e fortalecer .

- Então, até hoje o senhor participa da festa?
- Ah! Participo, eu...eu gosto muito participo dos ensaios da filarmônica, sempre o pessoal, Culero, no caso Laurêncio ele me fala: Rildo vamo sair de tal lugar, sair tal hora, a gente sempre tem esse contato, como é que vai ser feito, o horário certo pra sair...o testamento a gente organiza, né? A questão do uniforme dos músicos tem tudo isso, eu participo efetivamente da festa porque eu...enquanto eu puder eu vou trabalhar pra manter essa festa, manter esse bem imaterial do nosso município de Pé de Serra.
- Para o senhor essa festa teve ou tem ainda algum vinculo religioso?
- Olhe! Na verdade essa festa sempre teve...tinha um vinculo religioso...é...porque na sexta-feira, na sexta-feira tem a missa, né? A missa da sexta-feira santa tinha a procissão, as pessoas saiam e sempre tem essa questão do Judas, né? Que na igreja, tratar o Judas como um vilão, mas com essa mudança dos tempos que hoje Judas já não é visto mais como um vilão, existe varias teorias que Judas apenas cumpriu o que estava escrito, determinado, né? Segundo as escrituras, então acabou a igreja se afastou um pouco dessa festa...a igreja se afastou um pouco dessa festa, pra você ter uma idéia o presidente da

festa no caso de agosto era quem organizava a lavagem do Juda. Então, ele era o presidente, a festa estava diretamente ligada a igreja...então quem organizava a festa do Juda era o presidente da festa do padroeiro do Bom Jesus, ele que ficava...então, depois que Pé de Serra emancipou, tiveram algumas mudanças, aí quem organiza a festa do Judas hoje é a prefeitura. É uma festa que esta no calendário municipal e não religioso, tem haver porque tem o domingo de páscoa, tem aquela coisa da queima de Judas e tudo, mais não é mais como era...é...teve essa mudança.

- O senhor sabe se essa desvinculação da festa teve início por parte de alguma autoridade religiosa em querer separar, um padre, ou foi algo que aconteceu naturalmente?
- Não. Isso é uma decisão que sai da...da paróquia, da igreja. Na verdade são pessoas que estão lá, que tem uma visão...pensam diferente que já existiu e aí acabam mudando, né? Tiraram...porque também tinha despesa, pra você ter idéia, eu lembro-me, o testamento era pago, quem pagava era a igreja...que pagava pra fazer o testamento, hoje faz tudo de graça. A lavagem, os músicos quem pagava era a igreja...então, ela aproveitou também essa parte pra tirar despesa, né? Não sei se foi isso, mas da a entender...e ela acha, a igreja, acredito que ela acha uma festa profana dentro do contexto da igreja, ela acha que é uma festa profana...porém...é...hoje quem paga os músicos é o município, ou seja, é o município que realiza. Agora a igreja, pra você ter uma idéia, ela mudou...aqui nós tínhamos uma festa de cristo rei que é a festa vaqueiro que era em janeiro e era uma festa que tinha a missa do vaqueiro que era celebrada ali no monte belo, era o padre...o padre celebrava todos os vaqueiros e a igreja mudou isso...também...foi, partiu essa decisão partiu da igreja, assim como mudou a festa de cristo rei, ele mudou a festa do Juda. Não mudou no calendário, mais ela parou de participar, de se envolver na festa.
- Em relação a isso, além dessa desvinculação, ela já tentou impedir que essa festa se realizasse de alguma maneira?

- Não. Que eu tivesse conhecimento não. Existe uma grande...existe uma divergência relacionada a isso, pela...porque tem a missa antes da queima do Judas. Então, a gente fica, a gente que faz a festa tem que ficar esperando a missa, que ela começa tarde, espera a missa acabar pra começar a ler o testamento, aí sempre tem essa...essa divergência, né? Mais a gente...cada qual cumpre seu papel e não tem problema nenhum. A igreja, pelo menos nitidamente nunca vi intervir nisso, só diz assim, tem a missa a gente não quer barulho, não quer carro de som, não quer nada perto na hora da missa, quando termina a missa tudo fica na paz, tudo acontece.
- O senhor acha que essa festa vai permanecer ainda por muitas gerações ou esta perto de acabar?
- Há, eu...eu acredito e quero que essa festa não se acabe nunca, porque é uma festa de muitos anos, uma festa muito forte e...agora assim, essas pessoas ta em transformação a tecnologia ta aí, as coisas estão mudando, mas assim, enquanto tiver a lavagem, essas manifestações, as crianças pequenas vão ver, vão crescer vendo, vão perceber a importância. Porque eu percebo que no dia da lavagem do Juda é gente, é criança, é velho, é todo mundo...então, se as autoridades, se a comunidade quiser essa festa não acaba nunca...nunca nesse sentido que a gente fala, enquanto, a gente tiver aqui no planeta, enquanto a gente tiver vivendo sobre essa terra, se as pessoas, se a comunidade se esforçarem não acaba nunca.
- O que as pessoas falam da festa?
- Há! As pessoas acham...as pessoas que vem de fora...é...fala assim que é uma festa inesquecível, né? Eles já ficam se programando pra páscoa, pra vir. Eu tenho muitos amigos de fora, daqui da região que, principalmente que não tem muitas festas aqui na região, nesse dia a festa é aqui em Pé de Serra. Sábado de aleluia é Pé de Serra, então aquela praça lota e pessoas de tudo quanto é lugar...entao, as pessoas que, que...eu nunca vi ninguém falar mal da festa do Juda, assim, pode até falar que a atração não foi boa, mais a festa mesmo que é de dia, que é a lavagem que é o testamento, eu nunca vi ninguém falar mal

noite. Fala o testamento foi ruim e tal, mais...pra chegar denegrir a festa não.

- Em relação às caretas, o senhor faz idéia de quando surgiu na festa?
- Olha! Eu já cresci vendo as caretas. Quando eu tinha...inclusive eu tinha muito medo das caretas e muitas crianças hoje tem, né? Aí também uma mudança que teve as caretas quando eu vi era confeccionadas pelos próprios caretas, pelas próprias pessoas que iam sair de careta pegava aquele papelão pintava, faziam aquelas pinturas bonitas, pintava de carvão, colocava sisal...a influencia do sisal em nossa região, o cabelo era de sisal, o cinto do sisal. Fazia uma, uma, uma...uma pirata, né? Um chicote pra bater de sisal, o sisal...a influencia do sisal nessa parte da careta...Hoje em dia não mudou tudo, é, compra aquelas caretas sintéticas já pronta de monstro, então mudou muito mais não deixa de, de...não tira o brilho da festa não, tem um novo bloco aí também que inventaram, né? As piriquetes, dentro da lavagem inventaram um bloco que eles, eu sempre digo a eles que tenham muito cuidado, pra eles ter o brilho deles, mas não tirar também o brilho da festa, o contexto, porque é o homem vestido de mulher e tem que ter muito cuidado pra...tem crianças envolvidas pra as pessoas não acabarem passando uma mensagem diferente do que é.
- Em relação à bebida alcoólica sempre houve o consumo?
- Isso é livre. A bebida alcoólica é livre pra quem pode beber, pra pessoas de maiores é livre, né? É uma festa livre não tem corda não tem nada, quem quiser ir num bar comprar uma cerveja compra, tem gente que leva isopor com a cerveja, litro de cachaça quente. O pessoal da charanga tem a tradição de parar num bar, um calor, tocando no calor tomar uma cerveja, as crianças refrigerantes, mais essa questão de bebida alcoólica nunca foi proibido não.
- Mas alguém distribuía?
- Cada um compra a sua cada qual compra a sua.
- Que horas era queimado o Judas antigamente?
- Sempre depois da missa, não tinha um horário fixo, né? Tinha o dizer de não pode passar da meia noite...até meia noite. Mais isso aí tudo

dependia do termino da missa e dos preparativos da equipe do finado Antonio Fogueteiro...ta tudo organizado pra dizer assim ler o testamento, apaga as luzes, tira os veículos de perto...tira os veículos que vai começar a leitura do testamento pra depois começar queimar, não tem um horário, nunca teve um horário fixo não.

- Desde quando o senhor participa Pé de Serra já tinha energia elétrica?
- Já, porque a energia elétrica em Pé de Serra foi na década de 70, então o Juda deve ter começado de 1900 pra cá, 1910 e 20 pra cá, então com certeza já tinha a energia elétrica.
- Mas antes de ter energia, o senhor já ouviu algum relato se o povo esperava mesmo sem energia?
- Esperava, esperava. Porque antes da energia elétrica era energia a óleo diesel a gerador, entendeu? Tinha energia a óleo diesel, aqui era povoado então tinha energia a óleo diesel e mesmo não tendo eles provavelmente faziam...tinham algum artifício pra fazer a festa.
- Como era a programação da semana santa em Pé de Serra para os católicos?
- Bom! Para os católicos, eu lembro muito bem que eles representavam a santa ceia, acho que na quarta-feira, eles faziam mais ou menos uma interpretação do que tinha na via sacra, né? Naquela semana da, da morte e ressurreição, morte e crucificação de Jesus...da ressurreição. Então, eles faziam essa, essa...essa questão da quaresma, né? A igreja católica tenta manter, é, o que aconteceu na quaresma em relação a Jesus, inclusive o Judas, foi castigado porque traiu Jesus, mas, como eu já falei hoje a gente não tem certeza se ele realmente traiu ou foi cumprir mesmo o que tava escrito. Mais...é...a igreja católica também mantém a subida no monte que...é um contexto católico, a prova disso é o cruzeiro que tem lá em cima, né? As pessoas vão, acende vela, pagam promessas. No domingo de páscoa também...tem, tem a questão religiosa e as pessoas saem pra...Eu lembro que tinha cruzeiros, em cada estrada tinha um cruzeiro, isso acabou hoje, e as pessoas iam em procissão pro cruzeiro, subir...ir lá no cruzeiro...em cada estrada pra rezar. Estrada do Santo Agostinho tinha um, estrada da Amada tinha

outro, a estrada do Licuri tinha outro cruzeiro, mas isso acabou. Hoje mesmo só tem o cruzeiro lá da serra que as pessoas sobem pra, pra professar sua fé.

- Tinha alguma coisa que os católicos não faziam, não praticavam durante a semana santa aqui em Pé de Serra?
- Bom! Que a gente sabe é a questão da carne, a única coisa que se sabe que não pode comer carne na sexta-feira santa...carne que eles dizem que tem sangue, né? Mais em relação a festa...não tinha nada proibido não pela igreja.
- O senhor sabe dizer se a subida da serra na sexta-feira santa sempre ocorreu ou veio ocorrer vinculada com a festa do Judas?
- Eu não sei. Na verdade...a festa do Judas só começava mesmo efetivamente no sábado e a procissão era na sexta, na sexta-feira santa, né? Então, foi o dia da crucificação, então eu acho que a procissão era nesse contexto...foi o dia da crucificação de Jesus, então tinha procissão. O Judas, a festa do Judas efetivamente começava no sábado, então a igreja católica já não tinha...só tinha a missa, como eu falei, antes da queima do Juda.
- Então o senhor não tem idéia de quando começou essa tradição de subir a serra?
- Há! A subida na serra a gente não tem idéia, não tem idéia de quando começou. Mais supõe-se que foi tudo na mesma época do...inclusive tem fotos, tem uma imagem de uma santa...tem uma foto antiga, até numa comunidade no facebook, não tem da santa mais tem das pessoa em cima da serra, porque essa santa foi trazida por um padre e levaram lá em cima da serra essa santa, né? Pra ser abençoada lá em cima, então é coisa de muito tempo, muito tempo mesmo.
- O senhor sabe me informar se já houve missa em cima da serra?
- Missa eu não sei, agora procissão sempre existiu. Missa eu não sei, procissão sim.
- O senhor já chegou a participar de alguma?
- Já...já subi na minha adolescência junto com a procissão. As pessoas cantando os hinos de louvor, acender vela lá em cima...já subi muito.

- Para o senhor qual foi ou qual é a melhor festa de Pé de Serra? Por quê?
- A melhor festa como eu já falei, a melhor festa de Pé de Serra, isso levando em consideração...é...o contexto cultural, histórico, né? A preservação de um bem imaterial é a da páscoa. Tem a festa do são João que é uma festa importante, mas a gente sabe que é uma festa comercial, é uma festa de...mais pra apresentação de bandas e não é uma festa que tem todo um histórico, um enredo como é a festa da páscoa. Eu particularmente...eu investiria, eu sendo o gestor, investiria mais na festa da páscoa porque não é em todo lugar que tem. Você acabaria abrangendo mais pessoas ainda pro município e isso movimenta o comercio, a economia do município e o são João não quase toda cidade tem, aí não dá a mesma quantidade de gente que...Você ver uma lavagem do Judas com a charanga tocando, né? Lota a rua, aí você tira não é uma banda de nome que ta tocando ali, mas as pessoas estão ali dançando, sacudindo, não ta nem aí...dançando mesmo. E definitivamente na minha visão a festa do Judas é a melhor festa do município, levando em consideração quase 100 anos de existência.
- Eu gostaria de saber se o senhor tem alguma coisa a dizer que não lhe foi questionado?
- Não. É...em relação a festa do Judas eu tenho pra falar só uma coisa que...pedir, que isso fique registrado, a toda comunidade pédeserrense, toda população que não deixe essa festa acabar. Porque dentro dessa festa estão incluídas varias histórias de vidas, varias personalidades, a história do município. É porque eu não tenho aqui, mas se você pegar os testamentos do Judas, você consegue ver dentro do testamento as características históricas da época que o município tava vivendo, pessoas que já morreram estão ali registradas...naquele testamento, né? E, essa festa do Juda eu acho que é um bem...teria que ser tombado, inclusive uma lei na camara municipal de vereadores deveria ser tombada como patrimônio histórico, imaterial do município de Pé de

Serra, que fosse uma lei. Uma lei mesmo, pra ser cumprida a risca pra não deixar morrer essa tradição.

- Já que o senhor falou que sua família sempre foi responsável pelo testamento, tem alguém sendo preparado para da continuidade a escrita do testamento?
- Infelizmente não. Não apareceu ninguém ainda, a gente...eu até conversei com algumas pessoas da família Adorno pra gente fazer alguma coisa na escola...é porque é difícil também, o testamento é uma coisa sigilosa, né? É uma coisa que tem que se fazer e ninguém pode saber onde esta sendo feito, como é que esta sendo feito, é um segredo. Então a gente não pode envolver nem criança muito nisso porque criança não vai conseguir manter esse segredo, mais, você foi até num ponto importante, né? A gente precisaria de pessoas que começasse a entender essa organização do testamento, da métrica do cordel, até professores deveriam procurar se envolver mais nisso, até na confecção eu peço até ajuda dos professores de língua portuguesa pra na confecção do testamento...pra a gente poder preparar as pessoas, pra não deixar essa parte do Juda enfraquecer, que já esta enfraquecendo, não enfraquecer mais ainda.

ANEXO 02: Entrevista com Ivone Pereira Adorno

- Qual o seu nome completo?
- Ivone Pereira Adorno.
- Quantos anos o senhora tem?
- Eu nasci... Diz quando nasceu?
- Pode ser.
- Eu nasci no dia 14 de dezembro de 49...de 1949.
- A senhora sempre morou aqui em Pé de Serra?
- Sempre morei aqui...só que eu passei 10 anos morando em Feira de Santana e depois que eu retornei, parece que no ano de mil...era bom lá

que eu tinha tudo, eu não lembro não. Eu sei que eu morei 10 anos em Feira, depois eu voltei pra qui.

- Mas a senhora nasceu aqui?
- Nasci aqui em Pé de Serra.
- Qual a sua profissão?
- Professora.
- Foi sempre professora?
- Sempre. Agora que eu aposentei, ta com 3 anos que eu aposentei, pela idade...não foi pelo tempo de serviço não.
- E como era Pé de Serra quando a senhora era criança?
- Ah, não era...não tinha calçamento, as ruas era tudo cheio de capim...não tinha negocio de nada não...não tinha mercado, o mercado só era um quadrado assim...com as paredes assim, só as paredezinhas...não tinha hospital. Deixa eu ver o que mais...era uma coisa assim, precisava ver quando eu era menina.
- Não tinha praticamente nada?
- Não tinha praticamente nada.
- E quais as festas que tinha aqui naquela época?
- As festas...tinha São João, as festas juninas né? São João...só isso mesmo...tinha a festa de agosto...o seis de agosto que era bem falado, tinha o seis de agosto.
- E o Judas já tinha?
- O Judas já tinha.
- Os seus pais falavam de alguma festa que tinha aqui antes da senhora nascer?
- Não, o meu pai não é daqui de Pé de Serra...meu pai nasceu em Tanquinho, nasceu em Tanquinho e aí depois de rapaizinho pessoal...tinha o festejo de agosto aqui, onde era presidente era seu Leo e dona Zizi...ai eles suberam que tinha um, um, um fogueteiro muito famoso lá em Tanquinho, aí eles foram lá convidaram pai, pra vim fazer os fogos da festa de Bom Jesus de Pé de Serra...aí pai veio. Chegando aqui ele gostou daqui do lugar, né? Aí foi quando ele começou a namorar com mãe...aí.

- Isso em que ano mais ou menos a senhora sabe?
- Não, aí eu só não sei em que ano...ali tem um Darnival que sabe de tudo, toda hora é pra eu ir lá pra ele me dizer tudo aí...aí ele chegou gostou de mãe, começaram a namorar, começaram a namorar, aí depois casaro e por aqui ele ficou...morando aqui mesmo.
- E antes de seu pai vim morar aqui, já tinha a tradição de queimar o Judas?
- Não, não existia não...foi com ele. Foi o primeiro fogueteiro que chegou aqui e começou a fazer o Judas foi pai, agora eu não lembro o ano.
- E quem teve a idéia de fazer a festa aqui?
- A idéia de fazer a festa? A muitos e muitos anos atrás já tinha essa tradição...de fazer essa festa de Bom Jesus...já vem a muitos e muitos anos, que começou esses festejo com o pessoal da igreja mesmo, eu acredito, resolveram fazer esse festejo de Bom Jesus em Pé de Serra...aí ficou essa tradição, todo ano, só que agora, atualmente, não tem negócio de festejo como era antigamente, que era festa três dias...era dia cinco, seis e sete. E agora a festa mesmo é dia seis, dia seis mesmo entrega a bandeira de noite e ficou...acabou...festa de largo mesmo não existe mais, só existe mesmo os festejos da igreja, não tem mais esse negócio de festa que era gente como o que...armava barraca ni rua...tinha prisão de amor, tinha muitas e muitas outras coisas, né? Mas hoje em dia não existe mais...é só o festejo mesmo da igreja, só de lá da igreja.
- Mas, e a queima de Judas?
- A idéia de fazer o Judas foi o meu pai quando chegou aqui, né? Depois que ele veio pra qui, aí ele começou fazer o Juda.
- Então quem teve a idéia de fazer o Judas foi ele mesmo?
- Foi, foi ele mesmo.
- E como era o boneco quando a senhora era criança?
- Não, pai nunca fez boneco, ele fazia mesmo o Juda.
- Mas como era o Judas?
- O Juda...aí só Culero (risos).
- Mas a senhora não lembra como era?

- O Juda, ele fazia a mesma coisa que Culero faz hoje em dia...faz a armação, coloca bomba, coloca espada, coloca tudo direitinho...tem uma bomba na cabeça enorme...é grande a bomba da cabeça, e aí faz aquela roda e ni cada espaço...de um espaço pra outro coloca uma espada enorme.
- Quem participava da festa do Judas?
- As pessoas?
- Sim.
- Ah, tinha muita gente, tinha Antoi de Macaco, tinha Antonio...um Antonio que mora lá perto da minha casa, que chama Antoi de...ele me disse mesmo...tinha as caretas...tinha muita gente aqui...que saia de careta. Chama Luciene aí pra mim – oh Luciene? Ela também é de minha idade e é danada, ela lembra de tudo.
- E o testamento sempre existiu desde que começou?
- Desde de quando começou que existia o testamento, quem fazia o testamento daqui...era, era...Gabriel. (amiga chega e ela pergunta: Quem saia aqui antigamente, tu sabe? Quem era os careta daqui antigamente? – “Eu sei que tinha Antoi de Macaco”)...era Antonio, Urbano, tinha mais outros aí...era tanta gente que saia. Antigamente só tinha careta e agora, atualmente, já tem o negócio das pirigute, hoje em dia já sai outra, outras coisas por aí. É pirigute, é não sei o que...é o que mais? Tinha muitas careta....era mesmo tinha Jão Molhado, João Cutia, João Cutia não saia não?
- E o testamento falava sobre o que?
- Falava do pessoal daqui da cidade...aqui o pessoal da cidade...fulano...como era que dizia? (risos)...agora não dizia pra desfazer da pessoa, humilhar não...fazia como é que diz...discursiva, de fazer graça mesmo.
- A senhora acha que hoje é melhor os testamentos ou antigamente era melhor?
- Eu acho que o de antigamente era melhor né? Que o de hoje tem...é todo sem lógica...tem horas que fica desfazendo.

- Quando é engraçado todo mundo gosta, mas quando ofende ninguém gosta.
- É, é, ninguém gosta.
- E demorava quanto tempo a leitura do testamento?
- Ah, demorava cerca de 10min...de 10 a 15 né? (amiga "demora mais de 40 minutos, até 50 minutos)...é uma mea hora, né?
- Todo mundo esperava?
- Todo mundo esperava e fica dando risada...é uma festa (risos) esse testamento do Juda.
- A senhora sabe como era feita a escolha da pessoa para ler o testamento?
- Quem lê...quem lia antigamente? Quem lia antigamente era Gabriel, Toinho Funga era quem lia, e quem fazia também era Gabriel, não, era Luiz Funga, Toinho Funga...agora hoje em dia quem faz é Rildo, agora atualmente.
- O mesmo que faz é o mesmo que lê?
- É, é o mesmo que lê.
- E desde o inicio saiam carregando o Judas pela rua?
- Desde o inicio...a tarde...com a bandinha na frente, a charanga tocando e o home com a máscara e a roda segurando...toda vida quem saiu aqui com o Juda foi Antoi.
- Quem a senhora acha que carregou o Judas por mais tempo aqui?
- Antonho...esse Antonho...ele é quem carrega até hoje...e é pago minha fia, eu pensei que ele não cobrava não...(amiga: é pago é?) paga e eu não sabia.
- E desde sempre é pago?
- Foi. Eu acho que foi...que ele também não vai passar a tarde todinha com o Juda na cabeça de graça...a tarde toda...agora ele disse que não ta agüentando mais não que é pra arrumar outra pessoa.
- Eram quantos dias de festa, antigamente?
- Era dois dias, sábado e domingo...era no sábado e no domingo
- Mas no sábado era o que?
- Era a lavagem do Juda, a noite a queima de Judas e o testamento.

- E no domingo?
- No domingo era festa, fazia festa dançante.
- E quem organizava a festa do Judas?
- Quem organizava era...divia ser pai mesmo né? Que era o fogueteiro...era pai...meu pai mesmo, ele que era que organizava tudo, ele que era quem escolhia quem ia sair com o Juda (suada de moto)...era quem falava com o pessoal pra sair de careta...As caretas se arrumava tudo era no fundo da farmácia...agora to mi lembrando, era lá no fundo da farmácia e tinha cá uma área inorme que era dois quarto só e o pessoal ia tudo pra lá se arrumar pra sair...ai saia todo mundo...ai saia o pessoal todinho lá do fundo da farmácia...ja ficava esperando...aí a charanga vinha...esperava na frente da farmácia, aí o pessoal saia tudo pela frente das caretas...cada careta mais feia, fazia de sisal que hoje é aquelas...como é que diz...de plástico já tudo que compra e antigamente fazia aquelas coisa, pintava o, o pedaço de pano de tinta óleo...vestia aqueles...aqueles vestido, aqueles vestidão, aquelas saias.
- E as mulheres também saiam de careta?
- Não.
- Só os homens?
- Só os homens, mulher nunca saiu não.
- E quem ficava responsável pelos gastos?
- Pelos gasto?
- Sim. Pelo que gastava para fazer a festa?
- Não, pra sair de careta ninguém pagava não, né? Ninguém nunca pagou pra sair de careta não.
- Mas e pelos gastos da festa?
- Quem paga é a prefeitura.
- Mas e antigamente? Aqui não tinha prefeitura.
- Ajuntava o pessoal da cidade, os homens que tinha mais condição, né? Fazia...como é que diz...fazia uma bocinha e todos ajudava...Os comerciantes...todo mundo ajudava...é mesmo...hoje é que quem paga é a prefeitura viu.
- Tinha brigas?

- Não, não, nunca teve briga não...é como na festa de agosto, nunca teve negoço de briga não.
- E em relação a filarmônica, ela sempre saiu junto com o Judas?
- Sempre, sempre saia, a vida toda, ela nunca ficou sem sair.
- E o que a senhora acha da festa como ela esta hoje, acha que melhorou?
- A de...agosto?
- Não a do Judas.
- Eu acho que melhorou, não é? (amiga: não antigamente era melhor, até o Judas era mais bonito)..era, era.
- Por quê?
- Porque eu acho...porque pai mesmo fazia, pai sabia mesmo (amiga: as coisas de antigamente era muito mais organizada que as de hoje, eu digo porque eu alcancei) ...era. Hoje sai aquelas piriguite, aquelas coisa, tem gente que acha bonito, né? Outros não gosta, cada um...uns acha que é mais bonito, outros acha que não, agora o negoço hoje é que tem aquelas piriguetes tudo, uns nogoço tudo diferente...antigamente era melhor.
- As pessoas com quem eu conversei até agora acabaram falando a mesma coisa.
- Era muito mais bonito...hoje tem aquelas piriguite, aquelas coisa, tem gente que gosta...que acha bonito já outros não...outros não gosta...cada um...uns acha que mais bonito outros acha que não, agora hoje o negocio tudo diferente.
- A senhora acha que qual é a importância de queimar o Judas? Por que queimar o Judas aqui?
- Muitos e muitos anos que tem (amiga: eu já tenho 55 anos, já alcancei essa tradição). Em Luciene, mais antes de pai chegar aqui não tinha juda aqui não, né? (amiga: não, não). Ai eu não disse, nunca teve não. Foi depois que pai veio pra qui.
- E o que mudou na festa da queima de Judas de antigamente pra hoje?
- Mudou tudo. Porque antigamente tinha mais (amiga: era aqueles tocador mais velho que tocava na filarmônica, naquele tempo era outra coisa,

jovem não...e hoje não tem mais aquele numero)...hoje não é como antigamente que tinha aquele mundo de componente e agora não o pessoal...pouca...tem poucas pessoas, porque antigamente tinha muitas, né? Pessoas já de idade e hoje não, o pessoal não quer, nem todo mundo quer ir.

- Como era o nome de seus pais completo?
- Antonio Pereira Adorno e Cleonice Carneiro da Silva Adorno
- Eles tiveram quantos filhos?
- Minha fia (risos)...tiveram onze filhos.
- Onze?
- Sim.
- São vivos todos?
- Morreu um.
- Então só tem dez?
- Não, espera ainda...teve cinco homem...doze filhos, morreu um ficaram onze.
- São quantos homens?
- São cinco mulheres e seis homens...era sete com Capenga.
- O seu pai alguma vez lhe falou por que veio morar aqui?
- Ele disse que porque ele gostou muito daqui...ele chegando aqui em Pé de Serra, aí ele começou trabalhar e ele gostou do local (amiga: ele foi um farmacêutico muito bom, a pessoal chegava lá ele passava remédio, uma criança doente ele chegava passava remédio, a criança ou a pessoa adulto se dava bem)...Era o médico daqui...aqui antigamente não tinha médico não, o medico era ele...fazia parto...é...tinha a farmácia.
- Qual era a profissão dele mesmo?
- Era essa mesmo de fogueteiro...não era só fogueteiro era farmacêutico, era, era como é que diz...já teve padaria...eu tenho um livro lá enorme que fala tudo...era farmácia, já teve padaria, era musico...tocava também aqui numa bandinha lá, lá...como era o nome? Que tinha festa e ele participava, tudo isso olha é muita coisa...eu tenho lá no livro tudo que ele já foi. De tudo ele já foi. (amiga: e a profissão que ele mais coisava

era farmacêutico, era ótimo)...O pessoal chamava de madrugada pra ele ir fazer parto, pra ir atender... tinha gente desenganado dos médicos desse mundo a fora e vinha ele passava o remédio e a pessoa ficava curada...pois é minha filha, eu sei que ele era o médico daqui e badalado mesmo...o pessoal...todo mundo só procurava ele aqui. O pessoal que trazia as crianças que já tava desenganada lá, levava pra todo tipo de medico por aí a fora, Ipirá, Itaberaba por esses mundo...trazia pra ele e ele curava. Ele tinha duas fotos de uma menina...de duas meninas desenganada pelos médicos e ele curou...aí ele tinha duas fotos na parede, na casa dele...de duas meninas que ele curou mesmo...aí o cara pegou e trouxe as fotos.

- Ele ensinou os filhos a fazer o Judas?
- Ensinou, ensinou...a Culero, a Dicota.
- A todos?
- A quase todos...Dilson não, Uilson sabe, Culero sabe, Gilson sabe, Ivan, agora eu não sei Dicota. Dicota deve saber um pouquinho...sabe, sabe...agora saber mesmo de fora a fora é Culero e Gilson, esses dois.
- E as mulheres ele ensinou?
- Não.
- Por quê?
- As mulheres só era encher bomba, escovar cobrinha...escovava cobrinha essas...botar a boca em chavinha, chuveiro, agora pra botar mesmo o dinamite as coisa a gente não sabe não.
- Essas coisas ele ensinou aos homens?
- É, mas essas besteiras a gente sabia...fazer tubo (risos).
- A senhora acha que o Judas representava alguém daqui, tipo era feito pra dizer que era um político ou uma pessoa que os moradores não gostava?
- Não, não.
- Era só para brincar mesmo?
- É uma tradição aqui da cidade mesmo...não era pra parecer com ninguém não. As vezes quando saia na rua o povo dizia: olha num sê quem...ta parecendo num sê quem, mas é completamente diferente.

Não parecia ninguém aqui...o Judas que pai fazia, né Luciene? Nunca deu defeito...agora o que Culero faz hoje em dia, é bom também, mas as vezes não deixa de falhar alguma coisa, né?

- E o do seu pai não falhava?
- Não. Nunca falou.
- Ele faleceu em que ano?
- Oh minha fia, eu tenho em casa lá no papel assim eu não sei não. Ele faleceu no dia quanto meu Deus? No dia 3 de agosto...sei que mãe foi no dia 19 de julho, e ele foi no dia...deixa aí que depois eu olho lá e ti digo.
- E antes dele morrer ele ainda fazia o Judas?
- Fazia. Ele deixou de fazer depois que ele adoeceu mesmo que ele ficou...que não agüentava mais sair da cama. Mais antes dele, dele...enquanto ele agüentou que chegava a época de fazer o Judas, ele ia lá pra casinha – tu sabe aonde é a casinha? -- Ele ia pra lá e ficava sentado, ensinado os meninos como era que fazia oh, ensinou a Culero, ensinou a coisinho, como era que fazia, e os meninos sentava lá.
- E no ano em que ele morreu, ele ainda ensinou ou não?
- Não. Acho que faltando um ano pra ele morrer, ele já não ensinou mais que ele não agüentava mais levantar da cama. Quando ele arriou mesmo na cama ele não agüentou mais levantar. Eu me lembro que o ultimo Judas...o ultimo Judas que ele fez, ele tava deitado sem agüentar levantar...ele levantou apuço e chegou na janela e ficou de lá olhando e chorando, chorando e dizendo assim: “é o ultimo Judas na vida que eu to vendo” (choro)... “foi o ultimo Judas que eu olhei...que eu sei que para o ano eu não tô mais vivo”. E eu: oxe pai deixa de coisa...eu tava até de junto dele, que a gente morava numa casa aqui onde hoje é o botijão de Edvaldo. Ele chorou tanto, disse: “é...se despediu e tudo”. O pessoal pararam o Judas e tudo, na frente da casa e ele aí agora já chorou.
- Quem pagava a ele para fazer o Judas no inicio?
- Fazia o pessoal dos comércio, os comerciantes, fazia uma vaquinha cada um ajudava, dava um pouquinho assim...e aí fazia.
- E quando ele faleceu quem ficou fazendo?

- Culero.
- Já era Culero?
- É, é...Não, não primeiro foi Gilson, acho que Gilson fez...Gilson e Uilson fazendo depois passou pra Culero fazer.
- A senhora acha que a tradição de queimar o Judas aqui vai permanecer.
- Acho que vai. Acho não, vai.
- Por que?
- Acho que porque os meninos sabem fazer, Culero sabe, Uilson sabe, Ivan, Gilson eles tudo sabe fazer...aí eu sei que vai dando continuidade, né? Sim ele faz pra outras cidades também. Culero esse ano fez pra Riachão, tu soube?
- Sim
- Disse que só...que o pessoal lá acho que nunca tinha feito...o pessoal foi bem pouquinho que acompanharam.
- Mas, tinha muita gente de lá aqui.
- Foi. Os careta mesmo só foi pouquinhas...Culero foi quem arrumou. Faz pra...ele já fez pra Pintadas, Culero já fez o Judas, pra Nova Fátima.
- Qual a importância que a senhora acha da queima de Judas para a sua família?
- A eu acho muito importante, né? Uma tradição que meu pai quem começou a fazer esse Judas, então a gente acha muito importante aqui...ele adorava fazer, ele fazia fogos mesmo (amiga: as vezes nem tinha dinheiro, quase não tinha dinheiro e ele fazia com o pouco que tivesse ele fazia...ele gostava tanto que fazia) ele fazia mesmo porque ele amava, ele amava mesmo, ele gostava, ele adorava fazer o Judas.
- De quando começou a ter a queima de Judas aqui algum ano ficou sem fazer?
- Não. Depois que ele começou fazer...antes não fazia, né? Não tinha negócio de Judas aqui, depois...aí agora pronto...(alguém lhe faz uma pergunta)
- A senhora ainda participa da queima do Judas?
- Há minha filha, eu desde quando a primeira vez que pai...desde quando pai...quando o Juda começou a sair na rua...a primeira vez que pai...que

eu nunca perdi, tenho que sair atrás do Juda. Quando eu fui mimbora, que fui morar...embora não, fui passar uma temporada ni Feira de Santana...Memeça, minha vó, dizia: “oh minha filha tu passou 10 anos lá, tanto tempo lá em Feira, tu acredita que todo ano quando o Judas saia eu só me lembrava de tu, eu chorava me lembrano”. Que eu não vinha não, eu me contrariei com negoço de marido que arrumou mulher, e eu fiquei desgostosa, deixei de vim aqui. Eu mesmo fiquei contrariada e deixei de vim aqui, a coisa mais difícil era eu vim aqui, né não Luciene?

- A senhora perdia a festa?
- Aí eu perdia a festa todinha, porque fiquei desgostosa. Ele arrumou mulher aqui, aí eu nem vinha, aí Memeça: Oh minha fia eu chorava tanto quando o Judas saia na rua, só me lembrava de tu...só o que eu me lembrava, que eu queria ver o Judas sair na rua pra tu não ta atrás...e até hoje bem. Eu quero vê sair pra eu não ta atrás.
- A senhora acha que esta festa é religiosa ou não?
- É religiosa, é religiosa...só queima o Juda depois de uma missa...tem a missa, aí depois que termina a missa...que essa missa de sábado de páscoa é cumprida, demora...começa de 7 pra 8 horas e termina 11, 12, esse ano terminou quase 12 horas.
- E o testamento só é lido depois que acaba a missa?
- É. Antes da missa não queima, nem lê o testamento...(amiga: essa missa é tão linda que todo mundo fica com uma vela acesa). Todo mundo com a vela acesa...depois, agora...só que já tem 2 anos, 2 não, 3 ano que eu não vou ver a...o queima de Judas, eu fico lá de minha casa, de lá do varandado em pé, olhando – sabe por que? Porque eu fico com medo do Juda não prestar...e o povo aí agora começar...aí eu fico de lá e não vou...deixei de ir, e não vou, nunca mais eu fui bem...nunca mais eu fui. O último ano que eu fui me deu um treme, aí eu entrei numa casa, aí fiquei tremendo - eu avemaria, no próximo ano eu não venho de jeito nenhum...fiquei com aquele trauma...vai fazer e não vai prestar...aí eu deixei de ir tem 2 anos que eu não vou ver não.

- Alguma pessoa, um religioso talvez, já quis que acabasse q queima de Judas aqui?
- Não, não. Ninguém nunca quis não...eles querem, tem prazer de fazer, ninguém nunca quis que acabasse não...o testamento também não. Quando tinha o tal de Zica e Dionísio...quando chegava próximo mesmo a pascuareta esses homens já começava com uma lista, pedindo ajuda ao pessoal da cidade...todo mundo pra fazer o Juda. Dionísio mais Zica tinha a maior alegria e prazer do mundo...Dionísio já morreu e o Zica ainda é vivo. Era tradição mesmo, que Dionísio indoidava mais Zica – umbora juntar tudo aí pra fazer o Juda...botava aquela lista...(amiga: e todo comerciante ajudava) todo comerciante, e o pessoal também que podia.
- O que cada um pudesse ia dando?
- Todo mundo, todo mundo...até as mulheres
- E dava o que?
- Dinheiro, dinheiro...aí todo mundo dava uma ajudazinha, aí o que arrecadasse era esse que dava a pai...ele gostava mesmo de fazer com dinheiro ou sem dinheiro, pouco ou muito ele fazia.
- E as pessoas falavam o que da festa?
- Há, gostava, adorava. Todo mundo...o pessoal avemaria (amiga: vinha gente de Riachão, Feira, Salvador).
- E as pessoas que eram daqui, que iam morar fora, vinham?
- Vinha. Todo mundo, tudo...tudo
- Trazia amigos?
- Trazia. E além de pai fazer o Judas, fazia aquela peça que parece uma igrejinha, né? Aí, apresentava a bandeira do Brasil, depois o Bom Jesus, nera? O Bom Jesus de Pé de Serra e logo após...hoje em dia não, hoje em dia eles faze e colocam a bandeira de prefeitura, obrigado prefeito...e antigamente bandeira e outros fogos que tinha e tem até hoje. Como é Luciene aquele redondo? (amiga: o disco vuador). O pessoal adora, e primeiro tem os fogos de artifício que é lindo, lindo. Tu sabe que tu vem.

- Me disseram que antigamente era feito só um Judas, e que esse desfilava na rua e depois queimava. Isso é verdade?
- Era, esse mesmo saía na rua e era queimado, esse mesmo queimava, e pai tinha um medo do Judas...o pessoal fazia uma roda...ficava cercando pra...com medo de nego com cigarro ou qualquer coisa...e botar fogo. Mais hoje em dia não. Hoje em dia já fazem o Judas de queimar na rua...de sair na rua e de queimar de noite.
- Que não é perigoso?
- Não é perigoso não, que só é de pano mesmo, não é perigoso. Só faz a armação. Ê, que o povo gosta dessa festa viu, é a festa que mais o pessoal gosta aqui de Pé de Serra é essa pascuareta. Adoram avemaria... Sim, o São João também é muito bonito, ela sabe que ela vem.
- Antigamente durante a lavagem, distribuía bebidas?
- Distribuía, distribuía...toda vida...o lito de pitu (risos)...eu mesmo era mestra pra toda hora que tava na rua, pegava uma garrafa, o povo bebendo e eu me dá aí (risos).
- Tomava um pouquinho também?
- Não era pouquinho não era muito (risos), hoje não que eu sou hipertensa, não posso mais beber. Mais antigamente era um pau d'água arruinado (risos)...eu tanto dançava. Tanto pulava como bebia.
- E hoje ainda há essa distribuição de bebida?
- Tem. O comercio aí...cada um dá um lito de bebida...whisky.
- E que horas era queimado o Judas antigamente?
- Nesse mesmo horário. Num era Luciene? (amiga: era, toda vida)...que toda vida teve a missa antes.
- E quando não tinha energia, mesmo assim o povo esperava?
- Tinha de motor.
- E o povo ficava esperando?
- (amiga: oh, o povo não saía). A, é uma tradição que o povo perde a noite todinha, e não sai minha fia...gosta, ate as criança não dorme. Agora as criança tem medo de careta viu (risos)...fica tudo chorando, tem gente velho...tinha um tal de...como era o nome dele? Morreu tem pouco

tempo, que quando o Juda saia na rua, corria doido, perdia sandália (risos). Igor mesmo quando era pequeno, tinha de 7 pra 8 anos, disse que o Judas saiu...aí disse que Igor saiu doido correndo, a careta inrabou atrás de Igor. Igor chegou lá numa venda no beco do bagaço (imita a respiração ofegante do menino) foi preciso levar em casa de medo (risos).

- Antigamente tinha festa depois da queima do Judas? Porque hoje tem banda.
- Hoje tem banda, antigamente não...quando terminava o Judas o povo ia embora... (amiga: outras vezes a charanga tocava)...é, as vezes a charanga tocava um pouquinho.
- Então veio ter banda de um tempo pra cá? Depois que se tornou cidade?
- É. Que antigamente não tinha não...não tinha negócio de festa não, com banda não.
- E a semana santa, como era a programação?
- Antigamente?
- Sim.
- Tinha mesmo...a caminhada, procissão...o pessoal fazia na igreja...Sim, na sexta-feira santa, ficava até...a vigilha...até 2, 3 horas da manhã, que eu cansava de ir na sexta...eu ia participava a noite quase toda e a gente a noite todinha cantando...passava a noite todinha lá.
- Tinha alguma coisa que os católicos não podiam fazer na semana santa?
- Não podia fazer?
- Sim. Se não podia comer alguma coisa ou fazer?
- Tem. Não podia comer carne, na quarta já não comia na quinta, na sexta e no sábado até meio dia, não comia.
- Antes de se queimar o Judas, a senhora já ouvia dizer que se subia a serra?
- Já, já subia...só não na quinta...só na sexta.
- Sempre na sexta?

- Sempre na sexta. Toda vida, fazia procissão daqui pra serra, antigamente num era Luciene? O pessoal ia tudo andando.
- E as pessoas subiam a serra pra que?
- Tipo...como é? Uma tradição mesmo.
- Era uma promessa ou algo do tipo?
- Não, não era promessa não. Era porque na semana santa mesmo já tem esse detalhe da pessoa subir ni serra, toda sexta-feira santa...já tem na bíblia mesmo, negoço de...toda sexta-feira da paixão tem que ir na serra. Eu mesmo todo ano eu ia, mais de uns 3 anos pra cá, eu fui até ali no pé da serra e voltei (risos), foi...oxe! Eu aguento mais eu cheguei lá no pé da serra, eu disse: olha eu não vou mais não. O último ano que eu fui Quinca tava lá – “Ô Voní! Tu também ta subino aqui na serra minha fia”. Eu disse: Tô! Aí quando eu ia subindo ele já ia descendo. Foi no ano que ele morreu, naquele ano, tem 2 ano...Eu guento subir, só que quando eu chego lá que olho, me dá preguiça (risos)...não vou subir mais não.
- Me disseram ou melhor eu vi uma foto de uma missa realizada em cima da serra. A senhora já ouviu falar de alguma missa em cima da serra?
- Eu acho que é no monte belo. É, é no monte belo. Não é ma serra não...tem a igrejinha mesmo. É no monte belo, é no monte belo. Na serra ali eu nunca ouvir dizer não...desde eu criança eu nunca ouvir dizer que tivesse missa na serra não. Agora no monte belo tinha, todo ano. Tem a igrejinha...esbagaçou toda a igrejinha...já assistir muita missa naquela igrejinha do monte belo.
- Para a senhora qual é a melhor festa de Pé de Serra?
- Pra mim é a páscoa. É a pascoareta mesmo. Eu acho melhor que o são João (intervenção da amiga).
- Obrigada por conversar comigo.
- Por nada. Se precisar saber de coisa é só me procurar.
- Certo. Obrigada!

ANEXO 03: Entrevista com Astezio Cedraz Sales

- Qual seu nome?
- Astezio Cedraz Sales.
- A sua idade seu Astézio?
- De 1935...10 de agosto de 1935.
- O senhor sabe desde quando existe a tradição do Juda aqui em Pé de Serra?
- Essa tradição do Juda nasceu sabe em que ano?... Dizem que eu não era nem nascido, em 34.
- No ano de 1934?
- Dize...
- Quem criou?
- O finado Braz, o finado Gaspar foi é... o finado Tavim. Gaspar e Tavim que criou, fazia o Juda de pano, o boneco as bobinhas e botava num pau no meio da rua no meio da praça e botava fogo, facho para queimar aquilo lá né?.
- Não tinha bomba?
- Tinha, tinha, mas era... não rodava era só como um boneco.
- Então o que o senhor se lembra dos relatos é que nos primeiros Judas não tinha a lavagem do Judas, só a queima do Judas?
- Só a queima do Juda e pronto.
- E quem fazia esses primeiros Judas?
- Era o finado Gaspar, o finado Tavim. Ai quando foi em 1945 - ta gravando aí? - Genuarinho de Tanquinho fazia esse Juda lá em Tanquinho... Genuario, pai de Antonio Fogueteiro, fazia esse Juda lá em Tanquinho em cinquenta, quarenta e tanto, cinqüenta por ai assim. Quando foi em quarenta e cinco, de cinqüenta pra cá. Em quarenta e cinco Léo, meu cunhado trouxe o Genuarinho de Tanquinho pra fazer o Juda aqui.
- E Léo era o que da cidade?

- Não era cidade, era povoado. Léo era comerciante, tinha caminhão meu cunhado trouxe Genuario pra fazer o Juda aqui, trouxe Toinho muderninho, Toi fogueteiro... veio mais o pai, fizeram o Juda aqui em 1945.
- O primeiro Juda feito pela família Adorno?
- Exato em 1945, aí fez o Juda Toi, gostou moderno tal e coisa, aí Léo disse fica por aqui, mas a gente para fazer os foguetes, os fogos do mês de Maria, do mês de maio vem a festa de agosto né? Aí Toi ficou por aí morou lá em casa junto com a gente e não foi um dia só não, foi anos eu e ele todos dois quase da mesma idade, ele é mais velho do que eu pouquinho ele parece que é de 34, 33 e eu sou de 35...ele, aí morou e ficou lá, depois saiu alugou uma casinha. Daí para cá o Juda, 45 cada vez mais foi ampliando... e essa historia da tradição do Juda com a família Adorno é desde 1945.
- E quem organizava a festa do Judas?
- O presidente da festa... tinha a festa de agosto, o presidente que organizava, custeava.
- Agosto aqui comemora o que?
- O padroeiro bom Jesus da lapa, o padroeiro aqui do Pé de Serra.
- Então o presidente da festa do padroeiro era quem ficava responsável por organizar a queima do Juda, a festa?
- A festa toda, da missa, do mês de maio até agosto em agosto termina a festa a gente passa para outro, outro presidente, novo presidente eu mesmo tenho 34 anos que fui presidente, ai a gente fazia aquilo e ai? Não tinha dinheiro pro Juda e tal.
- Aqui era povoado ainda?
- Povoado ninguém falava em cidade não, ai a gente juntava os comerciante tudo o finado Dionísio era muito interessado ai ele fazia uma lista ai botava nois tudo do comercio fulano da tanto, outro da tanto. Teve um ano mesmo um ano ruim tempo de seca, não sei Antonio Fogueteiro não pode fazer ou tava doente foi um negocio assim quer que faz, quer que não faz umbora pra Tanquinho, fazer o Juda em Tanquinho...a gente foi pra Tanquinho, foi Pedro irmão de Toi, Genuario

já tinha morrido, Pedro fogueteiro de Tanquinho logo ali na descida na entrada, ali acertamos tudo eu que fui buscar. Fui buscar de carro não cobrava nada só pra ajudar pra desenvolver a tradição e ai continua até hoje, Antonio Fogueteiro morreu e os filhos ficou fazendo e continuou a mesma tradição com lavagem, passeata na rua com a charanga, a lira 6 de agosto.

- No mês da páscoa, já existia o movimento de subir a serra antes do Juda ou foi depois do Juda?
- Há existia a mais de cem anos, a cento e tantos anos... o negocio de subir a serra já existia.
- A lavagem do Juda veio depois?
- É... a sexta feira da paixão subia a serra, o morro aqui né?... (monte belo) com meus pais, meus avôs né, então eu tenho a tradição do começo da historia de mil oitocentos e pouco...até... (ñ entendi).
- O senhor sabe, já ouviu falar quem foi o idealizador, quem teve a idéia de trazer o Judas pra ser queimado aqui?
- Foi Roque Carneiro Rios (Léo)...
- Foi o primeiro a querer trazer o Judas pra cá?
- Isto, trazer de Tanquinho pra aqui, Leo, Roque Carneiro Rios morreu a poucos tempos meu cunhado.
- Ele então foi o primeiro a ter contato com a família Adorno e trouxe?
- O Genuario, pai de Antonio e de Pedro tem mais outros irmãos mais eu não conheci não, conheci esses só...foi Léo, entendeu, Roque Carneiro Rios pode botar aí.
- E o Judas era feito com o que?
- Feito com pólvora, com espada e coisa depois Fogueteiro arrumou um jeito de um avião pra queimar, tem um disco voador, ai apareceu tudo ele muito experiente, ele gostava de fazer aquilo né? Que aquilo já era tradição de Tanquinho (intervenção de outra pessoa) tudo isso, essa semente veio de Tanquinho...
- Mas antes dele?
- Há os primeiros que fizeram o boneco ai não sei da onde eles inventaram isso, essa idéia.

- Quando o senhor nasceu, se entendeu por gente já existia?
- Já tinha isso, já tinha esse negocio era o finado Tavinho, Otaviano Carneiro Rios, Gaspar era três mais velhos que fazia isso. (intervenção de outra pessoa) oxe ave Maria esse Juda trás gente pra qui, que (risos).
- Então os primeiros organizadores na verdade foram os comerciantes?
- Foi Roque Carneiro Rios.
- Mas ele junto com os comerciantes que patrocinavam?
- Os comerciantes que patrocinavam a festa do Juda... aí quando passou a ser cidade a prefeitura passou a arcar com esta despesa, mas antes era as pessoas do povoado (intervenção de outra pessoa).
- O testamento sempre existiu desde que o Juda veio?
- Há... o testamento desde quando eu nasci disse que já existia isso, esse diabo de testamento (intervenção de outra pessoa).
- Desde o inicio as pessoas saiam pelas ruas carregando o Juda?
- Há, é na cabeça
- O senhor conhecia a primeira pessoa que carregou o Juda, lembra quem era?
- Antonio Tubi.
- Já faleceu?
- Já, a muito tempo.
- O senhor lembra quantos anos ele carregou?
- Acho que uns dez anos (intervenção de outra pessoa).
- O que o senhor acha da festa como ela esta hoje, é melhor, o senhor preferia como era antes evoluiu, melhorou, piorou?
- Evoluiu o numero de gente visitante, mas o sistema da festa continua a mesmo... a circular na rua com o Juda na cabeça, o cara dançando, rodando queima do Juda o mesmo, oavião o mesmo, o disco o mesmo (intervenção de outra pessoa).
- Em relação a filarmônica, como foi que ela surgiu junto com o Juda?
- A filarmônica nasceu em 1924, criou em 1924.
- E a idéia de fazer a lavagem do Judá com a filarmônica, foi em que ano mais ou menos o senhor lembra?

- Já foi com o finado Tavinho, antes do tempo de Fogueteiro, eu era menino, foi ele que criou ele era maestro.
- Em que ano mais ou menos?
- O ano eu não me lembro, ele era maestro da charanga, chamava charanga, morava ali finado Tavinho, gostava muito daquilo com o... o maestro era Tavinho e Alexandre Cana Brasil de Riachão era o maestro vinha ensinar, da lição aos menino pra tocar, pra ensinar ele era presidente da lira 8 de setembro de Riachão, Alexandre Cana Brasil... a uns 40, 50 anos atrás, uns 60, né?
- Então assim que surgiu a lavagem do Juda já vinha com a filarmônica?
- Já saiu tudo junto.
- O senhor ainda participa da festa?
- Participo.
- O senhor participa como folião, careta?
- Como folião, folião acompanho e...borá, passa o povo, borá andar... o tumulto de gente é de mais.
- Essa festa começou sendo apenas religiosa?
- Religiosa e continua até hoje.
- O senhor acha que ela é apenas religiosa ainda?
- Ela é religiosa da tradição da igreja, religiosa.
- A queima, a lavagem sempre foi...?
- Sempre foi e continua né? Até um padre uma vez, um padre Silvino uma vez, acabou com a festa de cristo reis aqui nessa igreja...eu mesmo tive uma briga com ele, é assim eu não guento não.
- Porque ele acha que a festa é do mundo?
- É ele acha que porque chega de novo já quer que todo mundo obedeça, não pera aí, venha mais devagar não é pra vim assim não.
- O senhor acha que essa tradição vai permanecer passando por muitas outras gerações, assim vai permanecer por muitos e muitos anos ou esta perto de acabar?
- Esta festa do Juda? Eu acredito que não vai acabar nunca não, eu acredito que não vai acabar
- Por quê?

- Porque ela vai permanecer é uma tradição que todo mundo vai chegando a idade, uns vai morrendo outro vão embora aqueles mais velho vai ampliando e os novo continua e todo mundo junto sem separação de política...é que quando pega infiltrar a misera da política que espatifa muita coisa, mas ela não.
- É independente da política?
- É independente da política, a prefeitura ajuda e tal, coisa porque esta na obrigação, porque arrecada pra isso, os prefeitos, não é o prefeito, os são todos que passou o que ta e o que vai vim... não adiante são tudo uma porqueira entra hoje amanhã a gente bota pra rua.
- Em relação a importância, o senhor acha que é importante manter essa tradição para a cidade de Pé de Serra? Já trouxe benefícios para a cidade, em termos de trazer pessoas para conhecer a cidade? As pessoas falam o que da festa?
- Vixe... já é uma tradição enorme, aqui em casa mesmo as vezes tem 10, 15, 20 pessoas, é assim de gente nas casa, aqui mesmo eu alugo (referindo-se a um clube em que é proprietário) vem gente de Salvador, vem de Cruz das Almas, Santo Antonio de Jesus fica alugado, no São João ainda mais.
- E em relação as diferenças do começo do Judá para hoje, quais as principais diferenças? Eu conversei com seu Antonio e ele disse que só era um Juda antigamente, o Juda que saia era o mesmo que queimava...
- E continua o mesmo.
- ...E hoje tem dois.
- Não o que sai é o que tem bomba, continua o mesmo, eles fazia um assim...Fogueteiro andou fazendo uns lá separado e tudo, mas o que anda na rua é o mesmo que queima.
- Até hoje?
- Até hoje... o que anda na rua é o mesmo que queima, que faz ele com espada, com aquelas bomba (risos) são doze bomba, é doze espada e doze bomba vai queimando de uma em uma quando termina tem a barriga do Juda detonando de fogo, e por derradeiro é a da cabeça que

detona e esse é o que anda pela rua...esse negocio de dois inventaram ai...inventaram mas.

- O senhor tem alguma foto antiga da festa do Juda?
- Rapaz eu tinha aquilo, mas acabou não sei aonde ta, sumiu alguém pode até ter por ai a foto.
- O senhor não sabe quem pode ter?
- Bonçocego, Antônio Bonçocego do armarinho, pode ir lá que ele gosta muito de guardar essas coisa.
- O senhor já participa do Juda a quantos anos seu Astezio?
- Antes de 1945 eu já participo disso, em 40, 42 eu com 6, 7 anos eu já participava daquilo.
- E já tinha as caretas, tinha tudo?
- Tinha e continuou crescendo é, e Fogueteiro foi em 1945 trazido por Genuarinho o pai dele de Tanquinho.
- E hoje quem faz?
- É os filhos de Antonio Fogueteiro, Chuterinha, Cascatinha, né?...Eles que faz o Juda... quem faz é os filhos de Fogueteiro hoje, quem faz mais é Culeiro...faz com perfeição, é difícil ter uma falhazinha, é muito difícil, mas sempre tem acontece de ter uma falha no avião, outra hora no Juda nunca teve, outra hora tem uma falha no quadro que vai passando a igreja, passando as atividade que vai rodando, outra hora o disco é difícil ter, mas sempre tem uma falha.
- E em relação ao começo da festa, durante a lavagem o povo, os comerciantes antigamente distribuía bebida?
- Vigi! É bebida, é bebida que deixa todo mundo bêbado (risos).
- Até hoje há essa distribuição de bebida?
- Se ai, agora é que ai, (risos) os cara vem com a mão cheia de wisk, de conhaque, de pitu e tudo.
- E da para os participantes, para os músicos?
- Pros participantes, quem ta no meio e bota no copo (risos)... é uma fusaca boa da porra, pra mim é a melhor fusaca, nunca teve igual.
- Para o senhor é a melhor festa que Pé de Serra tem é essa?
- Pra mim, pra mim a melhor é essa.

- Por isso que não pode acabar?
- Por isso não pode acabar... aí meus filhos que esta por aí ta no mesmo sentido Ailton ta tudo ajudando, tudo acompanhando, eu já vou dormir mais cedo logo fui acidentado algum tempo aí, a idade.
- A queima do Juda era feita que horas antigamente seu Astezio, sempre foi meia noite?
- Sempre foi 12 hora, 12 hora do sábado de aleluia.
- Sempre teve testamento?
- Vixe, ô o bruto eu tinha uns testamento aí, mas...
- Quem fazia os testamentos antigamente?
- Quem fazia? Sabe quem é, fazia uma mesa redonda era o finado Zeis, era o nego Gaspar, era eu, era André, juntava tudo, aí cada um ia lembrando de uma coisa de uma brincadeira de um, o que acontecia com outro, aí ia juntando e fazendo o testamento.
- E era elaborado como assim? Na véspera da festa?
- Não na hora de queima o Juda.
- Não, a elaboração na hora de escrever?
- Ah, antes, antes se reunia aqui, acolá os amigos e aí fulano aconteceu isso, fulano não sei o que e tal, e tal. De primeiro tinha uns... hoje não os testamento...ta o testamento caiu muito.
- O senhor acha que o testamento piorou na qualidade?
- Há piorou, o testamento piorou uns 50%.
- E por que o senhor acha que piorou?
- Não sei... é quem ta elaborando que não ta tendo...assim uma...
- Hoje é elaborado só por uma pessoa ou por um grupo também?
- É um grupo de pessoa, é os meninos de Antonio Funga, é outros por aí, é o menino da farmácia que se junta pra fazer, o tempo pouco todo mundo cuidando de si aquela luta então não ta, mas de primeiro era bonito.
- Demorava em torno de quanto tempo a leitura do testamento?
- Pra ler? Demorava uma hora pra ler, tinha ano que passava uma hora pra ler o testamento.
- E o povo esperava?

- Ora tá se esperava (risos) ficava tudo assim (gesto de como o povo ficava) eu me lembro de um bocado de verso ainda, tinha um pra o Valdemar: “eu quase me esquecia do amigo Valdemar, agora me lembrei não posso desprezar, não sei que sorte é a tua, porque todo lodo da rua, só voa pra te pegar” kkk... e depois disso, os que tão lendo de uns tempo pra cá, antes de fazer a pausa, parar um pouquinho já começava a ler outro de novo em seguida e não é. O testamento de Juda, você pega essa folha e vai lendo, leu um verso aí para um pouco que é pro povo sorrir, aí vem outro, é por isso que demorava mais e hoje não quando pega quer sapecar... lê até corrido, uma vez mesmo Luiz Funga leu ele um bocado de vez lá, todo mundo gritou não, Luiz não presta não, arranja outro ligeiro, arranja outro esse não tá prestando, quem leu melhor foi Lulu, Lulu de Colo, professor Lulu.
- Foi quem leu melhor o testamento?
- Depois do finado Quinca, quem leu melhor o testamento do Juda foi Lulu, quem leu melhor foi Lulu, nunca teve um igual a Lulu.
- Ele era convidado pelas pessoas pra lê?
- Claro... oxe a comissão que convidava.
- E por que tiraram?
- Eu não sei... mas aí, essa área aí entrou a política, aí ficou o povo da política... quando era PMDB ficaram lá, quando era da arena do PFL chamavam Lulu e aí ficou naquela, Lulu também não quis mais pra ninguém, acho que foi assim que ele desistiu, que não era pra ter aquele complexo. Lulu era bom todo quando aí prosar, quando no terminar, eu vou morrer vou deixar minha herança não sei o que, minha roupa, minha calça pra não sei quem, minha ceroula furada pra não sei quem era assim... ele sabia, lia e parava um pouquinho e fazia o enredo.
- Ele lia e interpretava ao mesmo tempo?
- Exatamente, e os outros não...
- Só lia?
- Era correndo e aí... Lulu lia, depois tirava Lulu e botaram outro, tornaram botar Lulu, tornaram tirar Lulu, aí Lulu não quis mais tem razão servir de peteca... há não me faça de mim peteca não que não aceito... a gente tá

na obrigação de se humilhar a todo mundo, o ser humano se pensar só não pode se humilhar ao bebo, eu mesmo pro lado de bebo se eu puder jogar um pinico de merda eu jogo, a não ser um bebo que embebeda assim pelo uma causa, numa festa, agora um bebo que vive a semana todinha bebendo, só bebo tenha paciência.

- Inclusive eu ouvir dizer que Antonio de Macaco foi carregador do Juda...
- Antonio de Macaco foi carregador muito tempo.
- ...E deixou porque se tornou alcoólatra.
- É. Antonio de Macaco avemaria carregou muito tempo, avemaria quantos anos? Foi Antonio Tubi, Antonio de Macaco, foi outros e outros um bocado... agora já tem Antonio de Tuzinha que carrega o Juda, quem ta carregando é Antonio de Tuzinha, é porque de vez em quando muda pra outro, vai ficando mais velho, vai encostando outro entra... Esse negocio de 45 pra hoje quantos anos tem? É pra ser um só toda vida? De 45 pra hoje quantos anos tem? Faça a conta aí... de 45, já digo de 45 que foi quando começou esse Juda mais ampliado.
- Mas antes já tinha?
- Já tinha é... já tinha... agora não rodava... fazia o Juda e tal, botava no pau lá.
- E tinha festa?
- Tinha, tinha.
- Porque hoje depois da queima do Juda tem banda, né?
- É aí é festa dançante depois.
- E antigamente como era a programação?
Tinha a lavagem a tarde, a missa, leilão, testamento e queimava o Juda, pronto, encerrava.

ANEXO 04: Entrevista com Laurêncio Pereira Adorno

- Qual o seu nome completo?
- Laurêncio Pereira Adorno.

- Quantos anos o Senhor (a) tem?
- Tenho 40 anos.
- Sempre morou em Pé de Serra?
- Sempre, já passei uma temporada fora assim, mais sempre morei aqui.
- Qual a sua profissão?
- Minha profissão é de, trabalho de curioso como diz a história, né? Trabalho fazendo uns “foguizinhos”, alguma bobagem.
- O senhor sempre teve essa profissão?
- É herança né, vem de pai para filho, meu pai trabalhava com isso, fazendo uns “fogosinhos”, desde criança e a gente foi, gostando do sonho e a gente continuou dando continuidade ao trabalho.
- O que o Senhor (a) lembra da sua infância?
- Eu lembro muito, sobre a área de fogos, que eu soltava muitos fogos quando era menino [risos] por que eu num comprava tinha dentro de casa e ai soltava muito.
- Como era Pé de Serra naquela época?
- Ah, a tradição do Judas toda vida teve, desde eu criança porque desde quando eu me entendo por gente já tinha, agora na época de antigamente também tinha a Guerra de Espadas, que terminou, alguns anos foi passando, se passando e depois que fizeram a festa, por que antigamente não existia festa aqui da praça, antigamente só existia festa aqui, nas casas, era de casa em casa, era o forro das casas, era o mês todinho cada um dia dentro da casa de uma pessoa. Ai o São João era assim, tinha as fogueiras, Guerras de Espadas, você colocava nas fogueiras os brindes né, colocava dinheiro, colocava lata de sardinha, de goiabada e essas coisas assim, ai quando a fogueira caia, o pessoal ia pra pegar, ai o pessoal ficava brincando com as espadas. As fogueiras eu alcancei assim, muito da minha infância, na minha infância tinha muito né. Com o passar do tempo mudou as festas pras quadras, ai na embaçava assim na praça publica a gente, ai meu pai, tomou medo o pessoal jogando as espadas lá dentro ai foi acabando a tradição aos poucos até tirar tudo, tudo de vez, não faz mais a tradição por quase

disso, hoje em dia a festa é na quadra e a gente não, optou por não deixar mais essa outra tradição.

- Já era cidade?
- Não, Pé de Serra nessa época que tinha, até depois que foi cidade mais foi pouco tempo assim que teve fogueira, entendeu? Tem algumas fogueirinhas assim, que o pessoal bota, assim, só um raminho mais a guerra mesmo que, acabou logo assim que para a sociedade que poucos tempos terminou, a brincadeira que tem assim de espada nas casas assim que mudou a festa para praça ai encerrou essa área de trabalhar assim, de fazer de casa em casa, de fazer a fogueira, hoje em dia mudou tudo.
- Pertencia a qual cidade?
- Riachão, Pé de Serra pertencia a Riachão do Jacuípe.
- Quais as festas que existia quando o senhor (a) era criança?
- As festas que eu me lembro era Agosto, Janeiro, Sete de Setembro toda vida teve, assim, que eu me lembro na minha infância e o São João e a Pascoal.
- Os seus pais falavam de alguma festa que já existia antes do senhor (a) nascer?
- Agora eu não lembro, se eles comentaram, eu não lembro, não tenho na memória assim, que eles falassem não, devia existir né que antigamente as festa eram diferentes de hoje em dia.
- Qual a festa daquela época que ainda existe hoje?
- A que existe é só a Pascoal, assim que existe com, com ainda que tem potencial, hoje em dia que a Pascoal até aumentou cada ano que passa está crescendo mais, a quantidade de pessoas, de turistas, de visitantes que vem pra cá, cada ano que passa está aumentando e o São João também essa é uma das duas que sempre mantem ainda o mesmo, cada ano que passa vai evoluindo mais, agora a de Janeiro e a de Agosto fracou muito, que eu já passei festa de Agosto aqui que era a festa, hoje em dia não tem mais nada não, praticamente terminou, só a missa mesmo e bambambam, era festão aqui no tempo de agosto quando eu era menino.

- Por que esta festa continua existindo?
- É porque a Pascoal é assim, das cidades circunvizinhas aqui nenhuma mantém essa tradição, só Pé de Serra que, já tem bem uns 80 anos que tem essa tradição ou mais, nunca ficou um ano sem ter, então as pessoas já sabem que é certa essa festa, sempre eles veem, não fica sem vim porque eles já sabem que vindo vai ter a festa nunca teve um ano sem ter o Judas, por que as bandas mesmo veio surgindo depois antigamente só exista só a queima de fogos, queima de Judas, depois todo mundo ia pra casa.
- A queima de Judas é uma festa que as pessoas dizem que ocorre a muitos anos aqui em Pé de Serra. O senhor sabe desde quando existe a tradição da queima de Judas aqui em Pé de Serra?
- A. O ano exato eu não lembro assim de cô não.
- Quem teve a idéia de fazer esta festa aqui?
- Quem começou foi um pessoal daqui, chamado Dionizio, Zica de Arculano e outro foi que inventaram aqui, mais antigamente não era o Judas meu pai começou fazendo somente os fogos para as festas de lá, por que meu pai não era daqui e depois que ele veio, passar a morar aqui, depois ele que passou uns três a quatro anos foi que ele começou fazer o Judas aqui em Pé de Serra e depois que começou o primeiro ano, todo ano tem.
- E quem fez o primeiro Judas de Pé de Serra?
- A família Adorno.
- Como era o boneco do Judas quando o senhor era criança?
- Antigamente o meu pai fazia quando era, ainda quando eu era criança, não existia ele, o mesmo Judas que sai na rua era o mesmo que queimava ai depois a gente foi vendo que não tá, os meus irmãos ainda meninotes ainda na época, foi falando com ele que estava muito perigoso que as vezes tinha alguém fumando na praça e as vezes podia machucar os fogos, na hora de queimar podia dar problemas as vezes como já aconteceu de dar problemas, a gente estudou uma maneira de fazer dois e desde ai então a gente só faz dois bonecos; tem um que queima e tem outro que sai na rua.

- Seus pais ou alguma pessoa mais velha alguma vez lhe contou como foi construído o primeiro boneco de Judas em Pé de Serra?
- Já foi o de queimar mesmo, que foi feito, já foi o primeiro que fez, já foi o de queimar, não tinha boneco não só o Judas de queimar.
- O Judas era feito com o que?
- Era feito com fogos de artifício, madeira, panos, é papeis, tintas.
- Quem participava da queima do Judas?
- Toda vida quem fez foi o meu pai, e quando ele faleceu ficou nós os filhos fazendo e de uns 12 anos pra cá mais ou menos 12 a 14 anos pra cá ai eu fique na responsabilidade, os irmãos cada um foi para um canto resolvendo, fazendo outas coisas, foram partiram para outro lado fazendo outras atividades e eu fique na profissão.
- O testamento sempre existiu desde que o Judas começou a ser feito aqui?
- Sempre, toda vida teve o Judas e o testamento, toda vida foi acompanhado o Judas com o testamento.
- Quem fazia os testamentos antigamente?
- Rapaz esse testamento quem fazia era o pessoal de finado Zéis, Zéis, o pessoal ai dos Fungas, toda vida foi eles que fizeram e hoje em dia nem sei os meninos mais novos ai, também é a família que continua ainda as gerações que vão passando e continua fazendo.
- O senhor acha que o testamento piorou ou melhorou na qualidade?
- Eu acho assim que, as vezes tem algumas partes que o pessoal leva pro duplo sentido, que antigamente não existia duplo sentido, hoje em dia eu acho, que assim as vezes, eu acho um pouquinho pesado, por que tem pessoas que gostam e outras não, praticamente é a mesma coisa.
- Demorava em torno de quanto tempo a leitura do testamento?
- Ele varia, ele às vezes, por que, por exemplo, um Judas pra queimar se tiver querendo chover mesmo às vezes o testamento a gente corta, num deixa fazer nem pela metade, mais geralmente é uma hora duas horas de testamento, uns 50 minutos, varia. Tem ano que eles faz mais versos de que outros.
- E o povo esperava?

- Espera, até hoje espera enquanto tiver o testamento que é a tradição mais é essa, bandas veio surgir depois, festa de, de, de, com bandas, com essa bandas de axé veio surgir de poucos tempos pra cá, agora a tradição mesmo até hoje é o Judas, o pessoal vem, quem vem de Salvador, por exemplo, de Feira essa cidades costumam ver essas bandas todo dia lá, quem está em Salvador todo dia, ver bandas melhor ainda das que vem pra aqui, então vem é por causa da tradição do Judas, da lavagem do Judas, por que tem a lavagem com as caretas mesmo e o pessoal vem mais muita gente vem de fora só vem só por causa da tradição dos fogos e pela lavagem do Judas mesmo.
- Como era escolhido o leitor do testamento?
- Já é o pessoal de lá que faz e o pessoal, um da família que lê.
- Desde o inicio as pessoas saiam pelas ruas carregando o Judas?
- Desde o inicio.
- O senhor conhecia a primeira pessoa que carregou o Judas, lembra quem era?
- Não, eu sei o atual agora que ele já tem, completou parece que 35 anos se não me engano, 35 ou 39 anos que ele carrega.
- Quem o senhor acha que carregou o Judas por mais anos?
- O Senhor Antônio.
- Eram quantos dias de festa?
- Toda vida a festa do Judas foi um dia só, só o sábado mesmo.
- E quem organizava a festa do Judas?
- Era a comunidade entendeu? Meu pai era o fabricante, quer dizer ele também organizava, no inicio e até toda vida, quando ele era vivo, ele organizava, também ajudava, depois que passou a ser cidade que a prefeitura começou a arcar com as despesas né, mais antigamente era a comunidade que fazia o leilão, tinha o leilão do Judas e ai agora com esse leilão e a comunidade e os comerciantes que pagavam o Judas.
- E quem ficava responsável pelos gastos?
- A comunidade e as pessoas assim, geralmente era os presidentes das festas de Agosto, era quem ficava na responsabilidade do Judas, ai ele era o presidente da festa, ai tinha a festa de agosto também tinha a festa

do Judas, ai do Judas fazia o leilão como fazia da festa de Agosto para poder pagar o Judas. O comerciante dava uma contribuição e o outro arrecadava com o leilão e pagava.

- Aconteciam brigas durante a festa? Qual era a causa das brigas?
- Não, nunca é uma festa assim que às vezes acontece assim alguém está tomando uma cachacinha, alguma tem umas discussõzinha, mais nunca foi uma festa violenta de acontecer brigas, e nunca assim, de ninguém acontecer de ter nada mais grave não. Só algumas “bobagenzinhas”, “discussõzinhas”, mais coisa normal quem nunca tem, o pessoal que está saindo ali “tomando umas duas”, (risos).
- Em relação à filarmônica, ela fazia parte da lavagem do Judas desde quando o senhor participa?
- Toda vida, desde, antes de eu participar que já era eles, a vida toda foi eles, desde quando fundou o Judas a Filarmônica já era junta.
- O que o senhor acha da festa como ela esta hoje, é melhor, o senhor preferia como era antes?
- À hoje em dia está bem melhor, está bem melhor por que, por exemplo: antigamente, logo na época do meu pai, assim quando era criança e tudo, era bem mais curto hoje em dia não, hoje em dia a festa, até a Lavagem do Judas é bem mais demorada, o pessoal quer mesmo e a gente às vezes fazia uma hora e pouco e o pessoal fazia não, tem que, às vezes a gente quer guardar o Judas e eles não deixa, a gente quer, não, vamos encerrar aqui, vamos guardar, não, aí é tão de um jeito que a gente fica até a noite, hoje em dia vai até às 18:00/19:00 da noite, se fizesse vontade do povo ia pra 22:00 da noite, já era hora de queimar e estava o Judas na rua ainda.
- Qual a importância de queimar o Judas no sábado de aleluia?
- É porque o Judas geralmente foi quem traiu Cristo, e aí ele se enforcou no sábado de aleluia, então, a gente faz o Judas, é, é como se fosse o Judas que traiu Jesus, aí a gente queima ele, de um jeito que queima até o fim a gente acaba com ele no caso mesmo.
- O que mudou nessa festa com os anos?

- Foi mudando o a, as pessoas foram evoluindo né? As caretas antigamente, por exemplo: a gente saia de, de, eram só de papelão, não existia as mascaras, hoje em dia é de mascara é, a quantidade também vem sempre aumentando, as pessoas que participam hoje em dia também tem o bloco, que não existia o bloco, existia só as caretas, hoje em dia já tem dois blocos, tem “As Piriquetes” e tem mais dois que eu esqueci o nome agora, me falha na memória, então, isso não existia antigamente, hoje em dia já está tendo esses blocos né, as pessoas estão vindo mais, mais pessoas de fora, das cidades circo vizinhos, mais visitantes estão vindos nos visitar, e cada ano que passa mais a festa está evoluindo e aumentando.
- Como era o nome dos seus pais?
- Antônio Pereira Adorno e Cleonice Carneiro da Silva Adorno.
- Quantos filhos tiveram?
- È, 12, tiveram 12 filhos, aí um faleceu com 33 anos, hoje em dia tem 11.
- Antônio Adorno era natural de que cidade?
- Tanquinho.
- Desde quando Antônio Adorno passou a morar em Pé de Serra?
- Parece que é 1945, um negócio desse.
- Por que veio morar em Pé de Serra?
- Por causa da minha mãe, ele veio pra aqui fazer uns fogos, aí conheceu minha mãe, gostou pronto, aí se casaram e ficaram, ele ficou pro resto da vida aqui, até pra o sepultamento dele foi aqui.
- Qual era a profissão de Antônio Adorno?
- Ele era farmacêutico, é, é, passava remédio pro povo também, era o médico aqui que antigamente não tinha médico, então o médico que existia era ele, passou muito remédio pro povo aqui e fazia fogos também.
- Qual a relação de Antônio Adorno com a queima do Judas?
- Foi o fundador, foi quem inventor, o mentor, dessa tradição foi ele.
- Começou a fazer o Judas de Pé de Serra quando?
- Parece que foi mil... eu não lembro assim de data, mesmo não, é os mais velhos quem sabe, tenho documentado.

- Antônio ensinou o ofício de fogueteiro para os filhos? Para todos os filhos? Para as mulheres também?
- Ensinou para alguns né, como eu mesmo, por exemplo, um dos caçulas, quase, todos eles sabem fazer alguma coisa, mais, o, no caso eu que fique para o final, e fui o último né, o caçula sou eu, os outros, meus irmãos tem outras atividades, mais, quase todos eles sabem fazer alguma coisa. Até as mulheres sabem fazer alguma coisa de fogos, assim de infantil, sabem fazer alguma coisa, quem ficou mesmo no final, na profissão foi eu.
- Quando foi que o senhor aprendeu a fazer o Judas e os fogos?
- Ah, desde, desde um pouquinho de cada vez, desde criança que a gente foi aprendendo aos poucos, até hoje eu ainda estou aprendendo, ainda não posso dizer que sou o cara, ainda estou trabalhando e a gente vai trabalhando e aprendendo com a profissão.
- O senhor pretende ensinar o seu filho a fazer o Judas e os fogos?
- Há, pretendo, ele já está tomando algumas aulas, por que não pode deixar a tradição acabar não.
- O que representa fazer o Judas para o senhor?
- Representa manter uma tradição né, que aqui nem cidade não existia, é a tradição que, Pé de Serra se mantém, até hoje é essa, por que até o São João era diferente, não era como é hoje em dia, então, tudo que começou aqui, a tradição, mais viva que têm é o Judas, por que até hoje e a queima do Judas, a atração principal é a queima do Judas. Então, essa tradição, aqui nem sonhava em ser cidade já existia, então o São João veio ter depois de cidade, existia mais era diferente, não era o São João que tem hoje em dia, não era essas festas que tem nas praças. Então, a única tradição que se mantém em Pé de Serra mesmo viva, assim que, cada ano que passa está evoluindo e não está diminuindo é a queima de Judas. Então eu me sinto orgulhoso, me sinto feliz, em dar essa contribuição para a minha cidade e pretendo né, meu filho, gente da nossa família manter essa tradição.
- Vai continuar fazendo o Judas até quando?

- Até o dia que Deus permitir, enquanto eu estiver aguentando, oh enquanto um filho meu não, não assumir, que ficar na responsabilidade, enquanto eu estiver aguentando eu estou fazendo.
- Alguém já quis acabar com esta tradição? Por quê?
- Que eu saiba não. Às vezes tem alguém assim que dá alguns “pitacozinhos”, mais, todo mundo gosta.
- Quanto tempo levava para fazer o Judas?
- O Judas em torno de 60 dias mais ou menos, para fazer o show todo, o show pirotécnico, mais ou menos uns 60 dias que começa.
- Qual a diferença da queima de Judas feita pelo seu pai, para a que o senhor passou a fazer?
- A diferença, às vezes é por que você sabe, vai evoluindo né, e tem, não é só a queima de Judas, tem o show pirotécnico que, a pirotécnica é como o estudo que vai evoluindo, cada ano que passa tem alguma coisa diferente, então o show não é só o Judas, não é por que eu faço o Judas, tem algumas coisas que a gente, às vezes nos fabricamos, mas tem outras que são fogos que já vem pronto. Então, os fogos que já vem pronto, vai evoluindo, todo ano que passa vai evoluindo, vai tendo alguma coisa, novidades.
- Antes da morte do seu pai, o senhor já ajudava a fazer o Judas?
- Já, eu nasci os dentes fazendo isso. (Risos)
- Em que ano Antonio faleceu?
- Em 1993.
- Antes de sua morte já tinha deixado de fazer o Judas?
- Não, quando ele adoeceu nós continuamos fazendo, juntou os filhos, eu e mais três irmãos meu, aí nós fazemos quando ele adoeceu.
- No início quem pagava a seu Antônio para fazer o Judas?
- A comunidade, era a comunidade e o presidente da festa, o presidente da festa que tinha de agosto.
- Com o falecimento de Antônio, quem ficou fazendo o Judas?
- Eu e mais três irmãos meu.
- Você acha que a tradição de queimar o Judas vai permanecer viva?

- Eu acho que sim viu! Eu acho que vai ter, eu acho que os meus tataranetos ainda vão alcançar isso.
- Como era os primeiros Judas que você viu seu pai fazer?
- Iguais os de hoje.
- Qual a importância da queima de Judas para a família Adorno?
- A importância é muito grande né, por que deixa todos nós honrados.
- De quando começou a se queimar o Judas em Pé de Serra até os dias de hoje, algum ano a queima do Judas deixou de ser feita?
- Não.
- O senhor (a) ainda participa da festa? Desde quando o senhor participa da queima do Judas?
- Sim. Desde criança.
- Para o senhor esta festa é religiosa ou não?
- Não. Não tem a ver com religião não, tem mais a ver com tradição do que com religião, por que a igreja não participa quem participa é a comunidade, os Pé de Serrense. A igreja não se intervém nessas questão não.
- Alguma pessoa ou um religioso, um padre, por exemplo, já quis acabar com esta festa?
- Não, pelo menos pra gente saber não, às vezes já falaram alguns "pitacozinhos", como eu já falei com você anteriormente, já deu alguns "pitacozinhos", que não sei o quê, pra quê esse queima de Judas. Mas é uma coisa que o padre não pode mandar na comunidade inteira, quer dizer ele pode mandar em uma parte em outra não, por que aqui até os protestantes gostam da queima do Judas, eles vão para a Lavagem, na hora da queima tem, então, todo mundo, todo mundo aqui de Pé de Serra gosta mesmo, nem só os visitantes como a comunidade inteira. Então, às vezes o padre se ele tiver lá 5%, não vai acabar ele não vai querer acabar com 100%, ele pode acabar com o 5% e o resto 95%, então, por mais que ele sege uma autoridade, ele jamais vai conseguir acabar, por que é uma coisa que já vem, tem quase 100 anos como é que ele pode acabar.

- O senhor acha que essa tradição vai permanecer passando por muitas outras gerações, permanecendo por muitos e muitos anos ou esta perto de acabar?
- Não. Se depender de mim não acaba tão cedo não, e eu quero que daqui a mil anos ainda esteja fazendo ainda.
- O senhor acha que é importante manter essa tradição para a cidade de Pé de Serra?
- Sim. Sempre, por que se ela é a maior importância, a festa mais tradicional, é a que nunca diminuiu está evoluindo, cada ano que passa está evoluindo, então, não tem como você uma coisa que está dando certo você terminar.
- A queima do Judas já trouxe benefícios para a cidade, em termos de trazer pessoas para conhecer a cidade? As pessoas falam o que da festa?
- Lógico, até ex-governador da Bahia já veio aqui no dia da queima do Judas. Então, todas as pessoas que vem de fora, varias famílias que vem da cidade assim, que nunca veio assistir, eles retornam, quando eles veem, eles diz: “não, no ano que vem eu volto aqui”, não vem só um ano quando vem fica, gosta tanto que retorna nos outros anos.
- Quais às diferenças do começo do Judas para hoje?
- Não. Mais aí agora, o pessoal que vem de fora, aí um ano vem os turistas, outro ano vem outros, entendeu. Eles nunca acompanharam a evolução, só o público daqui que sabe a evolução, por que eles comentam não o Judas, vocês estão evoluindo, cada ano que passa está evoluindo mais, como eu disse para você, que aí vai surgindo algumas novidades, a gente vai inventando outros fogos diferentes pra evoluir né, pra não ficar só, estacionado no tempo.
- Me disseram que antigamente, era construído apenas um Judas para desfilar e ser queima a noite, isso é verdade?
- É. Era isso mesmo, antigamente era só um Judas só.
- Mas, isso não era perigoso?
- Justamente, nós terminamos com isso por causa disso, paramos com essa tradição por que antigamente era poucas pessoas né, logo no

início, não era a quantidade que tem hoje em dia, a gente foi vendo que estava ficando perigoso. Aí meus irmãos aconselhou meu pai, que eu ainda era menino na época, falou não vamos parar, vamos fazer dois Judas. Já justamente para parar com, terminar com esse perigo que existia.

- O senhor tem alguma foto antiga da queima do Judas?
- Não, tenho recente, bem antiga, bem antiga não tenho não.
- O senhor já participa do Judas a quantos anos?
- Desde quando eu comecei a andar que eu já acompanhava, desde os meus 4, 5 anos de idade que eu acompanho.
- E as caretas quando surgiu na festa?
- As caretas é é, a gente fazia de papelão, nós mesmos que fazíamos, a pessoa fazia sua careta a gente ajudava também, aí pintava, pegava um papelão cortava e amarrava atrás, botava aqui atrás marrava, aí fazia a careta, aí foi indo, vai evoluindo, foram quando começaram a fazer as máscaras, apareceu essas máscaras de silicone né, as máscaras de carnaval e tudo, o pessoal foi evoluindo e cada dia que passa vai evoluindo mais ainda, mudou as caretas totalmente do que era antigamente.
- Antigamente, durante a lavagem do Judas o povo levava bebida alcoólica, ou algum comerciante distribuía?
- Não. A bebida alcoólica quem dá são os comerciantes, às vezes o pessoal que acompanha, quando passa assim nos comércios as pessoas dão, dão nem só bebida alcoólica, dá refrigerante, outros dão balas, outros dão doces, pirulitos essas coisas, o comerciante quem quer dá, às vezes dá para as criancinhas eles dão doce, às vezes quem não bebe dá refrigerante e aqueles que gostam de “tomar umas duas”, o pessoal dá um “litrinho” de whisky , de conhaque essas coisas, para o pessoal sair na lavagem bebendo e para todo mundo de graça.
- Até hoje há essa distribuição de bebida?
- É. Alguns, comerciantes ainda dão ainda, os comerciantes ainda dá ainda.
- Que horas era queimado o Judas antigamente?

- Geralmente, toda vida é queimado às 00:00 horas.
- Sempre foi meia noite?
- Sempre foi a meia noite.
- Mas naquela época Pé de Serra já tinha energia elétrica?
- Aí agora, eu não me lembro. Na época quando começou eu não lembro a energia elétrica quando veio para Pé de Serra não, mais acho que não existia ainda não.
- E quando não tinha energia o povo ficava esperando a queima do Judas no escuro?
- Ficava. Ficava que o povo sempre, festa podia amanhecer o dia, não tinha energia, mais o povo amanhecia o dia é igual hoje em dia.
- Antigamente tinha festa?
- Não. Depois do Judas não tinha mais nada. Pelo menos, logo quando começou, aí em minha época já existia baile, mais não a festa de praça, a festa de praça foi geralmente depois que Pé de Serra se emancipou. Depois que se emancipou que começou ter a festa de praça, antigamente era o baile, quando aqui não era cidade, era baile, aí, quem quisesse ir pro Clube, era festa particular. Entendeu, não fazia parte da queima do Judas, era o baile, aí o dono do clube fazia o baile, aí as pessoas iam pagava seus ingressos e curtia sua festa, quem não queria ia pra suas casas, por que a queima do Judas não só vai jovens né, que geralmente festa é mais pra jovens, então vai criança, vai adulto, vai idoso, vai todo tipos de pessoas. Como até hoje em dia, né? Todo mundo que fica na festa, tem a maioria, um bom público, os idosos, as crianças, por exemplo, os evangélicos, eles não ficam na praça, quando termina a queima do Judas eles vão pra casa.
- Porque hoje depois da queima do Judas tem banda, né?
- É, porque a juventude gosta de quer, gosta de festa né. Aí, depois da queima do Judas para não ficar todo mundo um olhando para a cara do outro, tem que ter uma festinha para animar depois.
- Como era a programação da semana santa em Pé de Serra para os católicos?

- A, toda vida tem, eles fazem procissão, tem o pessoal sobe também na serra né, dizendo que é para pagar penitência na sexta-feira, passa o dia todinho o pessoal. Isso também é tradição, desde quando começou a fazer o Judas que existe a sexta-feira santa. E, tem romper da aleluia também, que eles fazem no sábado, antes da queima do Judas. É, tão de um jeito que o Judas só queima 00:00 horas por causa disso, por que eles tem a parte religiosa da igreja que só termina umas 23:00 e, perto de 00:00 da noite, a gente só pode queimar quando termina a festa de, religiosa, que é a festa da Igreja Católica, aí quando termina é que é nossa parte agora, que é a festa do Judas, e depois que é a festa da praça.
- Como era a programação da semana santa em Pé de Serra para os católicos?
- Eles tem, tem a sexta-feira santa que eles fais a procissão, né? Sobe na serra, alguns católicos sobe na serra pra pagar penitencia, tem a tradição também desde quando começou o Judas. No sábado tem o romper da aleluia, de noite tem o culto na igreja, aí nós só podemos queimar o Judas depois que termina a parte religiosa.
- Tinha alguma coisa que os católicos não podiam fazer durante a semana santa?
- Que eu saiba não. Que eu saiba dize que não pode comer carne na sexta-feira [risos], inclusive eu mesmo não como carne que foi uma tradição eu fui criado assim, meu pai sempre foi católico, freqüentou a igreja a vida toda. Eu também sou um pouco, então, aí na sexta-feira a gente não come carne...só peixe.
- No mês da páscoa já existia o movimento de súber a serra antes do Judas ou foi depois do Judas?
- Eu desde criança, como eu li falei, desde minha época que...na época dos mais vei eu não posso afirmar isso só uma pessoa de idade. Mais desde, desde criança que já existia a subida da serra na sexta-feira santa. Eu acho que é junto com o Juda, os dois sempre que existiu
- Por que as pessoas subiam a serra na sexta-feira santa?
- Dize que é pra pagar penitência, né? Pagar os pecados [risos].

- O senhor saberia dizer quando começou a tradição de subir a serra?
- Sei não. Tem muito tempo...não foi da minha época não, foi antes de eu nascer muito.
- Ouvir dizer que há muitos anos atrás era realizado uma missa em cima da serra, é verdade?
- Na minha época não. Acho que antigamente tinha procissão que ia até lá. Não era missa não...eu não sei se subia lá, na minha época não alcancei isso não.
- O senhor participou de alguma procissão em cima da serra?
- Não.
- Para o senhor qual foi à melhor festa de Pé de Serra ou continua sendo?
- Continua sendo, pra mim continua sendo a páscoa.
- Por quê?
- Porque é festa bonita, né? Trás muito turista pra cidade, é uma festa que não tem confusão, não tem briga. É...a comunidade todo mundo participa de, de, de criança a mais idoso. Se mistura todas as classe, todas as religião junto e você não vê briga, então, não tem como a gente falar mal de uma festa dessa, né? Às vezes em outras festa você vê muita confusão e na páscoa você não vê.
- Pronto. Muito obrigada!
- Por nada.

ANEXO 05: Entrevista com Antonio Pedro Carneiro

- Eu vou lhe fazer algumas perguntas e o senhor vai respondendo o que o senhor for lembrando, sobre o senhor, sobre Pé de Serra, o que o senhor lembrar o senhor fala.
- Qual o seu nome completo?
- Antonio Pedro Carneiro.
- Quantos anos o senhor tem?
- 73.

- Sempre morou em Pé de Serra?
- Morei, toda vida morei.
- Qual a sua profissão?
- Minha profissão é lavrador.
- Lavrador?
- É.
- O senhor sempre foi lavrador?
- Toda vida fui lavrador... que dizer, fui lavrador e também trabalhei de guarda se é que profissão, trabalhei uns 18 anos de guarda.
- O que o senhor lembra da sua infância aqui em Pé de Serra?
- Menina! O que eu lembro?...Eu lembro pouca coisa.
- Assim, de que o senhor brincava? Como era Pé de Serra naquela época?
- Eu lembro que a diferença aqui em Pé de Serra era grande pra hoje... que tinha muita diferença pra hoje, que no tempo mesmo que a gente veio pra qui, que eu me conheci mais por gente, que desde eu garotinho eu já via as diversão que toda vida eu gostei, era, e ai como eu já tava falano da carregação do Judas...que eu freqüentava a casa do finado Antonio, e essa profissão eu peguei e fiquei com ela, até hoje to com ela, com essa profissão... as veis eles não querem que eu saia, mais tem uma folha assinada eu não sei com quem é que ta, eu acho que é com Uilson, a folha do contrato, quer dizer eu falo assim com Uilson, mais eu ã sei com quem é que ta. Tem uma folha do contrato feito pelo finado Antonio...que ele disse assim, que no tempo de sair o Juda que era o mesmo que saia era o mesmo que queimava então com esse negócio que eu falei do cara soltando fogos de junto do fórum foi quando o finado Dionisio, meu primo, falou pra fazer outro mais ele disse que não fazia “não Dionisio eu não vou fazer”, aí Zica “não Antonio você vai fazer o Juda ou então o menino não vai sair, que eu sou o lado do meu primo que isso é o maior perigo” como era perigo mesmo, aí já tinha uma porção de ano aí depois ele concordou em fazer os dois, o que queima é o Juda e o que sai é a Juda (risos).
- Um é macho e o outro é fêmea?

- É, a que saia era a fema e o que quemava era o macho...então aí foi quando eu fiquei nessa brincadeira ainda era o mesmo que saia era o mesmo que saia e quemava o finado Dionisio fez a proposta e ele disse que não e o finado Capenga disse: “não pai é bom fazer”, o finado Capenga era o melhor que existia, ai agora ele disse: “não meu fio mas é muita despesa e tal nós não vai fazer”, “é pai melhor a gente fazer porque numa mutidao de gente dessa pra um vim com um cigarro acender e pegar fogo acaba com tudo”, e acaba mesmo, “então é bom o senhor fazer o Judá”, ele concordou em fazer os dois o que queima é o
- Vou fazer um contrato pra você Toinho, ele me chamava assim, Deus chame lá onde merecia que Deus o bote num bom lugar... o finado Dionisio disse assim: “qual o contrato que você quer fazer com o Toinho” aí ele disse: “o contrato é que enquanto ele for vivo outro não pega o Juda pra carregar”, então ele pegou uma folha de caderno e fez o contrato todinho e ficou com essa folha que enquanto Deus desse vida a ele me desse que outra pessoa não entrava só entreva no dia que eu faltasse ou que eu disse não vou porque não guento mais, mais que enquanto eu guentasse sair com o Juda só entrava outro se eu desse permissão, ai ele fez esse contrato e eu me assine nele, o finado Dionisio assinou e sim cumprimo mesmo.
- Isso em que ano mais ou menos o senhor lembra?
- O nega eu não me lembro...rapaz eu não lembro bem não...eu sei que tem muito ano porque ta na faixa de 36 anos que eu saio. Isso foi logo no inicio? Foi logo no inicio, mas um inicio que já tinha uns cinco ano já que eu já saia com o mesmo que quemava. Ai foi no dia do contrato de fazer os dois Judá, ai a gente assinou o finado Dionisio assinou, esse ta vivo assinou também eu sei que a folha ta com meu nome Antonio Pedro Carneiro a profissão carregador do Judá e tal...tudo certinho e agora que eu não sei essa folha quem tem ela eu nunca procurei, se eu disser que procurei eu to mentindo, que eu nunca procurei a Uilson, nunca procurei a ninguém essa folha, mais que foi assinada essa folha pelo finado Antonio Fogueteiro.
- Quando o senhor era criança, novinho Pé de Serra já era cidade?

- Não, qui, aonde, não.
- Pertencia a qual cidade?
- Aqui pertencia ao município de Riachão.
- Quais as festas que existia quando o senhor era criança?
- Festa de vaqueiro, era forró, as festa daqui era essa ...o São João? São João, são Pedro, a festa de agosto...e a queima de Judas já tinha? Já tinha eu tomei uma carreira eu tava com uns 6...7 ano pra 8, o finado Dionisio mesmo meu primo pegou e me deu uma lapiada...tinha um bando era Olimpio, era Bernabeu preto era uma turmada retada que saia de careta, ai eu saia, ai mãe disse vai pra onde Antonio? Ai eu só com uma bermudinha curtinha só cobria a popa da bunda (risos) ai agora eles correram atrás de mim... eu derrubei uma barraca la no mercado mergulhei por baixo da barraca joguei la no chão e eles vinha pra me bater e eu sair do outro lado tinha um pau de eles venderem bode, ai tinha um bando de pé de pau ainda era quase uma capueira ali aonde é o centro hoje, ali era quase, era uma capueira, ai eu ganhei a capueira e eles picaram o pé atrás de mim e sei que na carreira que vinha minha mãe tava indo na porta de nossa casa ali na rua, e na carreira que eu vim passei por baixo das pernas das mulher fiz como uma bola (risos) fiz igual uma bola quando entra na trave, mergulhei nas pernas das mulher e os meninos lapo, lapo me dando chicotada e na carreira que eu vinha mergulhei nas pernas das mulher e me piquei La pra dentro de casa, ai mãe tomou a porta se respeite seus muleque discardo vocês ta batendo o menino idiota, e vocês fica judiano meu filho cambada do que é ruim e era Dionisio, Olimpo esses menino tudo conhecido meu, ai agora rapaz eu demorei um pedaço depois eu sair, disse mãe agora eu vou na rua peguei as percata eai acompanhei a charanga na hora que eu acabei de acompanhar a charanga eles me viram e picaram o pé atrás de mim e ai agora eu olhei de um lado, olhei do outro tudo as casa longe na carreira que eu vinha peguei uma barraca, uma banca de doce da mulher do finado ...(tentando lembrar) Alfredo do Cambui e ifiei assim por baixo e quando joguei o corpo a mesa saiu garrada na minhas costa e foi doce, quente frio de café e caiu foi tudo e ganhei a rua (risos) e na

carreira que ele vinha picaram o pé atrás de mim não me soltaram não e volta e mea uma manguarada, a manguarada era de fio de luz, era uma dor pistiada e eu panhei a rua na carreira e eles picaram o pé eu cima de eu, fi parar em casa eu disse é disaforo agora eu não corro mais, no outro ano eu não corro, eles vinha pra me bater e eu dizia oh bestalhado eu já sei quem é, quer que eu diga o nome e eles balançava com o dedo que não, mentira que eu não sabia quem era (risos) ai eu balançava com o dedo eu vou dizer quem é, se tu me bater discarado eu digo quem é, ai eles balançava com o dedo que não era pra eu dizer, ai eu fiquei livre disso, com poça hora eu acostumei e fiquei nunca correr mais.

- Quando o senhor era criança os seus pais falavam de alguma festa que já existia antes do senhor nascer?
- Eles falava.
- Qual era?
- Eles falavam que era mais festa de forró, era tempo de São João, de Agosto, Janeiro as festas eram essas, e com isso hoje aqui tem muitas festas, mas de primeiro já tinha a queimação do Judas. Já tinha a queimação do Judas, quando eu me conhecia por gente como tem o dizer eu já tava com 10 anos nessa faixa, não uns 10 anos não, uns 8 anos já tinha o Judá...é foi quando eu tomava as carreiras das caretas (risos), e ai agora vem ate hoje essa diversão.
- E o São João o senhor lembra como era? Quando o senhor era menino, jovem.
- O São João eu lembro que era forró, tudo era forró.
- E quem tocava? Cantava?
- A quem tocava, vinha muita gente, vinha gente de fora, vinha de Riachão, vinha de Nova Fatima, vinha tudo safoneiro vinha tocar aqui fazia a festa, eu lembro que vinha muita gente de fora.
- Tinha quadrilha seu Antonio?
- Tinha, tinha quadrilha, inclusive mesmo o vizinho da gente lá onde tem a fazendinha da gente hoje, a festa de quadrilha todo ano tinha, todo ano tinha, mãe não perdia nenhuma quadrilha com a agente, agente ai tudo.
- E quem organizava?

- Quem organizava, o São João era Preta de Bie, era a filha do finado Roque de Genesio, era Carmelita do finado Juvencio essas era quem organizava.
- E aonde era feito?
- Era feito na roça,na fazenda.
- Não tinha aqui ainda não?
- Aqui na rua sempre tinha, mas o mais era na roça... lá é que todo ano tinha quadrilha, todo ano tinha, não bicava um ano.
- Então, aqui antigamente não tinha quadrilha não?
- Aqui era difícil ter, mas quando tinha era mais ali depois do Anargraudo tinha, formaram uma quadrilha, a mulher de Guilherme ali...tinha Carmelita, as filhas do finado Juvencio parece que era uma ou era duas que fazia as brincadeiras, tinha as filhas do finado Genesio, as neta do finado Genesio tudo ai agora se lotava e fazia a brincadeira.
- E as comidas. Quais eram as comidas que tinha?
- As comidas? Era...era.
- Era coisa que tinha na roça?
- Era coisa que tinha na roça, era milho, amendoim o povo fazia festa com aquilo dali e o povo comia, tinha com fartura.
- Naquela época o povo plantava né?
- Plantava muito, o tempo ajuda, ai agora tinha com sobra mesmo, comia e não dava vencimento...porque tinha tudo de fartura.
- E era quantos dias de festa?
- Ah o São João?
- Sim.
- O São João tinha três dias, passava até de três dias.
- E o que mudou no São João, daquela época pra agora?
- O que mudou? Sim.
- Mudou...coisas que tinha que aquele tempo era mais atrasado e hoje...que naquele tempo tinha mais mesmo era forró, era brincadeira e todo mundo dançava, era grande era pequeno todo mundo brincava...se tivesse as perna podia ir pra cem anos brincava, mas já hoje o que modificou, é que hoje aquele tempo acabou, hoje só tem essas musicas

nova né, e aquelas musicas mais velha, ainda a semana passada eu assistir, inclusive vai vim um DVD pra mim de umas musicas sertanejas que agente cantou ali no tempo, eu mesmo ajudei a cantar umas duas musicas, mas a musica sertaneja essas hoje...eu mesmo tinha um bando de musica sertaneja, eu batia uma violinha e cantava um bando de musica sertaneja, mais um primo meu e ai hoje isso acabou, hoje é mais essas brincadeiras que tem, é umas musicas que agente sabe pra nem uma velho presta, só é mesmo pra mudernagem, as dançasque existe hoje tem grande diferença pro outro tempo, essas musicas de hoje, porque tem essas musicas, uma pessoa de idade já como eu e muitos igual a mim já vai, só vai perder tempo, eu vou mesmo só apreciar.

- E a festa de vaqueiro o senhor sabe quando mais ou menos começou a ser feita aqui?
- A festa de vaqueiro, eu lembro que o primeiro terno de couro que eu botei no corpo ta com um bocado de ano.
- Então tem muitos anos?
- É. Eu fui vaqueiro uns 30 e tantos anos quem trouxe o primeiro terno de couro que foi botado em minhas costa eu tava dentro de 11 anos, eu comecei a trabalhar no campo e fui até 40 e tantos anos, trabalhando de vaqueiro.
- Como era a festa de vaqueiro antigamente?
- A festa de vaqueiro ajuntava aquela...tinha aquele grupo de vaqueiro tinha, tinha presidente, tinha a princesa, a rainha e ali agente saia ajuntando aqueles povo por ali, lá por Guilherme, lá pelo curral ai lá pela estrada de Riachão até lá perto do finado Vardema e agente fazia aquele desfile, ai um do lado outro do outro, vinha a rainha na frente cada um com uma bandeira e vinha e ia pra frente da igreja de bom Jesus, ai 11 horas era a missa o padre...ai o padre celebrava a missa agente tudo muntad, e ai agora outros ia pra dentro da igreja, a maioria ia pra dentro da igreja, a gente deixava os cavalo ai, inclusive eu tenho até a foto.
- Daquela época, antiga?

- Não era tão antiga eu já era casado já, eu tenho a foto tirado de junto de um cavalo meu, um lindo cavalo ele deitado e eu de junto, eu falava deita ai ele deitava estirava todo, ai eu falava vira de um lado pra outro e ele virava, esse dito cavalo eu tenho a foto dele ai...nesse tempo eu não tava encorado, tava eu, Saturnino do finado Lulu, Zé ligeiro e Mane ligeiro genro...ai agora terminava a missa ai agora agente saia tudo em fila pela rua, quando terminava a missa um ia procanto outro pra outro...aquela turma ia contar caso ia bebe, ai depois tornava muntar nos cavalo e saia aquela fila, saia 10, 20 pessoa atrás um do outro, boiando, cantando a brincadeira era essa.
- Quem organizava?
- Quem organizava era o presidente.
- O que era feito para se ter dinheiro para organizar a festa?
- O povo, todo mundo ajudava uns dava carneiro, outros dava boi, outros galinha, outros dava litro de wisk.
- As pessoas davam o que podia?
- Tinha uns que dava até um boi, dois ai chagava a vez de ter 20, 30 mamote em cima do carro, desses carro grande, cheio de mamote, carneiro de tudo em fim o povo dava. Ai fazia um dinheirão danado ai o presidente pegava aqueles dinheiro e ia pagar as despesas que tinha feito por ali, ali já passava a bandeira já pra outro da festa de bom Jesus, festa de vaqueiro...um ano 2001 você era uma presidente ai quando era 2002 ai você gostava de mim, você dia vou da a Toi a bandeira
- Aí o senhor que ficava responsável por organizar?
- É. Aí você passava a bandeira pra mim ai eu pegava a bandeira ai você vinha me ajudar, até o outro ano, naquele outro ano eu já passava pra outro e passava a ajudar aquele outro, outro ano ajudar sempre... no leilão em qualquer coisa da representação.
- Começava que horas a festa?
- Começava, até 7 horas já começava, já começava a dar banho nos cavalo, tosava os animal pra ficar tudo bonito, quando era de 9 horas em

diante todo mundo já começava a arriar seus animal, pra começar a reunir pra quando for 11 horas começar o desfile.

- Em que mês se realizava a festa de vaqueiro?
- Janeiro.
- Sempre foi em janeiro?
- Sempre foi no dia 6 de janeiro, a festa de vaqueiro...hoje é que mudaram, as coisa mudificou muito, mas naquele tempo era no dia 6.
- E tinha concurso seu Antonio dos vaqueiros?
- Tinha, tinha concurso aquele que tivesse mais bem incorado, mais o cavalo parecido, com os arreio com o couro, a gente vestia o terno de couro, aquele ganhava o presente melhor. Aquele que tivesse o animal mais feio, mais mal fabricado, mal desenhado aquele ganhava um premio também, ganhava um bom premio porque tava mal organizado...agora os outros, muitos ganhava o presente mas o que tava mais bem incorado, que tava com os arreio mais parecido ganhava o premio melhor, agora o mais feio que era escolhido pelo julgador, falava é fulano de tal ai agora aquele ganhava aquele presente também mais bonito também.
- E quem oferecia os prêmios?
- Os prêmios?
- Sim.
- Ganhava carneiro...
- Eram aqueles mesmo que as pessoas iam doando?
- Era, ganhava carneiro, ganhava litro de wisk, ganhava troféu.
- A festa de vaqueiro era um dia só seu Antonio?
- Era. Só é um dia, só no dia 6 de janeiro, é começa cedo e vai até, os que gosta de bebida tem deles que amanhece o dia, mas no total o certo é só no dia 6 mesmo.
- Qual o santo padroeiro de Pé de Serra?
- É o bom Jesus.
- Tinha festa em comemoração ao padroeiro?
- Tinha, tinha a festa dele...esse é três dia né?...começava no dia 4 de agosto.

- Mas eu quero saber como era antigamente mesmo, como o senhor viu?
- Começava o dia 4, 5, 6, 7 de agosto, o dia 7 era o dia da entrega da bandeira...o dia 4 era o povo botando barraca, fazendo festa, missa, 5 e no dia 6 era o dia da festa certa e no dia 7 era entrega da bandeira. Isso eu lembro como se fosse, como se tivesse passando agora.
- E sempre foi nesse mês?
- Foi.
- Sempre foi em agosto?
- Foi, foi, nunca modificou...da idade que eu tenho toda vida foi essa data.
- E como era a comemoração do padroeiro?
- Como era?
- Sim. O primeiro dia fazia o que?
- No primeiro dia tinha aquela reunião, aí rezava tinha missa que toda vida teve a missa e ali era só
- E no segundo dia também?
- Era 4 dia, começava 4, 5, 6 e 7 que era o dia de entregar a bandeira
- O que era feito pra ter dinheiro pra essa festa?
- Leilão...você dava um carneiro, eu outro, outra dava uma galinha ou um litro de bebida, ai arrematava na porta da igreja e tirava os leilão, arrematava e oferecia um a outro, voce já tirava um leilão e me dava e eu tirava outro e lhe dava...era assim, ai tinha a festa de bom Jesus ai o presidente pegava aquele dinheiro e ia pagar que tinha de vaqueiro que vinha muita gente de longe, que festa de vaqueiro aqui vinha até de Salvador, de Feira de Santana, Riachão, Nova Fatima, Pintadas, Coité de todo canto aqui entrava um vaqueiro, as vezes se contava cento e tantos vaqueiros de fora aqui...do outro tempo mesmo, até cem vaqueiros você contava tudo encontrado, agora hoje não, hoje é que modificou 100 por cento é pouquinho.
- O senhor tem algum cartaz antigo da programação da festa do Bom Jesus da Lapa?
- Nega eu acho que não, ou tem (pergunta a mulher)...eu tenho nega mais não sei onde anda.
- Os católicos faziam procissão?

- Fazia, tinha procissão.
- E que dia e hora era?
- A hora saia quatro horas da tarde, saia quatro hora da tarde do dia seis, arrudiava a rua todinha, saia por ai fazia o contorno todinho pela prefeitura velha aonde era e vinha pra igreja, a procissão o sino batendo e agente todo mundo rezando...duas fila e o padre todo mundo junto.
- A queima de Judas é outra festa que as pessoas dizem que ocorre a muitos anos aqui em Pé de Serra.
- Muitos, muitos...
- O senhor sabe desde quando existe a tradição da queima do Judas aqui em Pé de Serra?
- Não. Pra falar a verdade eu nunca procurei saber.
- Mas desde quando o senhor era pequeno já tinha?
- Já tinha porque a primeira carreira que eu tomei eu era pequeno tinha uns sete anos, era garotinho, pequenininho assim oh.
- Quem teve a idéia de fazer esta festa aqui?
- A queima de Judas quem fez aqui foi...eu acho que foi do finado Antonio, no meu pensamento não teve mais ninguém.
- E quem fez o primeiro Judas de Pé de Serra?
- Quem primeiro fez foi ele...quer dizer quem primeiro saiu foi ele, mas o Judas vinha de Tanquinho.
- Era feito lá em Tanquinho?
- Era feito em Tanquinho, eles era de lá, eles fazia o Judas, aqui em Pé de Serra foi quando ele veio embora e pegou fazendo e nisso ficou até hoje, já foi embora ele e o finado Capenga, ficou Culeiro e os outros menino que tudo sabe fazer também e com isso ta até hoje. Mas era a minha idade de 6 anos pra 7, eu to com 73
- Como era o boneco do Judas quando o senhor era criança?
- O boneco?
- Sim.
- O que saia?
- Sim
- Quando o senhor tomou a carreira, quando era criança?

- O boneco era o Judas mesmo que queimava, ele era dessa alturinha assim eu ficava em pé e a cabeça dele ficava aqui assim oh, era, ele era baixinho e grosso, agora hoje é que ta mais alto do que eu (risos)
- E ficou mais pesado?
- Hoje pesou mais, de vinte tantos quilos...ai a semana passada eu alertei isso a Culeiro porque Culeiro ele acha que eu to errado, mas eu não to errado é porque ele não carrega, porque eu já falei com ele Culeiro essa armação ta alta demais, aqui uma hora de vento não tem fio de Deus que guente, eu seguro todo aqui, todo em cima do espinhaço o vento pega ele e eu penda o espinhaço pra ele não me jogar pra trás e ai eu falo com ele Culeiro oia tu vai...diminui esse Judas, essa armação que nem tanto trabalho dá desfazer, desfaz mais pra picar menor, mais baixo e diminui mais a roda pra eu segurar porque ela eu tenho que segurar assim com os braços bem aberto, fazer um mais maneirinho que me ajuda...porque tem hora que eu tenho vontade de fazer uma brincadeira e eu não tenho condição de fazer porque na hora que eu for fazer...até a dança da garrafa eu já dancei (risos)...ja eu já dancei umas duas vezes com ele...então minha fia eu gosto de fazer a pachochada, mas não tem como fazer porque eu falo com ele...mas a Toi mas da trabalho, trabalho o que tu ganha...o dinheiro que tu ganha da pra tu fazer isso, ai não mas é desmanchar o que já ta feito, é porque tu sabe que isso ai é ruim o vento pega joga lá em cima e ninguém sustenta Culeiro, fazendo ele mais baixinho, reforçado não tem nada, faz a roda mais pequena...eu mostro a posição a ele, nessa posição que eu faço a brincadeira mais bonita ainda, que eu sei fazer, mas como ta eu não posso fazer, porque eu vou fazer e ele me joga pra todo lado e tenho que me segurar, porque eu já joguei no chão não vou negar...joguei, joguei eu joguei ele ali de junto...perto da igreja, perto da varanda.
- Tava muito pesado?
- Tava muito pesado rapaz e o vento pegava, não precisava eu fazer remelecho nenhum no corpo que o vento mesmo fazia, jogava os braço e eu so segurando pra não cair, mas chegou adiante o jeito que eu tive foi deixar o vento levar e jogar pra lá, eu segurei e ele me supapou pra

frente, pra trás ai eu soltei e ele caiu...o Judas caiu rapaz segura o Judas e eu a rebai de vagabundo vem segurar, vocês estão achando que é fácil vem segurar, eu sei que quando eu peguei o bicho já é todo melenguento (risos)...quando eu panhei o bicho tava todo mole, segurei de um lado segurei do outro, todo lado que eu jogava o bicho caia de um lado e de outro.

- O Judas era feito com o que?
- Aquilo é feito com...ele tem uma armação num jeito...vamos fazer a comparação que eu sou o Judas, ai agora eles pega é todo de pau e a cabeça de papelão, ai eles pega e enrola as pernas... ele enrola todinho de papel vai enrolando e passando goma ate quando faz as pernas, enche mais e ai agora corta um taco de pau...e a cabeça é pau, ele faz um molde e enrola todinha de papelão, enrolando e passando goma, enrolando, enrolando ate fazer a cabeça.
- E desde quando Antonio Adorno (Antonio Fogueteiro) começou a fazer o Judas o senhor lembra?
- Não, não...eu assistir ele fazer... o primeiro não de quando eu me conheci por gente, que eu era garoto eu ia pra lá só assistir ele fazer, eu passava o dia todinho lá, ele trabalhando com fogos e eu sentadinho olhando, curiando com era que ele fazia aquilo, ai ele dizia “o Toinho tu senta ali que aqui não pode, mas pode ficar ai tranqüilo”...a finada dizia deixa Toinho ai, ela me queria um bem danado...que ele não ta bolindo com nada e eu curiando pra ver como aquilo era feito, mas desde eu garotinho desse tamanho assim que eu já ia pra casa dele pra ver ele fazer.
- Quem participava da queima do Judas?
- Rapaz era muita gente.
- Todos do povoado?
- Todo mundo...
- Vinha gente de fora?
- Vinha, de Riachão, Nova Fátima, Pintadas, todas essas cidadezinhas pequena, tudo vinha, tinha muita gente, era muita gente, muita, muita mesmo...Feira eu lembro que vinha gente de Feira que eu via grupo de

gente de Feira. Chegava muita gente, lembro que chegava bença tia, sobrinha de minha mãe e tu mora aonde? Feira...vinha assistir a festa.

- O testamento sempre existiu desde que o Judas começou a ser feito aqui?
- Toda vida...só não era como as porcarias de hoje.
- Hoje é ruim?
- É ruim, hoje não vale nada...eu olhava pra você e vazia um verso pra você...eu olhava assim pra você e tirava qualquer coisa pra botar no testamento...feia ou bonita, ou bem feita de corpo ou mal feita, eu tirava aquilo pelo meu juízo, chegava lá falava com a pessoa que tava escrevendo e falava, fulano de tal é assim, assim...bota ai, ele chegava com a caneta e escrevia, e ai fazia, cada um estuciava uma coisa e botava...se era feio botava de feio, se tinha algum defeito botava.
- Mas, quem fazia mesmo os testamentos?
- Quem fazia no meu tempo, que eu alcancei fazer sempre foi Luiz de Silvia.
- Ele fazia só?
- Não, todo mundo ajudava...você estuciava uma coisa falava a ele, ele escrevia, outra fazia outra estrofe, ele chegava e escrevia, e na hora do testamento soltava aquele depoimento como foi feito...como hoje tem que Maria é assim, assim cada um botava um defeito no outro.
- O senhor acha que o testamento piorou?
- Piorou 100%.
- Demorava em torno de quanto tempo a leitura do testamento?
- De primeiro eles tinha quase a metade de um caderno.
- E demorava quanto tempo para ler?
- Demorava uma meia hora de relógio, se não fosse mais de meia hora. E hoje não, é poucas folha que faz e o que faz nenhum presta...é fulano, é assim, assim, fulano da isso e isso, e nada presta, é só imoralidade...que eu sei que você assistiu só sai imoralidade, é um faz isso com fulano, outro faz isso com outro, fulano assim, assim, fulano é isso e isso, só aqueles defeito que no meio da repartição não se pode nem falar uma certas coisa...era graça que você chorava de tanto sorrir,

voltava os testamento fazia prazer você assistir, porque só era pachochada você ria da barriga doer...e hoje não, não é pachochada é imoralidade.

- E mesmo demorando a leitura do testamento o povo esperava?
- Todo mundo...só saia depois que botava fogo no Judas que acabava...ai saia todo mundo de carro, nos animal...naquele tempo não existia moto, carro era pouco que tinha também, era mais era animal, povo vinha de animal e marrava por todo canto aqui era quase tudo capoeira isso aqui, e ai quando terminava 12 horas da noite tava liberado todo mundo, todo mundo ia embora, não tinha negoço de festa, não tinha festa não...queimou o Judas todo mundo saia fora...nao tinha negoço de banda de nada, de forró, não tinha nada disso não.
- Como era escolhido o leitor do testamento?
- Como era? Luiz, ele mesmo fazia, ele mesmo lia...ele mesmo fazia o povo falava com ele...escrevia e ele mesmo voltava subia pro palanque, pra cima do carro e chegava e falava, lia o testamento, tinha ele, tinha mais...tinha mais outros por ai, mas de primeiro era Luiz mesmo, isso eu lembro, Toinho Funga também leu muito testamento.
- Desde o inicio as pessoas saiam pelas ruas carregando o Judas?
- Carregava, carregava.
- O senhor conhecia a primeira pessoa que carregou o Judas, lembra quem era?
- A primeira pessoa que eu assistir...em minha vida era o finado Antonio Tubi, filho do compadre Valdo, carregou um bando de ano, mas depois ele teve uns problemas, o finado Dezinho também, depois de Tubi, mas esse trabalhou eu não sei quantos anos, eu sei que trabalhou um bando de ano, depois teve outro problema, que ele bebia e desse problema ele viajou, até muderno, viajou, ai começou Antonio de Macaco, passou pouco tempo, mas eu já tava graudinho já, depois de Antonio de Macaco ai então eu entrei e estou até hoje.
- Quem o senhor acha que carregou o Judas por mais anos?
- Por hora ta sendo eu
- Tem quantos anos?

- Uns 36 anos a 37 anos, porque só no curral eu morei 10 anos, na minha roça...no meu lugarzinho moramos quantos anos? Uns 12...13 anos e eu já carregava o Judas na rua...eu morei onde...na minha fazendinha hoje eu carreguei uns 15 anos, no posto de junto de Miinho trabalhei uns 2 anos e tanto, depois vim aqui pra de junto de Delvita trabalhei uns 12 a 13 anos e voltei, fui pra roça novamente...voltei pra rua passei uns 10 anos ai no curral que eu trabalhava de guarda, mas o Judas carregava...aqui a gente ta com quantos anos?...7 anos e até hoje quem carrega é eu.
- E eram quantos dias de festa?
- A queima do Judas só era um dia.
- Então só era no sábado?
- Só no sábado toda vida...quer dizer de primeiro era sexta.
- Era sexta?
- Era, a feira de primeiro era sexta...queimava na sexta e no domingo tava todo mundo bebado (risos).
- Então era um dia só de festa?
- Toda vida foi um dia, como continua até hoje...é sábado de tarde, queima o Judas acabou a festa.
- E antigamente era na sexta?
- Era na sexta que era no dia da feira, ai depois mudaram lá...modificou o tempo lá, o povo modificou e mudou pro sábado e ta até hoje no sábado e tem o domingo que é o descanso.
- E quem organizava a festa do Judas?
- Era os presidentes que tinha, porque a festa é como eu disse ainda agora, você era um ano...agora o primeiro ano eu não sei quem foi, quando eu já me conheci por gente já, alcancei isso ai, o negocio da festa, só sei que a festa era assim, se você já era presidente, você passava um ano como quem resolvia todo problema de igreja e era você, todo mundo ia, mas quem.
- Então a mesma pessoa que organizava a queima do Judas era a mesma que organizava a da igreja?

- Exatamente...e ai agora quando completava um anos, voce dizia eu gosto de Toinho, eu vou pegar a bandeira e vou dar pra Toi, ai você pegava a bandeira e me dava, ai agora eu ia batalhar pra festa, com os amigos me dava carneiro, otros dava bezerro, e por ali eu fazia a festa e naquele ano ali, até eu entregar para outro você me ajudava, quando eu entregava para Fidelina ai eu ia ajudar ela, reforçar ela durante aquele ano, pedir aos amigos leilão, é pra fazer a festa, ai quando ela passasse pra outra pessoa ela já ajudava, aquela outra pessoa, ia batalhar, pedir aos amigos, já ela ia reforçar aquela pessoa que ela passou a bandeira.
- Aconteciam brigas durante a festa?
- Era difícil, difícil.
- Mas, o senhor lembra de alguma?
- Não, não...era uma coisa que hoje faz até medo, porque eles vão pulando e batendo no outro, com pouca hora briga. No ano passado, na queima do Judas eu vi...dois projeto de briga, dois cara empurrar um ao outro e empurrar uma mulher e derrubar, inclusive a mulher não dava...onde caiu do lugar que eu vinha, que a mulher caiu...caiu de junto de mim, eu parei...pra ela levantar...eu já vinha pertinho como daqui nessa porta ai...os vagabundo meteu a mão nas costas dela...que empurrou e ela caiu e eu parei...Culeiro disse borá Toi, eu disse borá o que, ai eu sacudi...ai balancei com a mão dei sinal a ele que não era assim também não, que a pobre caiu e ele voltar e querer que eu fosse...que eu tocasse o barco pra lá, mas não é assim.
- Em relação à filarmônica, como foi que ela surgiu junto com o Judas? Desde o inicio tinha?
- Tinha, de bom Jesus, o finado Tavinho era o encarregado, presidente, toda vida foi ele...o presidente da charanga era ele, dominava, era ele da igreja de bom Jesus.
- A filarmônica saia junto com a lavagem?
- Com a lavagem, tem a lavagem e tem a saída do Judas, tem a alvorada, tudo era dominado por ele, pela filarmônica.
- O que o senhor acha da festa como ela esta hoje, é melhor, o senhor preferia como era antes?

- Antigamente era melhor.
- Por que seu Antonio?
- Porque era tudo com mais educação...e hoje não é, como eu falei certo com Culeiro, que eu vou terminar, parar de carregar o Judas...eu disse que não ia e Paula disse que vinha puxar minhas orelhas para eu levar...que eu tinha que sair com o Juda, que outro ela também não aceitava sair, porque os outros nem um sabia brincar, e eu como já tinha...eu não guento sair, “você tem que sair seu cara de jegue”, que eu mais ele é mesmo que dois irmão...eu não vou sair, “você sair de qualquer maneira”, eu disse então faça eu sair sua burra discarada e ela disse você vai sair, ai eu sair, mais eu sair e disse a Culeiro vou sair mas não vou fazer representação nenhuma que eu não estou agüentando, eu boto na cabeça e saiu, mas outro também nos não aceita, ai agora de uns ano pra cá, de dois anos, que eu sair, que eu tava ruim também com uma dor na perna que eu amansando um burro cair e dei um mal jeito no pé, ai tava uns tempo que...ai mandou eu botar Bui de comadre Nininha, aquele moreno que ta, ali foi eu que botei, ai eu falei com ele, ele disse: “a Toi eu não saiu não eu vou sair com essa trepressa não”, eu disse: me ajuda porra, me ajuda, eu lhe pago, eu ganho 50,00 reais eu lhe dou 25 e fico com 25...você vai me ajudar, eu não vou carregar aquela trepressa botar na minha cabeça, vai porra, não vou não...eu disse voce vai não me deixe só...ai agora no dinheiro ele disse eu vou, falar a verdade nos somos muito amigo eu vou sair mais você, ai agora eu disse nós sai, você vai pra minha casa se apronta lá...ele disse não eu me apronto em casa mesmo pego a saia da mulher e vou (risos)...ai agora ele se aprontou e saiu, eu sei que ta com 2 anos...o ano passado eu cobre 200,00...foi 200,00 reais, ai Paula também não caçou conversa, eu vou lhe dá os 200,00 porque você merece sair...ai me deu e eu recebi 100,00 e dei 100,00 pra ele...porque ele me ajuda, mas eu sair mais do que ele...eu trabalhei mais do que ele, mas eu sou uma pessoa que se eu gostar eu gosto...ai Bui sempre você me acompanha, é uma reserva, se eu não agüentar eu lhe dou uma horinha e você me descansa uma horinha depois eu torno pegar de novo...eu vou te ajudar porque falar a

verdade nós se uni muito, agora eu não gosto desse troço (risos)...ai eu sei que ele me ajudou, sei que eu trabalhei mais do que ele, mas na hora do pagamento eu peguei e disse isso aqui é seu.

- Qual a importância de queimar o Judas no sábado de aleluia?
- Aquilo eu acho por um projeto que eles acharam que devia ser aquele dia.
- Mas, por que queimar o Judas no sábado?
- Porque...eu acho que é o dia próprio mesmo, deles marcarem pela data...de sábado de páscoa, porque acharam que devia ser no dia.
- O que mudou nessa festa com os anos?
- Rapaz (risos)...eu acho que o que mudou? Mudou muita coisa, porque de primeiro não era a...as festa que eles fazia de primeiro era diferente, inclusive a gente assistiu fazer essa modificação...não sei direito.
- O senhor ainda participa da festa?
- Até hoje.
- O senhor participava do Judas fazendo o que?
- Só dançando com o Judas...que eu não bebo, eu não fico pra festa, terminou a brincadeira eu venho embora.
- Então o senhor só vai para segurar o Judas?
- Só pra segurar o Judas.
- O senhor já ficou algum ano sem ir?
- Não, não. Nunca biquei um ano graças a Deus. Só saio quando diz assim terminou tudo. Ajudo ele lá a armar...ajudo a cavar buraco...não ajudei o ano passado, mas sempre eu ajudo a cavar buraco, eu corrijo o arame pra não ficar...porque qualquer diferença...tem uma caroca aqui Culeiro, o arame ta com uma diferencinha aqui, ai ele vem com a flecha confirmando pra ver se ta todo em dia, porque se ficar uma carquinha o avião não passa...ele chega ali engancha e volta pra cá e não toca fogo no Judas como foi o ano passado, eu ficou com uma diferencinha, já teve a chuva que teve...teve aquela chuva e no meio puxou o arame e ficou uma carquinha no meio, ai eu disse o arame tem uma carquinha no meio...não...tem aqui oh...o arame não ta legalizado o avião vai fazer paradeiro, não faz não...e outra ta chovendo ou cobre o Judas ou não

vai pegar fogo...quase não pegava fogo demorou, quando tava todo mundo pensando que não ia queimar mais que ele pegou fogo...o avião foi tocado fogo e voltou novamente, porque é obrigação ele voltar novamente pra onde foi botado,mas ele foi e voltou, ai foi preciso botar fogo nos cupim pra poder pegar fogo no Judas, porque ele tomou a chuva e no meio eles deixaram a caroca...que Culeiro não tava ai e eles teimou que não tinha nada...e eu disse o arame tem uma diferença eu vi uma curvasinha ele veio e parou ali, depois ele deu aquele supapo e seguiu chegou lá...foi mas não conseguiu tocar fogo...antes de chegar no meio ele parou.

- Mas quando o senhor era criança, era menino tinha já o avião para queimar o Judas ou não?
- Tinha, toda vida tinha o avião pra tocar fogo no Judas.
- Para o senhor esta festa é religiosa ou não?
- Eu sei lá, tem horas que eu penso que não.
- Por quê?
- Porque eu acho...dize que não foi projetada pra ter o Judas no sábado de páscoa, e ai formaram isso, mas isso não era conveniente...as vezes eles disseram, o padre disse que não era para fazer mais a queima de Judas...foi padre Elio ou Severino que disse que era para acabar com esse negocio de Judas, que Judas era traição que era para parar com essa brincadeira, que isso não era conveniente fazer , mas o mais é que manda...então ficou sempre o projeto de queimar o Judas, mas sempre dizendo que não tinha condição de queimar o Judas, que aquilo ali era uma coisa que não devia ser naquele dia....de sábado da paixão...que não era pra ter aquilo ali, não era uma coisa que Jesus deixou.
- O senhor acha que essa tradição vai permanecer passando por muitas outras gerações, permanecendo por muitos e muitos anos ou esta perto de acabar?
- Rapaz eu acredito que não acaba.
- Por quê?

- Não acaba porque esta tradição é muita gente interessada por ela, então todo mundo trabalha pra ajudar a não acabar, mas eu mesmo se fosse por mim acabava.
- Por quê?
- Porque eu entendo que aquilo ali não foi uma coisa deixada por Jesus...eu acredito que não foi, mas eles dizem que não acaba.
- O senhor acha que é importante manter essa tradição aqui?
- Eu acho que deve ser, né? Na verdade se acabar...eu falo assim, eu mesmo...quando chega o mês eu não durmo de noite fica aquele sentido, aquela preocupação no meu juízo...que dia vai ser...Fidelina que dia é sábado de páscoa...tu disse que não vai carregar, mas eu...pois e ai agora eu fico naquela apreensão, e digo sabe eu vou brincar que eu gosto, sabe porque? Porque eu amo a charanga, porque eu acho bonito...eu ainda lembro das musicas, tem umas musica velha que eu lembro, as cantigas do finado Tavinho...eu ainda lembro que o povo cantava mais ele...tinha aquela raiva que o povo cantava, mas ele chegava e cantava, ele fechava uma cara, e eu lembrei da musica, lembro da pistiada até hoje...e ai agora eu lembrei ainda foi ontem que eu tava lembrando...
- As pessoas que assistem falam o que da festa?
- Festa bonita...a eu não vou perder um ano.
- Quais às diferenças do começo do Judas para hoje?
- Antigamente era construído só um Juda.
- Mas isso não era perigoso?
- Era perigoso como é até hoje...é perigoso hoje, também é perigoso, do mesmo jeito daquele tempo.
- Mas hoje em dia o que desfila ainda tem bomba?
- O que desfila não.
- Mas, antigamente tinha?
- Tinha, eu trabalhei uns 10 anos carregando o que tinha bomba.
- E o senhor não ficava com medo não?
- Eu ficava...aí eles pegava aquelas bombas, aqueles cordão desse tamanho que cada bomba era dessa grossura, eu carregava aquele...ai

as bomba saia bateno...quando eu pegava com a mão, apoiano aqui assim, o cordão e sigurava el assim, pra ele não ficar muntho a banana, bateno...eu levava bem do meu jetho e ficava rodano...a ele era pesado...pegava de junto da mão pra ele não ficar dano assim...paco, paco, bateno ali na hora e sigurava ela pra não fica bateno, aquele cordão desse tamanho assim...eu sigurava, facava sigurano ela pra não bater...porque se batesse em minha mão, era bater e incendiar...incendiar acabava com tudo...ele faz muntha bramura.

- O senhor já participa do Judas há quantos anos?
- Do Juda?
- Sim.
- Do Juda tem...ah tem, eu to dento de 73 anos, eu comece com quantos anos...oxe que nada tem muntho ano...tem, porque a gente tem quantos anos de casado Fidelina?...é porque quando eu era sortero eu não carregava...quantos? 46.
- E as caretas quando surgiu na festa?
- Os caretas...os caretas...surgiu na festa...Aí eles queriam brincarem, eu vou amarra um pano na minha cara...aí agora, marrava aquele pano, saia...aí os Oto dizia tu saiu? Eu vou fazer também...tu faz cuma porra?...tu panha um pano marra, pega uma saia ou vestido e pega um pano marra no rosto, fura um buraco, assim no mei...aí tu faz toda bramura com os otros e ninguém te conhece...e aí começaram a fazer...do mei pro fim, todo mundo conheceu... fico ali fazeno... e hoje todo mundo faz...que dizer, todo mundo não que hoje com aquela roupa da... da... piriguete ai ta mudano viu nega... ta mudano... modificando isso ai qualquer hora vai ser chamada a justiça... pra não ter aquilo.
- As caretas?
- Não aqueles que se veste...aquela...sainha e fica só de sunga suspendeno, fica todo nu aquilo já era pra ter acabado... já era pra ter acabado aquilo... eu tenho um primo Júlio de zica ele é até advogado ele é muito simpre... mas ele sai, pega aquela sainha e sai só se sunga purinho (risos) mostrano tudo entonçe aquilo ali eu acho que aquilo ali ta errado eu falo ó primo não faz isso não... é até advogado ele é toin mas

eu faço, mas não tem nada não... não tem nada não... eu digo mas toma vergonha nessa cara (risos)... qual é porra? Que que tem... todo mundo é a mesma coisa vê e saber que tem toin... é assim mesmo porra. Urbano é que é mais representante do dia que de primeiro era ele e eu por que de primeiro ele fazia as máscara e eu chegava... veis deu fazer 10...hoje acabo...é poço mascarado que tem, mais saia mais de 20 ou 30 tudo mascarado...aí ele disse Toi? Oi. Você de qualquer maneira é o encarregado, tem o compromisso, e eu tenho o meu...você fazia até 10, 12 lá...e ele fazia ota porrada...era muntha gente...tinha muntha careta e hoje...tá com certo dia, ta com pouco dia...que fui compra, aí ele disse: oi...eu lembrei de uma coisa. Eu disse: foi o que Antoi? Oi, tem uma coisa que eu vo li avisa, você é o encarregado dos careta e do Juda e eu sô dos careta...você vai se cumbina aí...que nois vamo parar com isso, porque eu não quero sair mais. Ele disse: tu né dodho, você é maluco é...eu disse: to li dizeno que não vo sair mais, não vo sair mais, e quem me pertence eu não vo dextr sair mais...porque ta teno Antoi uma imoralidade, não ta respethano família de ninguém... só de sunga com aquela sainha e fica nuzinho...você acha que isso é de acordo? Ele disse: não, eu inclusivamente, eu sô contra a isso. Eu disse: pois eu já não tô contra não, to é mais do que contra...e eu vô larga de sai e quem for do meu grupo que é acostumado sair...o meu grupo que é da minha permissão, eu vou tirá de um a um...vou dextr eles toma conta...eu digo: o pior que se você dextr tomar conta...a coisa vai fica...ai agora eu quero vê como vai ficar a brincadera de sábado de páscoa...você pode continuar a seu, mais eu to lhe dizeno que qualquer hora eu dexo, eu lasco a mascara e joga no mato.

- Antigamente, durante a lavagem do Judas o povo levava bebida alcoólica, ou algum comerciante distribuía?
- Distribuía.
- Até hoje há essa distribuição de bebida?
- Há. Até hoje há.
- Que horas era queimado o Judas antigamente? Sempre foi meia noite?
- Sempre.

- Como era a programação da semana santa em Pé de Serra para os católicos?
- Tinha a missa, procissão, muitas coisas.
- Tinha alguma coisa que os católicos não podiam fazer durante a semana santa?
- Não podia comer carne.
- No mês da páscoa, já existia o movimento de subir a serra antes do Judas ou foi depois do Judas?
- Já, Já.
- Ouvir dizer que há muitos anos atrás era realizado uma missa em cima da serra, é verdade?
- Não sei não.
- Para o senhor qual foi a melhor festa de Pé de Serra?
- Pra mim é a queima do Judas, a melhor festa de Pé de Serra.
- Por quê?
- Porque todo mundo brinca, velho, novo, criança e não tem briga.